



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO**

JANNETH BEATRIZ TERÁN LOPEZ TROELSEN

**BRASÕES DA UFBA: ESTUDO DA INFORMAÇÃO
EM UMA ABORDAGEM SEMIÓTICA**

Salvador – Bahia

2009

JANNETH BEATRIZ TERÁN LOPEZ TROELSEN

**BRASÕES DA UFBA: ESTUDO DA INFORMAÇÃO
EM UMA ABORDAGEM SEMIÓTICA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação do Instituto de Ciência e Informação da Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial para obtenção do Grau de Mestre em Ciência da Informação.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Lidia Maria Batista Brandão Toutain

Salvador - Bahia

2009

T843a Troelsen, Janneth Beatriz Terán Lopez.

Brasões da UFBA: estudo da informação em uma abordagem semiótica. / Janneth Beatriz Terán Lopez Troelsen.

Salvador: UFBA, 2009. 207p.

f.: il.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal da Bahia, Instituto de Ciência da Informação.

Orientadora: Prof^a. Dra Lidia Maria Batista Brandão Toutain.

1. Ciência da Informação. 2 Semiótica. 3. Heráldica Universitária.

I. Título.

CDU 81'22:02

JANNETH BEATRIZ TERÁN LOPEZ TROELSEN

Brasões da UFBA: estudo da informação em uma abordagem semiótica. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação do Instituto de Ciência e Informação da Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial para obtenção do **Grau de Mestre em Ciência da Informação**, defendida, e aprovada em 28 de agosto de 2009, pela banca examinadora constituída pelos professores:

Prof^a. Dr^a. Lidia Maria Batista Brandão Toutain – ICI/UFBA

Prof^o. Dr. Jaime Robredo – CID/UNB

Prof^a. Dr^a Aida Varela Varela – ICI/UFBA

Dedicatória

Aos meus pais Zoila Luz e Ernesto (*in memoriam*) que foram meus maiores estimuladores rumo ao conhecimento e, que sempre acreditaram e apoiaram as minhas escolhas. Ao meu marido Peder que, ao longo da nossa história, sempre foi o meu grande incentivador e também por toda sua paciência, carinho e generosa fidelidade com que permaneceu ao meu lado, durante essa longa e estimulante jornada. Aos meus filhos, pela sua compreensão por ter convivido com a ausência materna durante este período. A Deus, por ter me dado a vida e estar sempre me ajudando na escolha de meus caminhos.

AGRADECIMENTOS

- Espero que eu consiga com palavras, o que neste momento, não possa ser feito com gesto ou imagens. Não que as letras não sejam capazes desta representação, mas é que as imagens visuais fazem parte, assim como essas pessoas especiais, de minhas paixões. Pois contribuíram para que este trabalho de investigação fosse concluído com êxito. Assim, tenho tantas razões para agradecer, abaixo de Deus.
- Tendo em vista a vida complexa e diante desse encadeamento nos envolvemos em múltiplas tarefas, a de mãe, mulher, amiga, filha, irmã, profissional... . Porém, não satisfeitas estamos sempre almejando novas experiências; buscamos a pesquisa, o retorno ao estudo. Assim, me inseri nesse contexto. A princípio parecia ser um sonho longínquo, distante, desafiante, instigador e se chegasse a ser uma realidade seria não só a glória e, sim a sensação do desafio vencido, das limitações ultrapassadas e muito mais, do sonho realizado. Impossível mencionar a todas aquelas pessoas que com seu apoio, incentivo, dedicação e crítica me prestaram inestimável contribuição nessa minha trajetória tardia, mas nunca tarde para acontecer, que também riram e me fizeram rir, seguraram minha mão, ouviram, leram, opinaram, normalizaram, revisaram, formataram, corrigiram, imprimiram... . A todos vocês que compartilharam... o meu carinho, o meu sorriso, a minha eterna gratidão.
- Aos meus pais, Zoila e Ernesto (in memoriam), pela grande dedicação e amor com que conduziram minha formação e educação e por acreditarem sempre na minha capacidade.
- A minha orientadora e amiga, Prof^a. Dra. Lídia Maria Brandão Toutain, meu agradecimento especial, por me orientar nesta caminhada aos estudos da semiótica, por suas observações, empenho, paciência e dedicação com a sua orientanda.
- Em particular, gostaria de ressaltar meus agradecimentos ao eminente Professor Pesquisador, Mestre e Doutor, Jaime Robredo, reconhecido por seus inegáveis, incontáveis e inigualáveis préstimos a Ciência da Informação, por suas brilhantes sugestões, valiosas idéias, críticas e atenção que foram fundamentais à realização desta dissertação de mestrado.
- A minha fiel parceira e amiga Valeria Bari pelas colaborações essenciais para a conclusão deste trabalho.
- A todos os professores do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da UFBA pela motivação com que nos contagiaram no decorrer dessa jornada e que com paciência compartilharam conosco os seus conhecimentos. E Aos funcionários do Instituto de Ciência da Informação (ICI) pela acolhida e contribuição.
- Impossível não ressaltar a importância que teve a convivência com meus amigos e profissionais da área, pelo convívio harmonioso, pela troca de conhecimentos e experiências. Aos colegas do curso de mestrado, pela amizade, convivência, profissionalismo e oportunidade de dividir ansiedades e alegrias. E a todos que, direta ou indiretamente contribuíram para a realização deste trabalho e, que se citados nominalmente com certeza cometeria a injustiça de omitir alguém.
- Ao meu marido Peder, companheiro e incentivador, pelo seu carinho, paciência e respeito, nesse momento tão enriquecedor. Aos meus filhos Peter Christian, William e Erik e noras, pelo carinho e compreensão.
- A CAPES por ter concedido a bolsa que possibilitou a realização deste estudo.
- A certeza maior: a presença Dele em todos os momentos para confortar, consolar, dar forças, sustentar e retribuir. Foi Deus que colocou outras portas em minha vida que foram abertas para novas descobertas e novos caminhos a serem seguidos, nesse eterno ir e vir, numa transformação contínua que sempre me torna um novo alguém. A Ele o meu maior agradecimento.

Um pensamento

A forma, em suas representações, é aquilo que ela é em nós: apenas um artifício para comunicar idéias, sensações, uma vasta poesia. Toda imagem é um mundo, um retrato cujo modelo apareceu em uma visão sublime, banhada de luz, facultada por uma voz interior, posta a nu por um dedo celestial que aponta no passado de uma vida inteira, para as próprias fontes da expressão.

Honoré de Balzac (*apud* MANGUEL 2001, pág. 29).

TROElsen, Janneth Beatriz Terán L. **Brasões da UFBA: estudo da informação em uma abordagem semiótica**. 207 pág. il, 2009. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Ciência da Informação. Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2009.

RESUMO

Por meio do referencial teórico da Ciência da Informação, da Semiótica e Heráldica, com subsídios da teoria da Representação examina o universo imagético - constituído do brasão de armas da Universidade Federal da Bahia, das suas unidades de ensino, do Hospital Edgar Santos e Museu de Arte Sacra e órgãos suplementares da UFBA. O objetivo geral deste estudo é analisar, numa visão semiótica, os *brasões* da UFBA para desvelar os elementos de significação, tendo em vista, a representação do resgate da memória, criando um aporte à imagem institucional. A metodologia da pesquisa foi análise de conteúdo, dos brasões e seus documentos administrativos relacionados. Concluiu-se que os Brasões da UFBA têm um significado informacional para a representação da memória desta instituição e a consolidação de uma identidade acadêmica.

Palavras Chaves: Ciência da Informação, Semiótica, Heráldica Universitária.

TROEISEN, Janneth Beatriz Terán L. **The UFBA's coat of arms: information study in a semiotic approach** (BAHIA, Brasil). 207 pag. il, 2009. Master Dissertation – Institute of Science Information. Federal University of Bahia, Salvador, 2009.

ABSTRACT

Through the theoretical referential of Information Science, Semiotics and Heraldry, with subsidy from Representation theory, this paper examines the image universe composed of the coats of arms of the Federal University of Bahia (UFBA), its educational units, the Edgar Santos Hospital and the Sacred Art Museum and subordinate entities of UFBA. The general objective of this study is to analyze, in a semiotic vision, UFBA's coats of arms to reveal the elements of significance, bearing in mind the representation of memory recovery, creating a contribution to the institutional image. The applied methodology consisted of content analysis of the blazons and their related administrative documents. It was concluded that UFBA's coats of arms carry informational meaning for the representation of that institution's memory and the consolidation of academic identity.

Key Words: Information Science, Semiotics and University Heraldry.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1: ORGANOGRAMA DA UFBA NO ANO DE 1960	32
FIGURA 2: ORGANOGRAMA ATUAL DA UFBA (UNIVERSIDADE, 2008, PÁG. 08)	33
FIGURA 3: BRASÃO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA, ORNADO COM A DATA DE 1808 LOGO ABAIXO DO TIMBRE.....	35
FIGURA 4: BANDEIRA DO BRASIL	66
FIGURA 5: BRASÕES DA UFBA QUE OSTENTAM O SIGNO DA CRUZ	70
FIGURA 6: CRUZES HERÁLDICAS TRADICIONAIS.....	71
FIGURA 7: ESCUDO FRANCÊS (COM PONTA) E PORTUGUÊS (BOLEADO)	72
FIGURA 8: BRASÃO DA ESCOLA DE TEATRO DA UFBA	76
FIGURA 9: BRASÃO DA FAMÍLIA ANNES, REGISTRADO NO INSTITUTO GENEALÓGICO DA BAHIA.....	77
FIGURA 10: OS METAIS	78
FIGURA 11: BRASÃO DA ESCOLA DE MÚSICA DA UFBA.....	79
FIGURA 12: OS ESMALTES E AS CORES	79
FIGURA 13: PARTIÇÕES DE ESCUDO	82
FIGURA 14: BRASÃO DE UNIDADE DA UFBA, TÍPICAMENTE ESQUARTELADO.....	83
FIGURA 15: BRASÕES DA UFBA QUE UTILIZAM SIGNOS ANIMALESÇOS	86
FIGURA 16: BRASÕES DA UFBA COM ELEMENTOS NATURAIS.....	88
FIGURA 17: BANDEIRA DOS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA	89
FIGURA 18: BRASÃO DE ARMAS DO ESTADO DA BAHIA	90
FIGURA 19: ANTIGO BRASÃO DA CAPITANIA DA BAHIA	91
FIGURA 20: BANDEIRA DA BAHIA, HASTEADA AO LADO DA BANDEIRA BRASILEIRA E DA BANDEIRA DO MUNICÍPIO DE JACOBINA, EM FOTO DE TIAGO MAYAH	92
FIGURA 21: BANDEIRA DA UFBA	93
FIGURA 22: ARTE LÁPIS-PASTEL DO BRASÃO DA UFBA	94
FIGURA 23: SELO COMEMORATIVO DA IMPLANTAÇÃO DO REUNI NA UFBA, EM 2009	95
FIGURA 24: BRASÃO DA UFBA	97
FIGURA 25: BANDEIRA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA	101
FIGURA 26: BANDEIRA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA	102
FIGURA 27: INSÍGNIA DO REITOR DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA	103
FIGURA 28: PENDÃO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA.....	104
FIGURA 29: BRASÃO DA FAC. DE ARQUITETURA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA	106
FIGURA 30: BRASÃO INSTITUTO DE FÍSICA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA	107
FIGURA 31: BRASÃO DO INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA	108
FIGURA 32: BRASÃO DO INSTITUTO DE MATEMÁTICA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA	109
FIGURA 33: BRASÃO DO INSTITUTO DE QUÍMICA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA	110
FIGURA 34: BRASÃO DA ESCOLA POLITÉCNICA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA.....	111
FIGURA 35: BRASÃO DA ESCOLA DE AGRONOMIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA	113
FIGURA 36: BRASÃO DO INSTITUTO DE BIOLOGIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA	114
FIGURA 37: BRASÃO DA ESCOLA DE ENFERMAGEM DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA.....	115
FIGURA 38: BRASÃO DA ESCOLA DE FARMÁCIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA	116
FIGURA 39: BRASÃO DO INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA.....	117
FIGURA 40: BRASÃO DA FACULDADE DE MEDICINA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA	118
FIGURA 41: BRASÃO DA FACULDADE DE NUTRIÇÃO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA	119
FIGURA 42: BRASÃO DA FACULDADE DE ODONTOLOGIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA	120
FIGURA 43: BRASÃO DO INSTITUTO DE SAÚDE COLETIVA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA	121
FIGURA 44: BRASÃO DA ESCOLA DE MEDICINA VETERINÁRIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA	122
FIGURA 45: BRASÃO DA ESCOLA DE ADMINISTRAÇÃO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA	124
FIGURA 46: BRASÃO DA ESCOLA DE BIBLIOTECONOMIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA	125

FIGURA 47: BRASÃO DA FAC. DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA	126
FIGURA 48: BRASÃO DA FACULDADE DE COMUNICAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA	127
FIGURA 49: BRASÃO DA FACULDADE DE DIREITO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA	128
FIGURA 50: BRASÃO DA FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA	129
FIGURA 51: BRASÃO DA FACULDADE DE FILOSOFIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA	130
FIGURA 52: BRASÃO DO INSTITUTO DE LETRAS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA	132
FIGURA 53: BRASÃO DA ESCOLA DE BELAS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA.....	134
FIGURA 54: BRASÃO DA ESCOLA DE DANÇA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA	135
FIGURA 55: BRASÃO DA ESCOLA DE MUSICA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA	136
FIGURA 56: BRASÃO DA ESCOLA DE TEATRO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA.....	137
FIGURA 57: BRASÃO DO HOSPITAL UNIV. PROF. EDGAR SANTOS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA.....	139
FIGURA 58: BRASÃO DO MUSEU DE ARTE SACRA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA	140

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS	5
RESUMO	7
ABSTRACT	8
LISTA DE ILUSTRAÇÕES.....	9
1 INTRODUÇÃO.....	12
1.1 Objetivos.....	18
1.2 Justificativa.....	19
1.3 Metodologia.....	21
2 A UFBA E SEUS SIMBOLOS	27
2.1 Estrutura Institucional da UFBA	28
3 SEMIOTICA DA IMAGEM.....	36
4 A HERÁLDICA E OS BRASÕES DA UFBA.....	68
4.1 A cor e sua Significação.....	73
4.2 Regras da Heráldica	81
5 ANALISE DOS BRASÕES	89
5.1 A Identidade da UFBA Representada pelos Brasões	95
5.2 Fichas Interpretativas dos Brasões..	100
5.3 Análise dos Brasões	141
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS E RECOMENDAÇÕES	148
REFERÊNCIAS	153
APÊNDICES	160
ANEXOS.....	203

1 INTRODUÇÃO

[...] além da vida do homem moderno ser totalmente regida por signos, os meios de comunicação empenham-se numa luta contra a estereotipação da linguagem, quanto mais previsível for uma mensagem, tanto menor será a informação dessa mensagem. (BROSSO; VALENTE, 1999, pág. 23).

A imagem tem sido meio de expressão da cultura humana, desde as pinturas pré-históricas das cavernas, milênios antes do aparecimento do registro da palavra pela escrita. Todavia, enquanto a propagação da palavra humana começou a adquirir grandes proporções já no século XV de Gutenberg, o crescimento imagético teve que esperar até o século XX para se desenvolver. Hoje, nossa vida cotidiana esta permeada de mensagens visuais.

As investigações das imagens se distribuem por varias disciplinas de pesquisa, tais como historia da arte, sociológicas, estudo das mídias, semiótica visual, design, teorias da cognição, dentre outros. O estudo da imagem é assim um empreendimento interdisciplinar.

O mundo das imagens se divide em dois domínios. *O primeiro* é o domínio das imagens como representações visuais: pinturas, gravuras, desenhos, ícones, fotografias e as imagens cinematográficas, televisivas, holo e infográficas pertencem a esse domínio. Imagens, nesse sentido são objetos materiais, signos que representam o nosso meio ambiente visual. *O segundo* é o domínio imaterial das imagens na nossa mente. Neste domínio, as imagens aparecem como visões, fantasias, imaginações, esquemas, modelos ou, em geral, como representações mentais. Ambos os domínios da imagem não existem separados, pois estão embricados, ou seja, ligados desde a sua gênese. O conceito desses dois domínios da imagem são os de signos e representação.

Não há imagens como representações visuais que não tenham surgido de imagens na mente daqueles que as produziram, do mesmo modo que não há imagens mentais que não tenham alguma origem no mundo secreto dos objetos visuais.

[...] o uso da imagem mental que representa um objeto traz como consequência, que o conjunto de representações, com todas suas inter-relações que, em soma,

constituem o imaginário do nosso conhecimento subjetivo. (ROBREDO, 2007, pág.53).

O universo das imagens é semiótico e o homem interage com os sinais, lendo os que o antecedem e formulando novos sinais em suprimento das necessidades emergentes, ou seja, unifica todas as ciências com a semiótica, tudo pode ser convertido a signo, de modo que todo elemento é passível de significações, como afirmava Peirce (1995, pág.83).

A representação tem sido um conceito-chave da semiótica, desde a escolástica medieval, sendo definido de maneira geral como o processo de apresentação de algo por meio de: signos, símbolos, imagens e as várias formas de substituição. A representação pode ser feita de várias formas. Por exemplo: por tipo de uma imagem, por tipo de um vestígio, por meio de um espelho e por meio de um livro.

Esse processo de representar, captar e interpretar a informação é simultâneo, permanente, contínuo; pressupõe um sistema de significação. As imagens fazem parte do sistema semiótico, que permite observar que as imagens, contrariamente, não podem servir como meios referenciais de reflexão sobre as próprias imagens.

A análise das características relativas às imagens em comparação com as dos documentos textuais permitem entender de forma mais clara o modo como essas imagens podem ser *trabalhadas*, a fim de oferecer ao usuário informações relevantes de acordo com suas necessidades. A importância do tratamento do conteúdo informacional dos documentos torna-se explícita, ao considerarmos os processos que envolvem sua adequada comunicação e recuperação.

Conhecendo tais características e a maneira como a Ciência da Informação as concebe, é possível inferir que o tratamento informacional de imagens presta-se, de modo peculiar, a *transformar* o mundo contemplativo do usuário num universo repleto de conhecimentos. Torna-se, hoje, imprescindível para a consolidação de ambos os campos teóricos, uma aproximação da Ciência da Informação e da Semiótica, enfatizando os sistemas de comunicação humanos, segundo Robredo (2003, *passim*).

A constituição de novos paradigmas científicos impõe outra dinâmica de conhecimento e de epistemologia, qualquer que seja o campo de saber em que nos situemos, mas em especial na Ciência da Informação. De modo geral, as transformações sucessivas por que têm passado as ciências demonstram irregularidades e rupturas, em vez de um movimento contínuo e retilíneo. Sobretudo no que tange às ciências humanas e sociais, o que se dá não é a mera substituição de um caminho enganoso por caminhos promissores de novas verdades.

Desde os primórdios da sistematização do conhecimento e dos trabalhos epistemológicos, foram desenvolvidos os rudimentos do corpo de instrumentos analíticos da palavra escrita e falada, mais tarde sistematizados como o método de investigação da análise de conteúdo. Muito embora a própria dinâmica da construção do conhecimento tenha sido alterada por um novo paradigma e pelo advento das novas tecnologias, seu discurso ainda se apóia na mesma estrutura lingüística. Assim, a análise de conteúdo preserva sua validade metodológica, até que sejam superadas as formatações convencionais da construção do conhecimento.

De acordo com Bardin (1977), a célebre definição de análise de conteúdo surge no final dos anos 40-50, com Berelson, auxiliado por Lazarsfeld afirmando que a análise de conteúdo é uma técnica de investigação que tem por finalidade a descrição objetiva, sistemática e qualitativa do conteúdo manifesto da comunicação.

Sendo assim a análise de conteúdo segundo Bardin pode ser entendida como

[...] um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos, sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não). A intenção da análise de conteúdo é a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção [...] inferência esta que recorre a indicadores quantitativos ou não. (BARDIN, 1977, pág. 20).

A análise de conteúdo é como um trabalho de um arqueólogo: ele trabalha sobre os traços dos documentos que ele pode encontrar ou suscitar, traços estes que são a manifestação de estados, dados, características ou fenômenos. Existe alguma coisa a descobrir sobre eles, e o analista pode manipular esses dados por inferência de conhecimentos sobre o emissor da mensagem ou pelo conhecimento do assunto estudado de forma a obter resultados

significativos a partir dos dados. Ele trabalha explorando os dados, como um detetive (BARDIN, 1977, pág. 32).

A análise de conteúdo é uma técnica de pesquisa para tornar replicáveis e validar inferências de dados de um contexto, que envolve procedimentos. Todo profissional da informação deve desenvolver habilidades e dominar sistemas, técnicas e métodos inerentes à necessidade por construção de conhecimento a partir de dados disponíveis de uma ou outra forma dentro do seu contexto de atuação. Mostra-se que é viável, com o auxílio de instrumental teórico adequado, explorar dados quanti-qualitativos e produzir informações consistentes que possam trazer respostas ágeis a muitos questionamentos que surgem no dia-a-dia no trabalho do profissional de pesquisa.

Para atingir os objetivos da análise de conteúdo, é necessário contar com recursos cognitivos pessoais prévios, numa técnica refinada, delicada, o que requer erudição, conhecimento e muita dedicação, paciência e tempo para satisfazer a curiosidade do analista, como investigador científico. Para efetivar uma análise dessa natureza é necessária intuição, imaginação e observação do que é importante, além de criatividade para escolha das categorias relevantes. Ao mesmo tempo, o analista deve ter disciplina na hora da observação dos dados e análise dos documentos. A análise busca o conhecimento das palavras e do que está oculto por trás das palavras e imagens, na busca de significados profundos e camadas de informações nas mensagens e discursos.

Assim sendo, a Análise de Conteúdo é uma metodologia adequada para todos os tipos de pesquisa que possam ser documentadas por meio de textos escritos (documentos oficiais, livros, jornais, documentos pessoais, fotografias, etc.), em gravações de voz ou imagem, mas não é acessível para todos os que desejam utilizar-se dela, pelas exigências de formação, habilidades e competências pessoais do analista. A narrativa imagética nos permite operar com outras metodologias e teorias além da análise de conteúdo. Assim, a partir do momento em que houve o confronto entre as informações advindas de diferentes espécies de fontes a pesquisa, foi gerada uma quantidade significativa de informações, que são passíveis de sistematização por diferentes campos e teorias do conhecimento, como a heráldica, a iconografia, a gestalt, a psicologia, entre outras, gerando assim os aspectos qualitativos da pesquisa.

O estudo da iconografia também se relaciona ao realismo imagético, pois diversos estudiosos e pessoas que trabalham com imagens, procuram na iconografia, subsídios para analisar essas imagens. Segundos os iconografistas as imagens não são feitas simplesmente para serem observadas, mas também para serem *lida*. A idéia de leitura de imagens remonta a um longo tempo, desde os primórdios da civilização até os dias de hoje. Para tal, é importante buscar a superação da visão indutiva da imagem, por meio da aplicação do instrumental teórico presente na semiologia, assim como é importante estudar a *gramática visual*, em que parcialmente estamos nos baseando, com referência principal nos estudos sobre iconografia de Panofsky (1995, pág. 47).

A interpretação e estudo de mensagens visuais são conhecidos, aproximadamente desde os anos 1930 e 1940, como *iconografia* ou *iconologia*, que vem se aprofundando cada vez mais no que se diz respeito aos estudos das imagens por pesquisadores e, que nos servem como subsídios para podermos analisar as imagens. Dessa forma podemos afirmar que as imagens são produzidas para se comunicar.

A contextualização de imagens nos remete a símbolos, ícones, reforçando a importância da iconografia nos diversos estudos que têm como objeto de estudo as imagens. A palavra iconografia se refere a *escrita da imagem*. Tem origem grega - *eikon* (imagem) e *graphia* (escrever, gravar, desenhar), mas que pode ter mais de um sentido, dependendo de seu uso:

- Pode se referir ao desenho (interpretação e análise);
- A uma publicação de várias imagens, coleção ou classificação de retratos.

O crítico e historiador alemão Erwin Panofsky (1892-1968), supracitado, um dos principais estudiosos da iconografia do século passado, conceitua os termos *Iconografia* e *Iconologia* como o primeiro sendo o estudo de um tema ou assunto e, o segundo, estudo do significado do objeto. De forma específica, o termo iconologia estuda os *ícones* ou os *simbolismos* em forma de representação visual nas artes, ou seja, seria a interpretação de um tema, por meio de um constante estudo cultural e histórico do objeto a ser estudado onde, o contexto histórico da obra e/ou imagem, assume fundamental importância para tentarmos interpretá-lo.

O estudo das imagens, como bem ensinou Panofsky no seu método iconológico, impõe o estudo da historicidade das imagens e a preservação da memória, muitas vezes perdidas no passado. O objetivo deste trabalho, embora sem seguir uma linha iconológica, foi refletir sobre a dimensão histórica da imagem dos brasões, recompondo a sua memória e as possibilidades efetivas de utilizá-la na composição de certo conhecimento sobre o passado.

A História pode ‘devolver’ as gerações do presente a perspectiva da experiência, [...], na mesma proporção que recupera memórias que, não raro, desconhecidas para os indivíduos, lhes devolve dimensões outras de identidade e de pertencimento. Por outro lado, a memória também pode funcionar como um elemento ‘ruptor’, fazendo aflorar aspectos até então desconhecidos [...]. A memória manifesta, assim, um caráter de inovação e não apenas de preservação. (PASSAVENTO, 2003, pág. 47).

Neste trabalho monográfico foram empregados como fontes de representações imagéticas, os brasões presentes na Universidade Federal da Bahia - UFBA. Erwin Panofsky, no seu livro “*Significado nas Artes Visuais*”, propõe que a análise de um objeto visual seja feita seguindo alguns passos, como:

- *Análise pré-iconográfica* - apresenta o significado natural ou primário, e consiste na identificação das formas puras como representações de objetos naturais e a percepção dos motivos artísticos, vital para que se compreenda a análise iconográfica, sendo parte integrante do estudo;
- *Análise iconográfica* - apresenta o significado convencional ou secundário, e consiste na associação dos motivos artísticos a assuntos e conceitos, possibilitando a estes o estatuto de imagens, estórias e alegorias;
- *Interpretação iconológica* - apresenta o significado intrínseco ou conteúdo, segundo Panofsky o mais relevante, e que consiste na “determinação daqueles princípios subjacentes que revelam a atitude básica de uma nação, um período, uma classe, uma crença religiosa ou filosófica”.

Em suma, este autor propõe, para a análise de um objeto visual, primeiramente sua descrição; depois, seu correlacionamento com outros elementos formadores da cultura da qual faz parte; e, finalmente, neste correlacionamento, “*o surgimento da possibilidade de descobrir seu significado intrínseco e sua função naquela sociedade, transformando-o em registro de*

uma época”. (PANOFSKY, 1995, pág. 62). Com a realização destas etapas chega-se ao ponto em que o objeto visual, descrito, identificado e decodificado, passa a explicar, em conjunto com outros documentos ou solitariamente, no caso de ser ele o único registro restante, a conjuntura em que ele foi concebido, suas finalidades e, seus objetivos.

Ao desenvolver um estudo especificamente voltado para o conteúdo informacional de um conjunto imagético, que são os Brasões da Universidade Federal da Bahia – UFBA surge o problema a ser pesquisado: *O conteúdo informacional dos Brasões da UFBA resgata a memória, representatividade e significado perante esta instituição de ensino?* Diante desta questão, pressupões-se então a seguinte hipótese: *Os Brasões da UFBA têm um significado informacional, para a representação da sua memória e consolidam sua identidade acadêmica.*

1.1 Objetivos

O objetivo geral deste estudo é analisar, numa visão semiótica, os *brasões* da UFBA para desvelar os elementos de significação, tendo em vista, a representação do resgate da memória, criando um aporte à imagem institucional.

Os objetivos específicos desse estudo são:

- Mapear os Brasões existentes da UFBA para a decodificação e leitura da Informação visual.
- Analisar o conteúdo informacional dos Brasões da UFBA, segundo pressuposto semiótico do significado e significante dos mesmos na visão da Ciência da Informação.
- Demonstrar o que o Brasão representa como conteúdo para a memória e a historia da instituição.

1.2 Justificativa

Na atualidade, o universo imagético vem ocupando lugar de destaque na sociedade contemporânea, justamente por ser, reconhecidamente, um dos principais recursos cognitivos. Com a instauração de um novo paradigma do conhecimento, a imagem passa a ser tratada como um significativo repositório de informações que antes passava despercebida. A partir dessa realidade, as várias formas como nos percebemos a informação, no decorrer da história, necessidades específicas de seu tratamento, ordenação e documentação, sempre em instâncias especializadas de armazenamento do conhecimento (bibliotecas, arquivos, museus, etc.).

O conjunto dessas informações que estão contidas nos documentos visuais, audiovisuais, textuais, etc. carregam em si o sentido da memória. Memória essa ligada a toda uma corrente de pensamento - e suas várias possibilidades de guardar o passado que passa a ser um saber constituído de vários povos.

Como afirma Santaella (2007) a informação não é, pois uma entidade física, um objeto tangível, visível, audível. O que se toca se vê ou se ouve é o documento escrito, gravado, contendo conhecimento registrado, em geral mediante um código de representação. A informação é um dos objetos mais representativos da teoria semiótica, ela é a representação produzida pela mente criadora dos homens a qual os auxilia na sua relação expressiva com o mundo. Como todo signo, tem caráter ágil e provisório. A informação é um signo que se atualiza na interface com o sujeito.

As afirmações sobre esse mundo imagético, imaginário, colorido e fascinante, levaram-me a pesquisar os Brasões e imaginar sua essência, sua simbologia, que informações estarão contidas em cada um de seus ícones, sua história e representatividade, que contribuíram para perpetuar a memória da Universidade Federal da Bahia.

Os símbolos heráldicos referentes a essa instituição, foram utilizados como referencial emblemático de representação da memória e afirmação da identidade da UFBA. Traços significativos do imaginário alusivo foram incorporados à simbologia dos seus referidos brasões.

Por meio da análise e da interpretação dos atributos heráldicos que figuram nos Brasões da UFBA, detentoras de denominação histórica, pode-se observar que houve uma proposta dessa instituição em buscar elementos da história, em sua composição. Esses elementos históricos, selecionados como relevantes, contribuíram na construção de uma memória que valorizasse a identidade nacional e/ ou institucional da universidade, conectando o presente ao passado, construindo a idéia de pertencimento.

A valorização dos atributos heráldicos e representações simbólicas, sobretudo as que aludem às atividades desempenhadas por essa Universidade, foi compreendida por esse estudo como referencial emblemático da memória e afirmação da identidade dessa instituição, a exemplo do que ocorre internacionalmente, principalmente nas universidades mais antigas do velho continente.

É conhecido de todos o uso e difusão de brasões como o da Universidade de Oxford, Cambridge, Sorbonne, Salamanca, entre outras. A imagem dos brasões torna-se um referencial para as comunidades acadêmicas, mas igualmente é comercializado como *souvenir* para toda a juventude, verificando-se que, inclusive, os turistas adultos e de terceira-idade adquirem camisetas, moletons e outros produtos estampados com os referidos brasões para presentear jovens. A atração juvenil pelos brasões é vinculada a uma relação de identificação com a comunidade acadêmica que o jovem gostaria de integrar e idealiza. Assim a Heráldica Universitária tem uma grande representatividade nas universidades mais conceituadas, e, como um efeito transversal, também auxilia na consolidação da imagem pública de universidades mais novas.

Dessa forma, a pesquisa aqui apresentada também busca auxiliar a construção de uma imagem pública atrativa aos jovens, futuros universitários, assim como fortalecer as relações de pertencimento e afetividade dos universitários, docentes e a equipe administrativa que já atuam nos ambientes universitários da UFBA.

1.3 Metodologia

A organização prática das fases de elaboração do trabalho de pesquisa obedeceu à estrutura de tópicos, proposta por meio dos objetivos específicos, segundo os critérios propostos por Laurence Bardin. Assim, o mapeamento dos brasões existentes da UFBA foi feito por meio de pesquisa de campo clássica (segue padrões pré-definidos e grupos estratificados), de caráter quantitativo. A análise do conteúdo informacional foi elaborada ao longo do período de pesquisa acadêmica, por meio dos estudos norteados pela Ciência da Informação, Semiótica e Heráldica, de caráter qualitativo. A demonstração da representação do brasão como conteúdo para a memória e a história da instituição, um objetivo certamente inesgotável, foi buscado por meio de análises descritivas, atribuições categoriais de caráter qualitativo e quantitativo e sínteses analíticas da própria pesquisadora e também em alguns princípios iconográficos propostos por Panofsky (conforme pág. 17 desta dissertação).

Para cada um dos objetivos específicos, foram aplicados determinados métodos:

- Mapeamento dos Brasões existentes, da UFBA, sendo utilizada a pesquisa de campo.
- Análise do conteúdo informacional dos Brasões da UFBA, segundo pressuposto semiótico do significado e significante dos mesmos na visão da Ciência da Informação. Para desenvolver esta etapa foi utilizada a análise de conteúdo, sob os princípios da Semiótica, da Heráldica e os princípios iconográficos.
- Para demonstrar o que o Brasão representa como conteúdo para a memória e a história da instituição, foi elaborada a pesquisa de caráter histórico, assim como a relação entre os símbolos heráldicos projetados e a cultura baiana, com ênfase na atividade universitária e acadêmica.

Como fatores de limitação da pesquisa, existiram as dificuldades em localizar o material imagético a ser pesquisado. Foram visitadas várias unidades de ensino da UFBA, o setor de memória da Biblioteca Central da UFBA, a Reitoria onde foi localizado o material da pesquisa, no gabinete do Reitor sob a guarda da administração central. Para verificar a existência de algum estudo referente aos brasões da UFBA, foi feita uma pesquisa no Arquivo

Publico do Estado da Bahia, no Instituto Geográfico Histórico da Bahia. Essa limitação indica a necessidade de preservação e difusão dos materiais cuja arte e originalidade apóiam categorias informacionais, relevantes à instituição e ao estado da Bahia.

O presente estudo adotou a metodologia de Análise de Conteúdo, pois esta, particularmente, é utilizada no estudo do material qualitativo, para o qual a pesquisa foi direcionada, representando a tentativa de uma compreensão detalhada dos significados e características situacionais apresentadas pelos componentes do universo pesquisado, além de ser adequada para uma investigação em nível de mestrado. Por essa razão, este estudo dispensa o uso de métodos estatísticos já que seu processo é composto pela prospecção de informações, interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados, seguindo critérios analíticos qualitativos.

A aplicação do método da Análise de Conteúdo está de acordo com os objetivos da pesquisa, que pode ser considerada descritiva, pois visa dissertar sobre as características de determinado universo e envolve o uso de técnicas padronizadas de coleta de dados, a exemplo da observação sistemática e da análise histórica. Segundo Richardson, (1999) Análise de Conteúdo

[...] é um conjunto de ferramentas metodológicas compreendendo uma natureza científica, devendo ser eficaz, rigorosa e precisa, com o intuito de entendimento de um discurso, aprofundando e evidenciando suas características e momentos importantes. (RICHARDSON, 1999, pág. 124)

Tais ferramentas são aperfeiçoadas conforme a situação em que ocorreu a coleta de dados, de modo que a análise dos dados será feita por meio dos pontos característicos, baseado na coerência dos dados, ou seja, a leitura transcreve o conteúdo dos documentos, alicerçado em conceitos psicológicos, sociológicos, históricos e nos princípios propostos Panofsky.

O universo pesquisado foi de trinta e quatro exemplares dos brasões representativo das unidades de ensino e da instituição UFBA, sendo estes desenhados em diferentes anos. A produção dos brasões se iniciou no ano de 1951, quando o criador da UFBA o professor Edgar Santos, tornou-se o primeiro Reitor. Quarenta anos se passaram e, no ano de 1991, no

momento em que o Reitor era o professor José Rogério Vargas, alguns outros foram desenhados. No ano seguinte, 1992, quando a Reitora Eliane Azevedo mandou seguir com a produção de mais outros exemplares foram acrescentados ao conjunto. Os últimos brasões do universo imagético estudado foram confeccionados no ano de 1995, quando o Reitor era o professor Felipe Serpa. Para esse estudo mapeou-se os brasões por área do conhecimento: *Área I, Área II, Área III, Área IV, Área V, além do brasão institucional geral da UFBA temos também os Órgãos Suplementares.* (UNIVERSIDADE, 1966, pag.36).

A partir da fundamentação teórica e da coleta dos brasões, foram utilizados os referenciais da Semiótica e da Heráldica como elementos analíticos. As imagens dos brasões desenhadas foram digitalizadas e anexadas a sua descrição textual, baseada em princípios heráldicos, com auxílio do dicionário de símbolos (CHEVALIER, 2008). Alguns desses brasões foram desenhados pelo senhor Victor Hugo C. Lopes um especialista em Heráldica que reside em Salvador – Bahia, enquanto outros exemplares foram criados pelo monge beneditino Irmão Paulo Lachenmayer, alemão naturalizado brasileiro. Nascido no ano de 1903, Lachenmayer faleceu aos 87 anos de idade, no ano de 1990, nesta cidade. Como um dos maiores especialistas em Heráldica, reconhecido em toda a América Latina, confeccionou brasões para inúmeros prelados e dioceses do Brasil. Todos os seus desenhos são identificados por uma marca que usava ao lado esquerdo do desenho.

A coleta ocorreu entre os meses de janeiro e fevereiro de 2008. Em primeiro lugar, foi feita uma observação sistemática de cada um dos elementos do universo pesquisado, isto é, os brasões. Concomitantemente, a história da instituição de ensino superior foi levantada, para que ficasse clarificada a relação entre os fatos históricos e a criação Heráldica dos diferentes brasões. As representações simbólicas profissionais, que também compõe um conjunto de signos heráldicos, foram igualmente pesquisadas e incorporadas às análises.

Foi verificada a preocupação em enfatizar a categoria profissional e o contexto histórico, na criação de cada brasão, às vezes de modo concorrente. Para a realização da análise de conteúdo obedeceu-se a descrição feita pelos heraldistas Lachenmayer e Vitor Hugo, nos princípios da gestalt, da heráldica e da iconografia. A ficha Interpretativa dos Brasões é conteúdo inédito desta pesquisa e foi elaborada com base nos procedimentos básicos propostos por Bardin. (1977, pág. 121).

- a) *A Pré – Análise*: Nesta fase se deu a localização e a organização do material a ser pesquisado, brasão, insígnias, enfim todo material imagético referencial da UFBA, assim como outros materiais relativos à pesquisa.
- b) *A Descrição Analítica*: Nesta fase, foi realizado um estudo mais aprofundado de todo o material reunido que constitui o *corpus* da pesquisa. Orientado em princípio do referencial teórico e, no cumprimento das decisões tomadas, durante a pesquisa.
- c) *A Interpretação Referencial do Material*: De posse da análise deste material, fez-se a interpretação das informações contidas nos brasões, que foram codificadas, categorizadas e quantificadas para, em seguida chegar à etapa da conclusão. Nos resultados, inferência e interpretação, conclui-se que por meio da descrição analítica e interpretação das imagens, atendemos aos critérios propostos por a informação e a comunicação.

Assim, a **Ficha Interpretativa dos Brasões** constará dos seguintes campos, derivativos do procedimento de **Descrição Analítica** de Bardin como um todo, que agregarão o seguinte conteúdo:

- a) *Identificação*: Título dado pelo heraldista à peça heráldica, que corresponde a sua procedência e função segundo os procedimentos de **Pré-Análise** propostos por Bardin (1977, pág. 11);
- b) *Figura*: Imagem da arte da peça heráldica, para referenciar toda a leitura dos demais campos da ficha, que trata exatamente da análise de conteúdo imagético, segundo os procedimentos de **Pré-Análise** propostos por Bardin (1977, pág. 11);
- c) *Localização*: Determina onde está arquivada a arte utilizada, que também é fonte da imagem digitalizada constante na ficha, segundo os procedimentos de **Pré-Análise** propostos por Bardin (1977, pág. 11);
- d) *Tipologia*: Descrição da arte utilizada como fonte na elaboração da ficha, os suportes materiais e a técnica de sua composição, segundo os procedimentos de **Pré-Análise** propostos por Bardin (1977, pág. 11);
- e) *Época de Construção*: Identificação da data de elaboração do projeto final do brasão, que é o momento mais importante para a interpretação histórica

do mesmo, e não de uma arte ou digitalização específica, segundo os procedimentos de **Pré-Análise** propostos por Bardin (1977, pág. 11). Essa data normalmente figura nos documentos descritivos elaborados pelos heraldistas, cujo conteúdo foi literalmente transcrito.

- f) *Contextualização da imagem*: Verificada pela pesquisadora, por meio de pesquisa de campo, segundo os procedimentos de **Pré-Análise** propostos por Bardin (1977, pág. 11), cita o *status* da imagem no contexto institucional pesquisado;
- g) *Análise formal*: Utilizando os princípios da Gestalt, Heráldica e Iconografia (esses últimos propostos por Erwin Panofsky), sob os procedimentos de Interpretação Referencial do Material propostos por Bardin (1977, pág. 11). A pesquisadora elabora a análise formal de cada brasão, interpretando o conjunto e suas partes, apoiada em informações dadas pelos próprios criadores da peça heráldica, informações históricas da UFBA, da cidade de Salvador, do Estado da Bahia e do Brasil, a história e simbologia da imagem pública das profissões.

Um dos conteúdos resultantes dessa pesquisa, sob a utilização da metodologia apresentada, é a segurança no fato de que podemos perfeitamente utilizar imagens como fontes históricas. Esse pressuposto é feito com base no resultado das análises da pesquisa entre outras, de forma que a história da criação da UFBA está registrada e até mesmo preservada nos seus Brasões.

Estrutura Monográfica

- *Capítulo 1 – INTRODUÇÃO*

Neste capítulo foi explicado o referencial teórico, o método a ser utilizado na análise dos brasões e uma abordagem sobre iconografia.

- *Capítulo 2 – A UFBA E SEUS BRASÕES*

Contou com a revisão, pesquisa bibliográfica e documental sobre os seguintes pontos

dados sobre características institucionais da Universidade Federal da Bahia, recomendações legais para a estruturação dos seus brasões.

- *Capítulo 3 – SEMIÓTICA DA IMAGEM*

Foram abordados os aspectos semióticos da imagem visual, da Heráldica, da Ciência da Informação relacionada à Semiótica, ou seja, estudo sobre a teoria dos signos, representação, linguagem verbal e não verbal, concretizando a fundamentação teórica da dissertação.

- *Capítulo 4 – A HERÁLDICA E OS BRASÕES DA UFBA*

Por meio do uso dos princípios e leis da Heráldica e sua exposição, para melhor compreensão por parte de toda a natureza de leitores da pesquisa, foi explicado o processo de concepção dos símbolos heráldicos em geral e, especificamente, dos símbolos heráldicos da UFBA.

- *Capítulo 5 – ANÁLISE DOS BRASÕES*

Realizou-se a análise dos brasões usando o método proposto por Bardin, ou seja, de procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição de conteúdo das mensagens indicadores que permitem a inferência de conhecimento relativo às condições de produção, recepção das mensagens, utilizando-se a análise categorial.

- *Capítulo 6 – CONSIDERAÇÕES FINAIS E RECOMENDAÇÕES*

Apresenta as considerações finais do estudo, as principais conclusões e as proposta de uso do conhecimento sintetizado e as futuras abordagens sobre o tema.

2 A UFBA E SEUS SIMBOLOS

O conceito de universidade surgiu na Itália, França e Inglaterra na Idade Média e se disseminou pelos continentes no início da era moderna. Está definida como uma comunidade acadêmica, dedicada ao desenvolvimento do ensino e da pesquisa em níveis especializados com a produção de conhecimentos relevantes ao progresso da sociedade. Seu papel tem sido este no decorrer dos vários séculos, mediante a superação de mudanças decorrentes da geopolítica, da revolução econômica, das tendências sócio- culturais ou mesmo mercadológicas.

A Universidade da atualidade tem um papel preponderante no cenário histórico de um país, por ser uma instituição que reúne a capacidade de fazer a síntese histórica da sociedade e de provocar os homens para que criem vontades ou energias para a organização social, por meio da educação formal e da produção de conhecimento. Dessa forma, o ensino universitário, mais do que fazer acumular habilidades e competências, é aprimorar a consciência, e preparar as pessoas para responderem sobre seu destino e sobre o sentido de sua vida. Neste sentido, é preciso entender melhor os contextos sócio-econômicos e políticos que permearam a trajetória da Universidade, com o intuito de contribuir para o entendimento da formação oferecida pela educação superior nos seus momentos históricos.

A análise retrospectiva do Brasil nos remete ao ano de 1549, quando o primeiro governador chegou à Bahia e com eles os primeiros padres jesuítas, a educação adquiriu apenas um relativo significado na preocupação colonizadora, por intermédio da catequese. E só então a primeira escola elementar foi aberta no Brasil, onde se ensinava a ler, a escrever e a contar.

Em 1551 é criado o *Colégio do Terreiro de Jesus*. Foi indiscutivelmente, o primeiro centro a praticar o *ensino universitário*, em toda América Portuguesa. O ensino universitário, à moda da época, rigidamente enquadrado nas regras da “*Ratio Studiorum*”, ou seja, ordenar as instituições de ensino de uma única maneira, permitindo uma formação uniforme a todos os que freqüentassem os colégios da Ordem Jesuítica em qualquer lugar do mundo. E, naturalmente, limitado pelas solicitações da sociedade colonial, ainda em formação. No ocidente, a igreja Católica é a responsável pela unificação do ensino superior em um só órgão,

a universidade. Isto ocorre como resultado de todo um esforço da igreja no sentido de fundamentar as suas ações políticas e religiosas, por meio da unicidade de pensamento e o controle da difusão de conhecimento em nível superior.

O ensino universitário colonial de certo modo, desde quando a Metrópole seja em Lisboa ou Roma, jamais permitiu a criação de uma universidade em sua colônia americana. Por muito tempo, o *Real Colégio da Bahia*, mais conhecido como o *Colégio do Terreiro de Jesus*, distribuiu em cerimônias imponentes, insígnias e diplomas acadêmicos, seguindo a risca o protocolo da *Universidade de Évora*, sediada em Portugal. Essas solenidades de graduação incluíam a entrega do anel simbólico, o livro de juramento e capelo azul. A biblioteca do colégio, por muito tempo a maior do Brasil, possuía em 1649 cerca de 3.000 mil livros de todo o gênero de escritores que se pode desejar, sob a guarda de zelosos e hábeis livreiros dentre eles o Pe. Antonio Vieira. Os jesuítas desejavam e requeriam que o *Colégio do Terreiro de Jesus* se transformasse em universidade. Essa pretensão manteve-se, desde 1583 até a expulsão desses religiosos do Brasil, em 1759, pelo Marques de Pombal. Mesmo após esse lamentável acontecimento, a Câmara Municipal ao lado dos Inacianos (ordem dos jesuítas fundada por Santo Inácio de Loyola) nunca deixaram morrer seu intento, pois continuaram a mandar ofícios, representações e requisições para a criação e oficialização de uma universidade na Bahia.

2.1 Estrutura Institucional da UFBA

A situação começou a mudar com a chegada da Família Real ao Brasil, quando Dom João VI defronta-se com a necessidade de imediato estabelecimento de condições culturais e tecnológicas de que, até então, o Brasil não pudera ou fôra forçado a não dispor. Com a instalação da Corte Portuguesa no Brasil, dirigiu-se legalmente o processo à “*augusta presença*” do Príncipe Regente, solicitando a criação de uma *universidade literária* na capital baiana. Mais uma vez a petição, datada de 10 de outubro de 1809 não foi atendida. (UNIVERSIDADE, 1967, pág. 11).

Em 18 de fevereiro de 1808, foi criada pelo Príncipe Regente a *Escola de Cirurgia da Bahia* por sugestão do Dr. José Garcia Picanço, Barão de Goiana, que idealizou o ensino

médico-cirúrgico, na cidade do Salvador, origem da atual *Faculdade de Medicina*, a mais antiga escola oficial de estudos superiores no Brasil. Foram incorporados ao Colégio Médico-Cirúrgico os cursos anexos de Farmácia, criado em 1832 e de Odontologia em 1864, pode ser considerado o núcleo formador da *Universidade na Bahia*. Não somente porque dela saíram, diretamente, mais de duas escolas que integram o sistema universitário baiano, mas também, pelos reflexos na vida cultural do estado e do país, já que desta faculdade saíram, não apenas profissionais de alto nível que se espalham por todo o Brasil, mas também médicos humanistas que se afirmaram, igualmente, em outros domínios do saber. Na ausência de outras escolas de ensino superior, a *Faculdade de Medicina* foi, na verdade, mais que um centro de ciências médicas, um foco de convergência de interesses generalizados no vasto campo da cultura. Em 1859 criou-se o curso de Agronomia, mas só foi incorporado a Universidade Federal da Bahia em 1967.

Mais de meio século após a fundação da *Faculdade de Medicina* surge à segunda escola de ensino superior, na Bahia, a *Escola de Belas Artes*, fundada em 1877, com o nome de *Academia de Belas Artes da Bahia*, que anos mais tarde incluía o curso de Arquitetura. Este só reconhecido em 1950, no mesmo ano em que a escola foi federalizada. Em fins do século passado, em 1891, surge a *Faculdade de Direito*, mantida como escola particular, até 1957. A *Faculdade de Direito*, rapidamente, se transformou num dos principais centros de cultura jurídica brasileira. Seis anos depois, em 1897, surge o *Instituto Politécnico da Bahia*, que mais tarde se transformou na *Escola Politécnica*, que em 1938 passou a pertencer ao Estado da Bahia. Retornou ao domínio da união em 1946, sendo logo incorporada à universidade.

Em 1905, criou-se a *Escola Comercial da Bahia*, mantida por uma fundação, a partir de 1931, iniciou seu curso superior de Administração e Finanças e em 1934 a antiga *Escola Comercial* passou a denominar-se *Faculdade de Ciências Econômicas*. Surgem em 1941 e 1934, a *Faculdade de Filosofia e Ciências e Letras*, respectivamente, fundada pela liga de *Educação Cívica*, cuja federalização ocorreu em 1950, mas desde 1946 já tinha sido incorporada à *Universidade da Bahia*.

Nos 41 anos que compreenderam a chamada *Republica Velha* (é a denominação convencional para a história republicana que vai da Proclamação da Republica, em 1889 até a

ascensão de Getúlio Vargas em 1930), muitos eventos ajudaram a fortalecer o ensino superior na Bahia, a fim de que, um dia houvesse condições capazes de impor, para a sua própria política de benefícios, o nascimento da sua primeira universidade.

Finalmente em 08 de Abril de 1946 o então Presidente da Republica Eurico Gaspar Dutra juntamente com o Ministro da Educação Ernesto Sousa Campos, assinaram o Decreto-Lei nº 9.155, que criava a *Universidade da Bahia*, cujo texto do artigo 1º reza que:

É criada a Universidade da Bahia, instituição de ensino superior, como pessoa jurídica, dotada de autonomia administrativa, financeira, didática e disciplinar, nos termos da legislação federal sobre o ensino superior e de seu estatuto. (BRASIL, 1946, Art.1º do cap. I). (UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA, 1971, pág. 9)

Naquele momento, ainda não se implantava uma verdadeira universidade. Fazia-se necessário um amplo esforço para agrupar as escolas tradicionais, não só no espaço físico, mas também num efetivo sistema universitário. Necessitava-se, ainda, da criação de novas unidades e órgãos complementares para o atendimento das necessidades culturais da sociedade baiana. Foi a esta tarefa de relevância que se lançou o Reitor Edgar Santos, nos quinze anos em que esteve á frente do destino da *Universidade da Bahia*.

Apesar de instituída oficialmente como *Universidade da Bahia*, em 08 de abril de 1946, sua constituição englobou a articulação de unidades isoladas de ensino superior preexistentes, públicas ou privadas. Fazendo parte todas essas escolas: Medicina, Belas Artes, Direito, Escola Politécnica, Ciências Econômicas, e a Faculdade de Filosofia, Ciência e Letras passaram a integrar a Universidade. Essas unidades de ensino superior constituíram o núcleo inicial da Universidade Federal da Bahia

Dentro desse esforço de ampliação do espectro de cursos a serem oferecidos, registra-se a implantação da *Escola de Enfermagem* em 1946, a qual só é incorporada à *Universidade da Bahia*, no ano de 1947 e, do Hospital das Clínicas, em 1949. A partir da Lei nº 4.226 de 23 de Maio de 1963 passa o mesmo a denominar-se *Hospital Universitário Professor Edgard Santos*, porém só em 1969 é que esse hospital foi incorporado a *Faculdade de Medicina*, tornando-se um importante centro de referência para o ensino médico e para o atendimento à saúde da população baiana. Nos anos seguintes se dá a criação da *Escola de medicina*

Veterinária (1951), Instalação dos *Seminários Livres* de Música, origem da atual *Escola de Música* (1955), Instalação das *Escolas de Teatro e de Dança* (1956).

Figura 1: Organograma da UFBA no ano de 1960

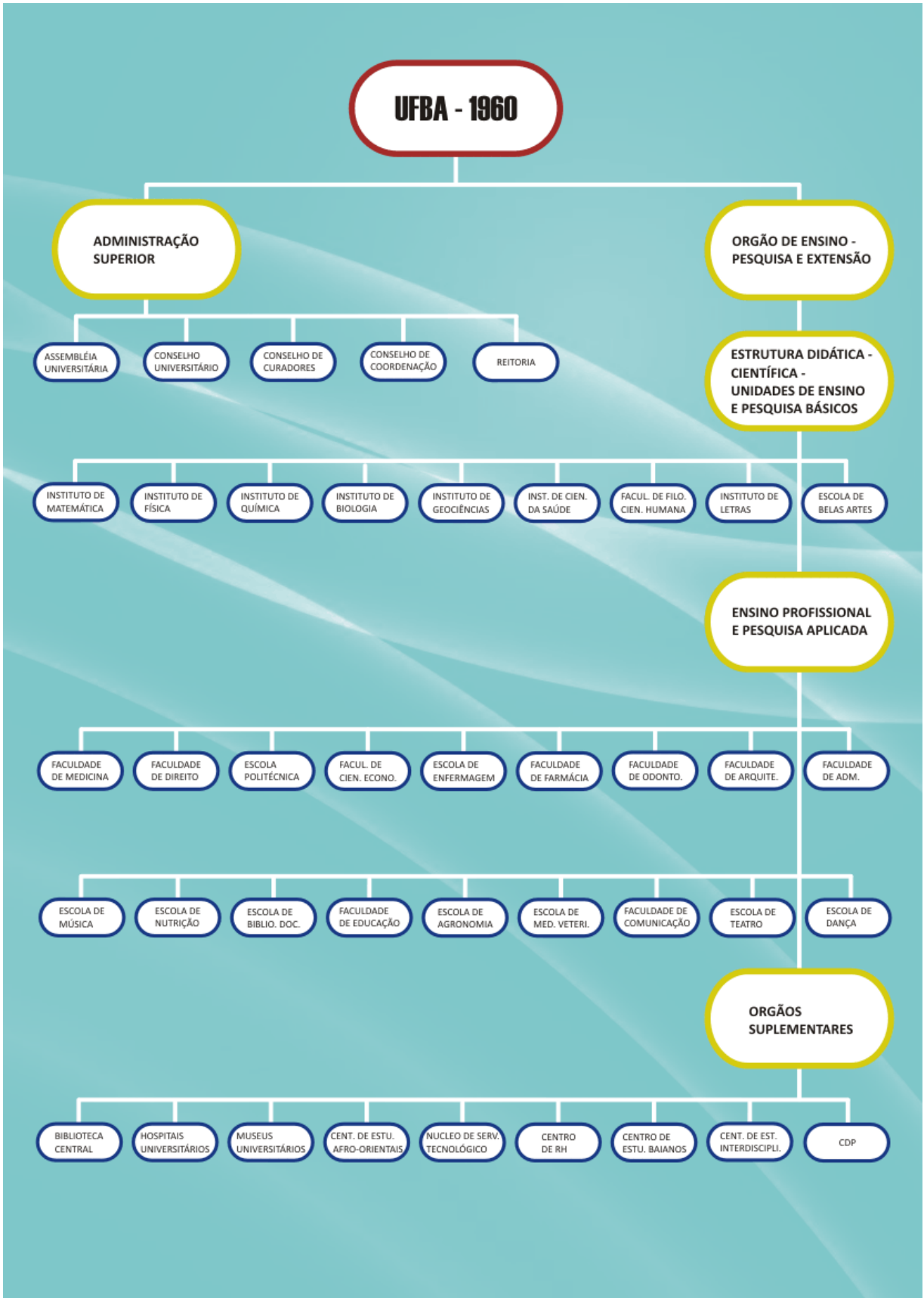
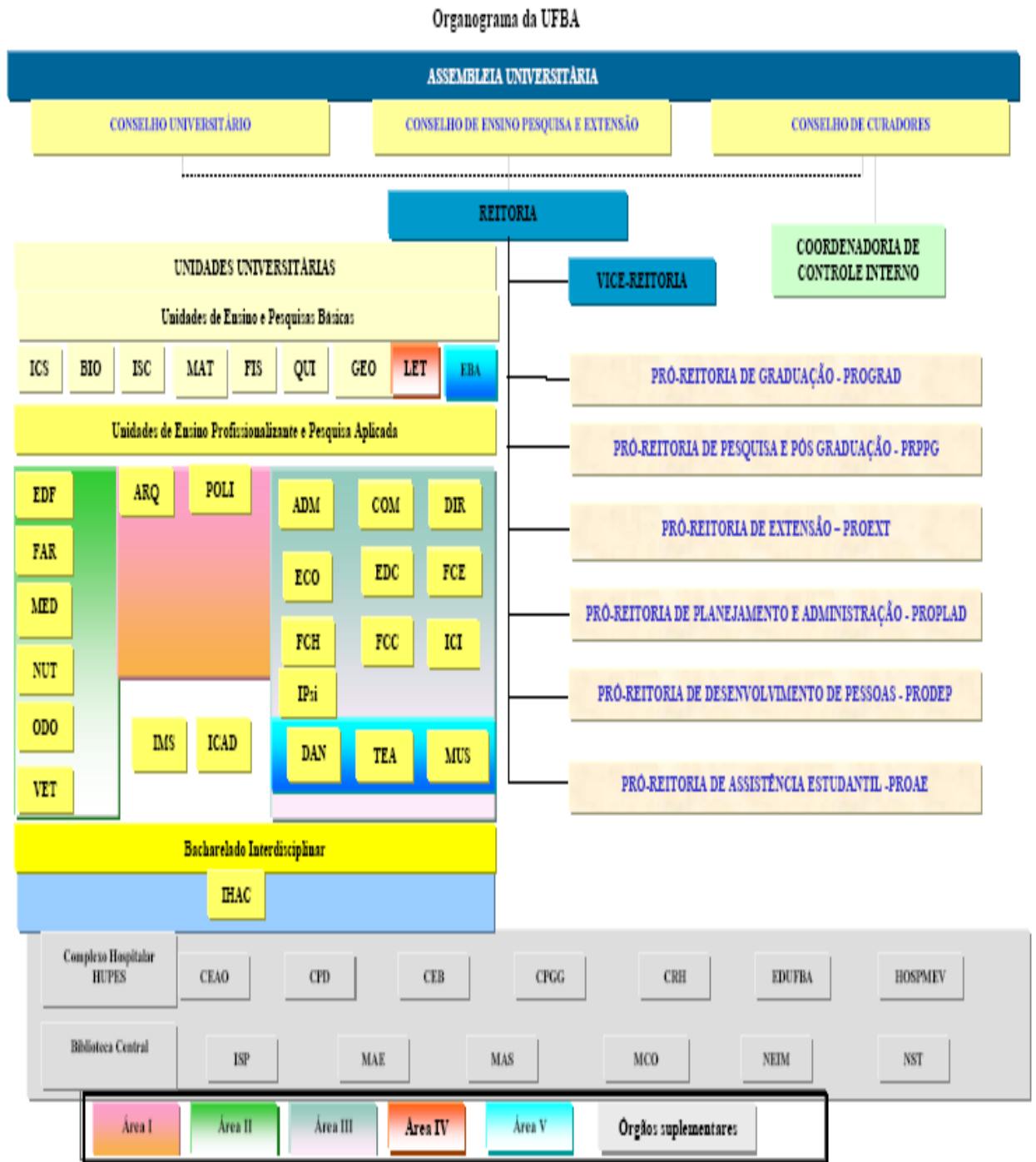


Figura 2: Organograma atual da UFBA (UNIVERSIDADE, 2008, pág. 08)



A Reforma Universitária, instituída pela Lei Federal 5.540/68, promoveu uma profunda reestruturação e modernização acadêmica e administrativa das universidades brasileiras. Nessa época, a denominação e qualificação das Universidades e Escolas Técnicas Federais, por meio da Lei nº 4.759, de 20 de agosto de 1965, a Universidade da Bahia passa a ter a denominação e qualificação de Universidade Federal da Bahia. Nela foram criados diversos órgãos centrais de gestão e implantados os novos Institutos de Matemática, Física, Química, Biologia, Geociências e Ciências da Saúde, as Escolas de Biblioteconomia e Comunicação e de Nutrição e a Faculdade de Educação, baseados na consagração da nova estrutura da UFBA, por meio do Decreto Federal nº 62.241 de 08 de fevereiro de 1968. O aumento da oferta de cursos de graduação, nessa época, exigiu uma significativa expansão da infra-estrutura física da UFBA, com a implantação dos *campi* do Canela e de Federação - Ondina.

A partir do início da década de 1970, foram implantados os primeiros cursos de pós-graduação – inicialmente em nível de Mestrado – dentro de uma política nacional de qualificação de docentes universitários, preparação de quadros profissionais avançados e incremento às atividades de pesquisa pura e aplicada. Ao longo dos seus 60 anos de existência, a UFBA conquistou reconhecimento social como a mais importante instituição de ensino superior do Estado da Bahia, desempenhando papel fundamental na própria expansão desse nível de ensino, considerando-se que a grande maioria dos profissionais que atuam nas IES públicas e privadas no Estado é egressa dos seus cursos de graduação e de pós-graduação. É também a universidade baiana que se diferencia das demais, pelo nível de consolidação das funções de pesquisa e de extensão

Figura 3: Brasão da Universidade Federal da Bahia, ornado com a data de 1808 logo abaixo do timbre



Numa demonstração de reconhecimento a importância da representação, foi criada pelo Conselho Universitário – CONSUNI, na atual gestão do Reitor Naomar Monteiro de Almeida Filho uma Resolução nº 01/08 que determina no exercício de sua autonomia acadêmica e institucional, a introdução da legenda 1808, data de criação da antiga Escola de Cirurgia, atual Faculdade de Medicina da UFBA, no brasão da Universidade Federal da Bahia, em todos os seus documentos oficiais, timbres, medalhas e títulos honoríficos. Esta resolução entra em vigor na data de sua aprovação – 25 de fevereiro de 2008¹.

¹ Como apêndice dessa pesquisa, encontra-se a Resolução número 01/2008, referente a introdução da legenda no Brasão da UFBA.

3 SEMIÓTICA DA IMAGEM

A Semiótica estabelece uma base científica para o estudo dos sistemas cognitivos biológicos, humanos e não-humanos. No caso dos sistemas cognitivos humanos, abrange a percepção e as representações feitas a partir da apropriação das características dos objetos ou idéias subjetivas percebidas. Assim, a Semiótica também está preocupada com os aspectos psicológicos. A Semiótica da imagem se caracteriza como o estudo das expressões não-verbais, segundo Toutain (2003, pág. 45), sendo que a imagem abarca o sentido figurativo, icônico, abstrato e o concreto da mensagem, estabelecendo uma mediação entre emissor e destinatário.

Segundo Pericot (*apud* TOUTAIN, 2003, pág. 48), o estudo da Semiótica marca duas linhas de investigação, a dos que consideram a imagem visual como um signo convencional e a dos que partem experimentalmente da imagem, como uma representação do objeto e não como um substituto convencional ao mesmo. No trabalho aqui desenvolvido, a linha de investigação pretendida para a análise dos brasões da UFBA considerará os mesmos como representações, passíveis de julgamentos e interpretações subjetivas e individualizadas, a partir de uma cultura coletivamente compartilhada.

Segundo Toutain (2003, pág. 115), é importante considerar que cada interpretação está submetida a uma leitura determinada, e essa leitura se faz individualmente, em um ambiente propício, no momento de produzir a semiose. Para Pedrosa (2007, pág. 44), a afirmação de Toutain coloca o sujeito, o intérprete, como fator central da Semiose, pois o interpretante só irá ser produzido na sua mente, caso já exista um repertório pessoal de signos que ajudem o intérprete a compreender o surgimento de um novo signo. Nesse sentido, Pedrosa considera que a cultura é constituída de diversos signos comuns aos seus integrantes, que devem se valer desses signos já conhecidos para estabelecer os julgamentos perceptivos de novos signos. Ao enumerar os elementos constitutivos da Semiótica, Campanhole explica que:

O julgamento perceptivo é o primeiro, pois sem ele não haveria como iniciar um processo de reação ao estímulo externo, portanto está dividido em dados icônicos, indiciais e simbólicos. O objeto, sempre coexistindo o imediate e o dinâmico, são para o presente o dado mais importante e complexo para um tratamento semiótico da percepção. O objeto imediato cabe ao papel do **percipuum** e, segundo Santaella

(1998), toda semióse percorre três etapas: qualidade de sentimento, relação física, generalização de um objeto que certamente correspondem ao *qualisigno*, *sinsigno* e *legisigno*. Percorridas estas etapas, pensando didaticamente, a apreensão perceptiva evolui para o objeto dinâmico, o objeto apresentando índices de regularidades, que cabe ao **percepto**. O *percepto*, num nível de sutileza muito grande, é limítrofe com a condição do signo atingir uma mente através de sua potencialidade de interpretante (rema, discente e argumento). (CAMPANHOLE, 2006, pág. 56)

O objeto imediato aqui estudado, o brasão, é fruto de um trabalho artístico de comunicação visual, propositalmente voltado para a transmissão de conhecimento socialmente relevante, apresentado com um índice de regularidades determinado por regras internacionalizadas, codificadas por meio da Heráldica. O objeto dinâmico, resultante da aplicação dos princípios do objeto imediato em uma cultura local ou institucional, é o universo pesquisado dos trinta e quatro brasões da UFBA.

A abordagem semiótica no estudo dos brasões da UFBA se insere diretamente na Ciência da Informação, pois, considerando a intencionalidade da criação e uso dos mesmos no contexto universitário, se configura como um fenômeno da Comunicação Social, passível de coleta e análise de indicadores. O fato de tratar e transmitir conhecimento coloca na Ciência da Informação e, só nela, a responsabilidade de aprofundamento no campo das Ciências Humanas e, portanto, das Ciências Sociais Aplicadas, das quais participa a Comunicação Social. Contudo, esse processo não se fará sem uma abordagem da linguagem visual, pois a informação hoje adquiriu caráter estratégico, tornando-se um elemento de influência e poder mais relevante na esfera do conhecimento e economia.

O mundo tem passado por transformações sociais, culturais, políticas e técnicas numa velocidade nunca antes imaginada, que nos dificulta a formação da própria identidade, uma vez perdidas as referências sociais e lingüísticas que não resistem a essas transformações. O surgimento das redes mundiais de informação adicionou sofisticação e agilidade aos meios de produção e disseminação da informação. Nesse contexto, a compreensão dos processos de significação tornou-se um dos principais desafios da Ciência da Informação (CI). O curso das últimas mudanças envolvendo a informação evidenciou a necessidade de articulações teóricas mais amplas, na medida em que a preocupação com o fenômeno informacional não é exclusividade de uma dada área de conhecimento.

A Ciência da Informação é notadamente uma ciência voltada para a compreensão dos fenômenos informacionais e se constitui pela aproximação de disciplinas distintas. As disciplinas tradicionais, originalmente preocupadas com a informação em seu suporte físico, são: a Biblioteconomia, a Museologia, a Documentação, a Arquivologia e o Jornalismo. A convergência das mídias para os suportes digitais fez com que as necessidades de comunicação, conhecimento e fruição estética se dêem em nível informacional, progressivamente utilizando interfaces tecnológicas, o que agrega novas disciplinas à Ciência da Informação como Linguagem Visual e não Visual, a Sociologia, a Matemática e suas aplicações tecnológicas.

A origem da Ciência da Informação está relacionada também com a explosão da informação e do conhecimento sistematizado.

A Ciência da Informação teve seu aparecimento e expansão no pós-guerra, principalmente a partir de 1950, quando pesquisas e documentos mantidos fora do fluxo normal de informação foram liberados para o conhecimento coletivo. (BARRETO *apud* ALMEIDA, 2002, pág. 101).

Também para Le Coadic (1996), o fato do crescimento do volume de informação foi primordial para o surgimento e o desenvolvimento da Ciência da Informação. Recebeu a incumbência de lidar com o tratamento e transmissão do conhecimento produzido, com a responsabilidade ainda de zelar pelo papel social da informação. Sua principal função é produzir conhecimentos que contribuam para a solução de problemas relacionados à organização de sistemas de informação especializados na incorporação, sistematização, disseminação e recuperação da informação.

O novo contexto informacional tem tornado cada vez mais comum o desenvolvimento de pesquisa cujo arcabouço teórico é fronteiro. Embora as áreas busquem o fenômeno em sua especificidade, compartilham, em determinados momentos, de interesses comuns em termos do campo de investigação. Esse compartilhamento pode ser compreendido como um esforço interdisciplinar. Em 1995, Saracevic abordou o problema da interdisciplinaridade da Ciência da Informação, lembrando que a origem e antecedentes sociais evoluíram para a recuperação da informação, que constitui segundo o autor *a atividade principal da Ciência da Informação* (1996 pág. 48-49). A interdisciplinaridade, teórica ou prática, confirma o resgate

de conhecimentos de outras ciências condensadoras e revisoras, para que sirvam de aplicação à Ciência da Informação.

A Ciência da Informação se consolidou, por meio da aproximação e interação de distintos campos de conhecimento. A tentativa de estabelecer interfaces entre informação e semiótica efetiva-se como um desafio hoje necessário. De nossa perspectiva a centralidade do desafio reside na urgência do estabelecimento de uma convergência semiótica na orientação dos estudos referentes aos processos informacionais.

Nesse cenário, temos a informação como um dos objetos de estudos mais emblemáticos da teoria semiótica. A informação é compreendida, no escopo deste trabalho, como as representações produzidas pela mente criadora dos homens a qual os auxilia na sua relação expressiva com o mundo. Capurro dizia que:

[...] a informação não é produto final de um processo de representação, ou algo que esta sendo transportado de uma mente para a outra, ou, finalmente algo separado de uma subjetividade encapsulada, mas sim uma dimensão existencial do nosso estar-no-mundo-com- os outros. (CAPURRO, 2003, pág. 56)

Na perspectiva peirciana a informação envolve um processo de aquisição de conhecimento. O conhecimento tem uma dimensão informacional e outra verbal. A dimensão informacional requer experiências mais amplas e vão além daquelas que se depreendem da compreensão dos símbolos e a verbal vincula-se a uma perspectiva simbólica (JOHANSEN *apud* MOURA, 1993, pag. 18).

A semiótica, conforme formulada por Pierce descreve a representação como um processo envolvendo um objeto, alguma coisa que o *representa* e o efeito da representação, na ausência do objeto, na mente de um usuário. Representação é desta maneira, um processo ocorrendo na mente de alguém, produzindo nesta mente algo distinto do objeto a que se refere. A representação então relaciona o objeto que ela representa com a mente que o percebe.

A representação é parte de um complexo processo cognitivo. Peirce afirma que *a lógica é a ciência das leis necessárias gerais dos signos, especialmente dos símbolos* (PIERCE, 1995, pág.45) e, ainda, que *"todo o pensamento, portanto, deve necessariamente, estar nos signos"* (PIERCE, 1995, pág.46). Este processo cognitivo, em seu primeiro estágio, envolve um confronto com a realidade, aprendizado a partir desta experiência, conceitualização e abstração. A vida real é uma realidade demasiadamente vasta e bastante complexa para ser captada em sua totalidade pela mente humana. Aspectos desta realidade, para serem armazenados na mente de alguém para uso futuro, devem ser filtrados, sintetizados.

Peirce compreendia a semiótica como uma filosofia dos signos, o que significa dizer que a mesma estuda a essência genuína do signo, o seu modo de ser e a sua estrutura básica. A tese central da Semiótica peirciana informa que todo o pensamento se dá em signos. Sendo assim, os gestos, as idéias, as cognições e até a própria humanidade são consideradas entidades semióticas.

Pierce conceitua como *"um signo ou representâmen, aquilo que, sob certo aspecto ou modo, representa algo para alguém"* (1995, pag.167); representar seria *"estar no lugar de, isto é, estar numa tal relação com outro que, para certos propósitos, é considerado por alguma mente como se fosse este outro"* (1995, pag.168). Na representação de um documento por meio de uma referência bibliográfica, o objeto seria o documento original, o signo seria a referência bibliográfica e o interpretante seria a idéia do documento criada pela referência na mente de um usuário. Este signo seria, mais especificamente, um ícone. Um ícone é um tipo de signo que pode representar um objeto, porque seus atributos têm relações análogas com os atributos do objeto sendo representado.

A revolução industrial impulsionou a proliferação e a difusão de informações e mensagens criando as condições para a aparição futuras das super-vias digitais. Criou no ambiente social do sec.XVIII os elementos necessários ao surgimento de uma consciência semiótica. Essa consciência intensificou a necessidade de constituição de um campo científico que fosse capaz de criar dispositivos de indagação e instrumentos metodológicos próprios para analisar os fenômenos sígnicos.

A semiótica contemporânea nasce no final do século XIX início do século XX. Na ocasião em que Peirce apresenta a idéia do estudo sobre os efeitos dos signos na sociedade utilizando o termo *Semiótica*. Com relação ao uso do termo semiótica, Nöth (1995) explica que este termo foi empregado pela primeira vez na medicina. Posteriormente, Saussure se refere à teoria geral dos signos utilizando o termo *Semiologia*. Assim, Semiologia e Semiótica podem em sentido geral ser definidas como *ciência dos significados* de praticas significantes ou especificar-se em campos particulares, como semiologia da imagem, semiótica visual, entre outros. (FRAENKEL *apud* TOUTAIN, 2003, pág.142).

A Semiótica refere-se a um ponto de vista, a partir do qual é possível conduzir uma investigação. Acredita-se que pensar na informação do ponto de vista semiótico pode enriquecer a nossa compreensão desse fenômeno e contribuir para o aprimoramento das ações desenvolvidas pelos profissionais da informação que, há muito se tornaram elemento indispensável na mediação entre usuário e informação. O ponto de vista semiótico pode contribuir para o alargamento da noção de informação compartilhada atualmente no âmbito da Ciência da Informação.

As intersecções entre Ciência da Informação e Semiótica estão concentradas na área de organização da informação. A maioria dos trabalhos que versam sobre o tema Semiótica na Ciência da Informação destaca a relação existente entre informação e signo. A informação é entendida como signo, pois qualquer processo de comunicação de um conteúdo é mediado por signos. Nessa perspectiva, quase que substituem o termo *informação* pelo de *signo*, mas este último composto de atributos que demonstram vantagem explicativa, em relação ao conceito de informação.

A Semiótica permite ainda ampliar a compreensão do sentido de termos e, conseqüentemente dos fenômenos comumente implicados na análise documental: representação, interpretação, tradução, leitura, descrição, linguagem documentária e linguagem natural.

A semiótica tem por objetivo identificar e definir a natureza de um signo, a relação que mantém com o objeto representado, a atuação possível de um interpretante na pratica relacional que estabelece entre o modo de representação de um signo e seu objeto, parcial ou

totalmente representado, constitui condição imprescindível para que se estabeleçam os padrões característicos de uma linguagem. Portanto, é inerente a constituição do signo o seu caráter de representação, de fazer presente, de estar em lugar de algo, de não ser o próprio algo. O signo tem o papel de mediador entre algo ausente e um interprete presente. Os signos se organizam em códigos, constituindo sistemas de linguagem. A principal utilidade da semiótica é possibilitar a descrição e a análise da dimensão representativa (estruturação sógnica) de objetos, processos ou fenômenos em varias áreas do conhecimento humano.

Nesse sentido,

Todas as palavras, sentenças, livros e outros signos convencionais são símbolos. Falamos de escrever ou pronunciar a palavra “homem”, mas isso é apenas uma réplica ou materialização da palavra que é pronunciada ou escrita. A palavra, em si mesma, não tem existência, embora tenha ser real, consistindo em que os existentes deverão se conformar a ela. É um tipo geral de sucessão de sons, ou *representamens* de sons, que só se torna um signo pela circunstância de que um hábito ou lei adquirida levam as réplicas, a que essa sucessão dá lugar, a serem interpretadas como significando homem. Tanto palavras quanto signos são regras gerais, mas a palavra isolada determina as qualidades de suas próprias réplicas. (PEIRCE *apud* SANTAELLA, 2004, pág. 135-136).

Como todo signo, a palavra tem caráter ágil e provisório. Na sua articulação, leva em consideração os dados fornecidos pela realidade e obedece às determinações da capacidade cognitiva do sujeito, dada, sobretudo por sua experiência colateral. Capacidade está potencializada nos processos de formação. A informação é um signo que se atualiza na interface com o sujeito. Para Santaella,

A semiótica [...] é a ciência dos signos que investiga e busca o entendimento de toda e qualquer linguagem (verbal ou não-verbal). A semiótica é uma ciência formal e abstrata, num nível de generalidade ímpar. (SANTAELLA, 2005, pág. 16)

A noção peirceana de signo consiste na relação triádica *signo-objeto-interpretante*, onde o *primeiro* elemento da tríade – o signo – comparece como mediador entre o *segundo* – o objeto – e o *terceiro* – o interpretante. É importante observar que a tríade semiótica envolve

dois tipos de relações: *determinação* e *representação*, sendo que as relações de representação estão submetidas às relações de determinação. Isso significa que a representação somente ocorre em função da determinação e, em vista disso, a representação constitui uma face de algo maior, que é a *mediação*. Mas se, como afirma Santaella, o signo ao determinar o interpretante transfere para ele à tarefa de representar o objeto, nós podemos também afirmar que, ao determinar o signo, o objeto transfere para o signo a tarefa de representá-lo. Então, o *signo* representa o *objeto* porque sofre uma relação de determinação por parte deste objeto. Acredita-se, que a intersecção entre Ciência da Informação e Semiótica está concentrada na área de organização da informação.

Segundo Toutain (2007) o termo *representação*, relacionado com o mundo cognitivo, pode ser analisado e interpretado de diferentes maneiras; consiste em perceber, descrever, gravar e interpretar uma informação. A representação é um processo em que envolve dois mecanismos: um verbal, e outro mental. O método de captar, representar e interpretar a informação é simultâneo, permanente, contínuo; pressupõe um sistema de significação. A comunicação humana caracteriza-se pela capacidade de criar, adquirir, aprender a usar códigos constituídos por signos, que são o resultado provisional de regras de codificação, as quais estabelecem correlação transitória, passíveis de interpretação.

As disciplinas acadêmicas são estruturadas perante o desenvolvimento da humanidade, mas nem todas têm uma implicação tão forte, tão dependente desse processo quanto a Linguagem, podendo-se dizer que interfere em vários campos teóricos, como os da Antropologia, da Sociologia, da Filosofia ou da Economia, pelo simples fato de ter como objeto de estudo a linguagem oral, escrita e representada, como um elo de fundamental importância nesse desenvolvimento.

[...] quando dizemos linguagem, queremos nos referir a uma gama incrivelmente intrincada de formas sociais de comunicação e de significação que inclui a linguagem verbal articulada, mas absorve também, inclusive a linguagem dos surdos-mudos, o sistema codificado da moda, da culinária e tantos outros. Enfim: todos os sistemas de produção de sentidos aos quais o desenvolvimento dos meios

de reprodução de linguagem proporcionam hoje uma enorme difusão. (SANTAELLA, 2005, pág. 28)

Reportamo-nos a Foucault quando diz que:

O que distingue a linguagem de todos os outros signos e lhe permite desempenhar na representação um papel decisivo não é o fato de ser individual ou coletiva natural ou artificial, mas sim o fato de que ela analisa a representação segundo uma ordem necessariamente sucessiva [...], a linguagem não pode representar o pensamento de imediato, na sua totalidade; precisa dispô-lo parte por parte segundo uma ordem linear. [...] É nesse sentido estrito que a linguagem é análise do pensamento: não simples repartição, mas instauração profunda da ordem no espaço. (FOUCAULT, 1999, pág. 108)

A contribuição da lingüística via linguagem, e a função social da Ciência da Informação, via comunicação, fornecem uma das questões prioritárias no meio documental neste final de século. Foucault afirma que “*a existência da linguagem é soberana, pois que as palavras receberam a tarefa e o poder de representar o pensamento*” (1999, pág. 107). Pensamento representado pela extensão do vocabulário e pela fertilidade de seus elementos na qual se incluem dois modos operantes: o fixo, em que a palavra é a base da construção limitada, restrita, e o flexível, em que as palavras têm múltiplas definições e são dotadas de combinações associativas. (MOLES *apud* MENDONÇA, 2000, pág. 55).

A linguagem é a base de toda e qualquer forma de comunicação. Podemos categorizar as linguagens segundo a natureza dos códigos nela empregados. Com efeito, para os cientistas da informação a Lingüística, ciência da língua, é considerada fundamental, principalmente, quando partem da seguinte premissa: já que trabalhamos com a língua em suas manifestações registradas, são indispensáveis conhecimentos lingüísticos.

Por essa ótica, a relação entre estas duas áreas parece bastante óbvia, pois a Ciência da Informação lida com a linguagem como primeiro meio de comunicação da informação e a Lingüística estuda a linguagem (MONTGOMERY *apud* ALMEIDA, 1972). Esse argumento orienta, de certo modo, os estudos lingüísticos na Ciência da Informação. A Lingüística tem

grande importância para a Análise Documentária, que se utiliza de métodos e processos para descrever o conteúdo dos documentos, neste caso, imagens, a partir da identificação de signos e significados relacionados às obras, compreendida por intermédio da Semiótica.

A representação da informação tem, na linguagem, o seu principal veículo, estabelecendo uma relação entre Ciência da Informação e Linguística: enquanto que a primeira se interessa por todos os aspectos da comunicação da informação, inclusive tendo a linguagem como veículo básico para tanto, a segunda estuda a linguagem como um sistema para comunicar a informação

A linguagem atualmente assume grande importância diante do poder tecnológico, e a língua é o principal patrimônio, que tem na terminologia um instrumento de política linguística.

O conhecimento e domínio da linguagem pelo profissional da informação o torna um profissional com poder de intervenção em qualquer área do conhecimento humano, no sentido de difundir com clareza e emergência as informações e conhecimentos, levando a potencialização do desenvolvimento colaborativo e integrado da ciência em âmbito global. Por outro lado, e com a utilização do mesmo conjunto de habilidades e competências linguísticas, o profissional da informação pode restringir a circulação de conhecimentos relevantes à sociedade, movido por pressões político-econômicas, o que faz emergir a discussão ética sobre a posse e difusão social do capital informacional global. Por isso, a Ciência da Informação e seus profissionais paulatinamente ganham destaque social nesse momento histórico e científico, que se caracteriza segundo regras globais da Economia da Informação.

O “Homo Sapiens” teria vivido também num universo de signos indiciais: nuvens (signos para o tempo), folhas (podem me permitir inferir sobre as estações), sulcos na terra (indicam-me as conveniências para o cultivo), movimento do sol (horário). Os fenômenos naturais, em si, não dizem nada. “Dizem” à medida que a humanidade aprendeu a lê-los.

Aquela sociedade não poderia sobreviver se não tivesse elaborado os próprios sistemas de interpretação dos dados materiais (que, por meio da interpretação, tornam-se dados

culturais). Da pedra ao desenho da pedra. Daí toda uma ordenação simbólica que fatalmente levou à escrita. Sendo ela uma invenção antiga, surgiu na Suméria, região da Mesopotâmia, há cerca de três mil anos, em plaquetas de barro. Com o tempo, os primeiros símbolos foram se modificando e tomando diferentes formas, até aparecer o alfabeto que usamos hoje.

A Semiótica estabelece ligações entre dois mundos sógnicos: o império do *verbal* e do *não-verbal*. O *não-verbal* está representado pelo ícone (imagem) e o *verbal* pelo símbolo. A linguagem é um instrumento poderoso e não se pode ignorar o modo como ela se articula.

A gravação de imagens nasce da necessidade do ser humano de comunicar-se, expressar-se ou acumular ordenadamente seus conhecimentos, antes que houvesse desenvolvidos os rudimentos da linguagem escrita. As formas de comunicação utilizadas pelos primeiros habitantes a milhões de anos fazem parte de um longo período de mudanças. Comunicavam-se por meio de sons, movimentos corpóreos, imagens, símbolos, sinais, traços que contribuíram na construção de pensamentos e na formação de diálogos.

Os registros pictóricos deixados por eles nas grutas, cavernas e pedras, demonstram sua evolução por meio dessas imagens desenhadas, pintadas, gravadas ou entalhadas que se caracterizam como transmissão e comunicação de mensagens e estabelecer uma relação com o mundo. Segundo Neiva Jr.(1994), a imagem é basicamente um conjunto de traços, cores e outros elementos visuais em simultaneidade.

O sujeito relaciona-se com a imagem que observa. A própria ação do olhar também intervém na forma de perceber, captar e selecionar as imagens. Nossa capacidade visual vai mais além: olhamos com o nosso conhecimento, com os sentimentos, com as crenças, com a história, com a cultura e com nosso organismo psíquico. “A imagem é, pois, tanto do ponto de vista de seu autor quanto de seu espectador, um fenômeno ligado à imaginação” (JOLY, 1996, pág. 33).

A noção de imaginário manifesta-se claramente esse encontro entre duas concepções da imagística mental. No sentido corrente da palavra, o imaginário é o domínio da imaginação, compreendida como faculdade criativa, produtora de imagens interiores eventualmente exteriorizáveis. Praticamente é sinônimo de *fictício*, de *inventado*, oposto ao

real (até mesmo às vezes ao realista). Nesse sentido banal, a imagem representativa mostra um mundo imaginário, uma diegese. (é a realidade própria da narrativa "mundo ficcional", "vida fictícia"), à parte da realidade externa de quem lê (o chamado "mundo real" ou "vida real"). (AUMONT,2008, pág.118).

O distanciamento no tempo entre o observador, o objeto de observação e o autor do objeto imprime diferentes entendimentos, uma vez que as leituras são sempre realizadas no presente, em direção ao passado. Ler uma imagem sempre pressupõe partir de valores, problemas, inquietações e padrões do presente, que, muitas vezes, não existiram ou eram muito diferentes no tempo da produção do objeto. Esses fatores criam muitas possibilidades de leitura e interpretação das imagens. Gombrich insiste, no fato de que o reconhecimento das imagens, na própria medida em que se trata o *reconhecer* apóia-se na memória ou em uma reserve de objetos e de arranjos especiais memorizados: a constância perceptiva é a comparação incessante que fazemos entre o que vemos e o que já vimos. A imagem contém sentido, este tem que ser *lido* por seu destinatário, por seu espectador, é o problema da interpretação da imagem. As imagens visíveis de modo aparentemente imediato e inato não são compreendidas com facilidade, sobretudo se foram produzidas em um contexto afastado do nosso (no espaço ou no tempo, as imagens do passado costumam exigir mais interpretação).

Imagens são uma das mais antigas formas de expressão da cultura humana, elas se manifestam com função puramente sígnica. A semiótica tem como ciência geral dos signos a tarefa de desenvolver instrumentos de análise desses modelos do comportamento sígnico humano. No entanto, uma semiótica especial da imagem, da pintura e da fotografia somente se desenvolveu relativamente tarde ao longo da historia da semiótica moderna. Segundo o mesmo autor, *a imagem tem por função primeira garantir, reforçar, reafirmar e explicar nossa relação com o mundo visual* (GOMBRICH *apud* AUMONT, 2008, pág. 81).

. A imagem é um importante instrumento para o entendimento, a compreensão e a apreensão da complexidade. Ela transmite informação, refletindo os objetos. Uma imagem é cheia de significados e, ao analisá-la não se descreve somente a impressão do que vê, mas também o que ela representa conceitualmente em um determinado contexto histórico e sócio-cultural. Destaca-se, por outro lado a necessidade de compreender o processo de criação dos

brasões numa visão filosófica, ou seja, por meio da semiótica, sua aplicação no âmbito da Ciência da Informação no que se refere à aquisição do conhecimento, sobre seu registro, a sua comunicação e, sua contribuição para ensinar a ver e pensar sobre a instituição universitária.

Para Santaella, o conceito de imagem divide num campo semântico determinado por dois pólos opostos. Um descreve a imagem direta perceptível ou até mesmo existente. O outro contém a imagem mental simples, que na ausência de estímulos visuais, pode ser evocada. Essa dualidade semântica das imagens como percepção e imaginação se encontra profundamente enraizada no pensamento ocidental. A continuidade ocidental na polissemia dos conceitos de imagem pode ser ilustrada por meio de uma comparação entre o raio de significação de *eikon* na antiguidade e uma definição tipológica das imagens na língua falada. Para os gregos, *eikon* significava todo tipo de imagem, desde pinturas até estampas de um selo, assim como imagens sombreadas e espalhadas. Essas eram tidas como naturais aquelas como artificiais. Além desses fenômenos usuais, o conceito de imagem compreende também a imagem verbal e a imagem mental.

A imagem, enquanto terminologia é comumente utilizada como conceito para designar representações gráficas ou verbais de algo que já existe na natureza, ou é uma representação figurativa do pensamento e da subjetividade humana. Em outras palavras, é a representação de algo por semelhança. O conceito de imagem compreende também a imagem verbal e a imagem mental; podemos trabalhar uma imagem verbal, sugerida por uma metáfora, e uma imagem mental, gerando uma idéia ou um pensamento. Ainda podemos encontrar outra distinção é aquela entre imagem e o modelo. Por meio dela, a oposição entre a imagem e o seu objeto de referencia, entre o ser e o parecer.

Na origem das imagens, durante o paleolítico, o homem registrou vestígios de sua faculdade imaginativa, sob a forma de desenhos nas pedras; esses desenhos visavam a comunicação e a mediação de conhecimentos, em uma cultura que não distinguia claramente a magia e o ritual da realidade cotidiana. Esses *precursores da escrita* utilizavam um processo de representação, num desenvolvimento esquemático das coisas reais. Suas representações são consideradas imagens, porque esquematizam visualmente o mundo real.

A cognição, conforme vimos anteriormente configura-se num campo de investigação interdisciplinar sobre o *processo de conhecer* e a *função do conhecimento* na vida individual e coletiva dos seres humanos, considerando suas dimensões biológicas, psicológicas, sociais e culturais. Entre tantos pressupostos que fundamentam as ciências da cognição, há um que gostaríamos de destacar, por ser um ponto crucial na presente argumentação.

O estudo das representações visuais e mentais é focalizado tanto nas Ciências Cognitivas, quanto na Semiótica Peirceana. Representação é um conceito que vem sendo estudado desde a escolástica medieval, para referir-se à signos, símbolos, imagens e várias formas de substituição. (SANTAELLA, 2005, p. 15).

A semiótica trabalha com definições bastante variadas sobre representação. Desse modo, seu campo de significação compreende *apresentação* e *imaginação*, e estende-se a conceitos como signo, veículo de signo, imagem (representação imagética), bem como, significação e referência. As iniciativas de delimitação do conceito de representação são, além de variadas, freqüentemente imprecisas. No entanto, encontramos usualmente o emprego do termo *signo* como sinônimo de *representação*.

As palavras *representação*, *linguagem* e *símbolo* são virtualmente intercambiáveis nos seus usos mais vastos. Peirce, na primeira fase de suas pesquisas, em 1865, caracterizou semiótica como “teoria geral das representações”, utilizando, sem distinções, as palavras signo e representação.

Portanto, o conceito de representação também tem uma função sígnica e tanto os signos naturais como convencionais tem potencial para representar, desde que desempenhem uma função significativa, dentro de um sistema de códigos culturalmente reconhecido.

Peirce sustenta que representação é um processo de apresentação de um objeto a um intérprete de um signo, portanto, expressa a relação entre signo e objeto. O autor define *representar* como *estar para*, quer dizer, alguma coisa está de tal maneira relacionada a algo que, para certos fins, *a coisa* é tratada pela mente, como se fosse aquilo que representa.

Nelson Goodman, atualmente define *representação* como um signo icônico; embora não apóie o critério de semelhança, o autor sustenta que representações são imagens que tem

praticamente a mesma função que as descrições. Goodman diferencia duas funções para os signos – *representação* (é somente imagética) e *descrição* (possui uma natureza verbal), embora (para o autor) ambas se caracterizem por apresentar uma relação denotativa (significado básico e objetivo de uma palavra) com o mundo. No entanto, o autor não restringe os tipos de função dos signos apenas à *representação* e *descrição*.

As investigações sobre representação reforçam a constatação da complexidade do estudo da imagem justificado, principalmente, porque ela aparece vinculada a diversas áreas do conhecimento, mas também porque apresenta inúmeras abordagens e diferenciadas maneiras de concebê-la. Não há imagens como representações visuais que não tenham se originado na mente de quem as produziram; assim como não há imagens mentais que não tenham sua origem no mundo concreto dos objetos visuais. Santaella aponta os conceitos de ‘signo’ e ‘representação’ como unificadores dos dois domínios.

A imagem e texto têm a mesma importância, já que nutrem uma relação de complementaridade ou determinação recíproca (SANTAELLA; 2005). Conectados entre si, esses dois elementos reforçam-se mutuamente e, em outras palavras, conduzem o receptor da imagem à palavra e da palavra à imagem.

Uma palavra representa algo para a concepção na mente do ouvinte, um retrato representa a pessoa para quem ele dirige a concepção de reconhecimento, um catavento representa a direção do vento para a concepção daquele que o entende, um advogado representa seu cliente para o juiz e júri que ele influencia. (SANTAELLA, 2005, p. 17).

A semelhança é o ponto comum entre as diferentes significações da imagem, uma imagem é, antes de tudo, algo que se assemelha a alguma coisa. Isto se aplica até mesmo quando esta imagem não é concreta: nos sonhos e fantasias, por exemplo, a imagem se parece com a visão natural das coisas. Esta semelhança coloca a imagem na categoria das *representações*: ela se parece com a coisa, porém não a é, sendo definida, portanto, como signo analógico, que tem na semelhança o seu princípio de funcionamento.

Segundo Lidia Brandão Toutain (2008) A análise semiótica da imagem, no que concerne á representação, compreende a capacidade do ser humano de passar do processo de

Ver ao processo de *Interpretar*. A representação pode ser verbal e não-verbal. Entretanto, a lógica da representação está associada fundamentalmente ao modo de ser dos indivíduos, a seu contexto cultural.

As imagens podem ser observadas tanto na qualidade de signos que representam aspectos do mundo visível quanto em si mesmo, como figuras puras e abstratas ou formas coloridas. A diferença entre ambas as maneiras de observação se refletira, na semiótica da imagem. Em outras palavras, segundo Peirce (1938) signo é tudo aquilo que representa algo para alguém.

Na verdade, segundo Santaella (2000), a imagem é citada como exemplo de ícone, pois a qualidade de sua aparência é semelhante à qualidade da aparência do objeto que representa. Dizendo de outro modo, o ícone é um signo que tem alguma semelhança com o objeto representado. Esses instrumentos usados para análise na semiótica (signos, ícones, símbolos, etc.) já eram usados em tempos remotos.

Como afirmava Peirce, o universo é semiótico, e o homem interage com os sinais, lendo os que o antecedem e formulando novos sinais em suprimento das necessidades emergentes, ou seja, unifica todas as ciências com a semiótica, tudo pode ser convertido a signo, ou seja, todo elemento é passível de significações.

A estilização dos signos modernos, que compõe a Heráldica e outras formas de comunicação visual, foram modeladas pelo uso imagético na cultura Celta. Os Celtas foram os primeiros povos civilizados da Europa. Chegaram neste continente junto com a primeira onda de colonização. O povo Celta remonta, seguramente, a sua existência ao segundo milênio a.C.. Oriunda das regiões do vale do Danúbio ao Norte dos Alpes, a civilização Celta espalhou-se, durante o primeiro milênio a.C., por toda a Europa. A partir do século VI a.C. que a arte Celta se concretiza, com testemunhos de artefatos que possibilitam a interpretação histórica: o trabalho e o uso do ferro. Acredita-se que os celtas foram os primeiros povos da Europa a efetivamente usar e trabalhar os metais nobres e esmaltes.

A religião dos celtas era conduzida pelos *Druides*², que retiravam da natureza os elementos místicos. A palavra druida está, contudo ligada à palavra carvalho (dru), árvore símbolo do tempo, da vida e conhecimento interior do homem. Os símbolos adquirem, assim, a intensidade do desígnio druídico, transformam-se em talismãs, condicionam a vida e forjam a vontade.

A escrita era considerada mágica, e somente os seus sacerdotes é que a aprendiam. Segundo a lenda, havia um decreto dos sacerdotes - os Druidas, de que os celtas estavam proibidos de escrever a própria história. Na verdade, temiam que a palavra escrita pudesse ser veículo de magia incontrolável, que lhes alterasse o destino após a morte. Este veto limitou o conhecimento da sociedade celta. Sem a escrita, e sem seus sacerdotes, pouco restou para conhecermos do povo Celta.

A arte Celta tinha duas funções principais: Religiosa e Bélica, Na religião ela estava presente em pinturas e esculturas, usadas para espantar maus espíritos ou para reverenciar a Natureza e seus deuses. Normalmente eram os umbrais das casas que ostentavam os objetos artísticos. Povo guerreiro e apaixonado, o celta gostava da ostentação, pelo que desenvolveu uma arte imagética exuberante nas formas e na decoração dos elementos, a arte estava na decoração de espadas, escudos, capacetes.

Os símbolos são, por essa razão, o fascínio dos objetos que, chegados até aos nossos dias, encerram significantes jogos de vida, de sorte e de azar. É uma civilização em que arte é radicalmente diferente dos demais povos da civilização antiga e cujo Ideal de beleza e perfeição pode ser constatado em suas jóias, moedas, utensílios domésticos e armas.

Essa arte e cultura esta cheia de valores e crenças, de códigos morais e hábitos que são socialmente construídos, transmitidos, aprendidos por meio de signos e símbolos e chegam até nossos dias trazendo com eles uma gama de informações que podem ser representados por meio de documentos textuais, imagens, etc. os signos sevem para a compreensão, a segurança,

² A etimologia da palavra Druide (Druida) é muito discutível, mas as funções desses sacerdotes iam muito além de simples pregação religiosa. Suas atribuições judiciais lhes permitiam ter uma forte influência política, social e religiosa.

a facilidade da concepção, a lembrança, a facilidade para a descoberta de verdades, a comodidade, o entendimento e a comunicação, (verbal, oral, tácita, gestual, etc.).

Nesta perspectiva, para Umberto Eco, *a cultura pode ser estudada integralmente do ponto de vista semiótico*. Clifford Geertz (*apud* Eco, 2000, pág.153) acrescenta que a cultura é *um padrão de significados transmitido historicamente, incorporado em símbolos, um sistema de concepções herdadas expressas em formas simbólicas por meio das quais os homens comunicam, perpetuam e desenvolvem seu conhecimento e suas atividades em relação à vida*. Cultura, para Geertz, é um *sistema simbólico*, uma teia de significados. Ele também afirma numa premissa em, a invasão dos signos não é apenas típica de uma civilização industrial citadina (próprio da cidade), onde impera todo um sistema complexo de sons e sinais. Pelo contrário, o Homo Sapiens teria vivido também num universo de signos indiciais: nuvens (tempo), folhas (estações), sulcos na terra (cultivo), musgo (norte), movimento do sol (horário), perfume, flores (direção do vento), pêlos (caça).

Muito antes que o termo *semiótica* fosse utilizado, já encontramos investigações a respeito dos signos. Tais origens se confundem com as da própria filosofia: Platão já se preocupou em definir o signo em seus diálogos sobre a linguagem. No séc. XVII John Locke postulou uma *doutrina dos signos* com o nome de *Semeiotiké* e, em 1764, Johann H. Lambert escreveu "um tratado específico intitulado Semiotike" (NÖTH, 1995, pág.45).

O termo deriva do grego *semeïon* (signo) e *sema* (sinal), tendo originado diversos termos tais como semeiotica, semeiologia, sematologia, semologia etc. Tal preocupação etimológica visa, além de elucidar o processo evolutivo pelo termo, abrir espaço para discutir as principais correntes do Século XX no campo do estudo dos signos: a semiologia e a semiótica. Embora ao final dos anos 60 tenha sido adotada a palavra *semiótica* como *termo geral do território de investigações nas tradições da semiologia e da semiótica geral* (NÖTH, 1995, pág. 26).

Charles Peirce foi o primeiro semiótico que tentou definir não apenas os traços característicos dos signos, mas o próprio signo como “algo” categoricamente singular. A semiótica peirceana apóia-se, como o *semeïon* platônico e o aristotélico, num esquema triádico, ao passo que a semiologia pós-saussureana vê o signo de forma dual. A posição da

ciência do signo no conjunto com as demais ciências é outra divergência entre as duas correntes: a semiótica surge como uma *filosofia científica da linguagem*, segundo Santaella, enquanto a semiologia é proposta inicialmente por Saussure como um ramo da psicologia social (NÖTH, 1996, pág. 67).

O signo é sempre uma correlação entre uma forma significante e uma unidade que definimos como significado, sendo semioticamente autônomo em relação aos objetos a que pode ser referido. Dada sua natureza relacional, o signo não existe enquanto entidade física observável e estável: o signo sempre é uma representação parcial do objeto, sendo produto de uma série de relações no interior do sistema em que é formulado – na língua, no sistema da moda, na linguagem gestual etc. A parte observável do signo é o significante, ao qual se associa, por convenção, um significado. (ECO, 1985, pág. 148). As relações entre o signo e o objeto se expressam por meio do interpretante, que pode ser visto como *o mecanismo semiótico através do qual o significado é predicado do significante* (ECO, 1985, pág. 154). É outro signo, ou complexo de signos, que traduz o primeiro signo em circunstâncias adequadas, considerando-se as possibilidades interpretativas dadas pelo contexto.

Todos os signos significam, quer dizer, têm um significado. Por natureza e por definição não há signos sem significado, pois que o significado é precisamente aquilo pelo qual estão para alguém. Agora o que é o significado, esse é um dos problemas maiores de toda a Semiótica e que constitui o campo da Semântica.

Peirce concebeu o signo de forma triádica, constituído de um representamen (mediador), o elemento perceptível ao receptor; o objeto (concreto) que é o referente, a coisa material ou mental que o representamen representa e o interpretante, que é a significação do signo, o efeito do signo na mente do intérprete, define a ação mediadora do signo.

Para Saussure, o signo se construiria em modelo diádico, o *significante (concreto)* sendo o elemento do signo que se manifesta como *manifestação perceptível* – som da palavra, sinal de tráfego, etc. – e o *significado (abstrato)* sendo a idéia a que o significante representa. Em todas as palavras e muito dos signos visuais, a relação entre o signo e o significado é arbitrária: nada existem entre “árvore” como conjunto de sons e o ente botânico, senão a convenção do sistema da língua portuguesa; pois “tree”, “arbre” e “bau” desempenham a

mesma significação. Barthes (2006) acrescenta que Saussure (1971), depois de ter hesitado entre, forma e idéia, imagem e conceito, fixou-se em significante e significado cuja união compõe o signo. Hjelmslev enriqueceu a definição saussureana, estabelecendo como função semiótica do signo a reunião de dois planos da linguagem: o da expressão e o do conteúdo. Expressão e conteúdo, significado/significante são correlatos da função sígnica na semiologia da raiz saussureana.

Nesse sentido, Barthes argumenta:

O signo semiológico também é, como seu modelo, composto de um significante e um significado (a cor de um farol, por exemplo, é uma ordem de trânsito no código rodoviário), mas dele se separa no nível de suas substâncias. Muitos sistemas semiológicos (objetos, gestos, imagens) têm uma substância da expressão cujo ser não está na significação; são, muitas vezes, objetos de uso, derivados pela sociedade para fins de significação: a roupa serve para nossa proteção, a comida para nossa alimentação, ainda quando, na verdade, sirvam também para significar (BARTHES, 2006, pág. 44).

Por fim, Barthes (2006, pág. 52) diz que *a significação pode ser concebida como um processo; é o ato que une o significante e o significado, ato cujo produto é o signo*. A significação, como elo entre o *significante* e o *significado*, não constitui uma teoria nova, ou seja, quando Barthes discute o assunto embasa-se em autores que o discutiram anteriormente, a exemplo de Hjelmslev e outros. Assim como o significado é o conceito do signo e o significante a sua representação acústica, a significação é, em tese, o fator psico-sindético entre eles. Todo significante pode ter o seu significado prognosticado, de modo falso e/ou verdadeiro; todavia, isso não pode constituir exatidão, pois a perfeita relação entre o significante e o significado só será verificada em parte pelo contexto, em parte porque outros fatores deverão ser levados em conta, tais como as relações extralingüísticas espaço/tempo e sintonia entre interlocutores.

De tudo o que foi visto até agora, pode-se concluir que o signo não é objeto, mas uma função, a função sígnica. As semiologias de origem saussureana tendem a associar duas variáveis à função sígnica: o *significante* no plano da expressão e o significado no plano do conteúdo. As semióticas de tradição peirceana, por sua vez, levam também em conta os objetos como quando discutem os signos enquanto índice ou ícones. As três variáveis

peirceanas situam-se no plano dos interpretantes (equivalente ao plano dos significados ou do conteúdo) e no plano dos referentes (dos objetos). As díades saussureanas podem se multiplicar a partir das semióticas conotativas e das metassemióticas, e as tríades peirceanas, de modo paralelo, podem se desdobrar em uma semiose, ilimitada onde os signos dão origem a outros signos, indefinidamente. A obra de Saussure privilegia o signo verbal (signo, significante e significado) enquanto Peirce valoriza os signos não-verbais (índice, ícone e símbolo).

Uma diferença, nítida entre as concepções de Saussure e Peirce é a da intencionalidade. Para Saussure, o âmbito da semiologia cobria a linguística, os alfabetos, as regras de comportamento, os sinais militares, sinais vários etc. Enfim apenas aquelas instâncias que correspondiam aos signos como entidades usadas consciente e intencionalmente para a finalidade da comunicação. Tal limitação do âmbito da semiologia foi rigorosamente conservada por vários semiólogos. Já para Peirce, o processo semiótico não precisa ser intencional e nem os signos produzidos apenas artificialmente. Os sintomas ou signos naturais, fenômenos naturais que se tornam signos de outro fenômeno (se bem que codificados culturalmente), e todos os atos de inferência são, para Peirce, incluídos na categoria de atos semióticos. O signo não é, pois, um objeto com determinadas propriedades, mas uma relação ou uma função.

Um símbolo é um signo, que se refere a um objeto que denota em virtude de uma lei, normalmente, uma associação de idéias gerais que opera no sentido de fazer que o símbolo seja interpretado como se referindo àquele objeto. (PEIRCE, 1995, pág. 52).

O signo compreende duas idéias uma é a idéia da coisa que representa, e outra, a idéia da coisa representada e a natureza do signo consiste em excitar a segunda pela primeira (Nöth, 1996, pág. 43). A significação é uma representação. O signo conduz imediatamente ao significado, sem a presença de intermediários. O signo não está fixado a um só significado, o da coisa em si, ele apenas a representa sob algum aspecto. As investigações sobre representação reforçam a constatação da complexidade do estudo da imagem justificado, principalmente, porque ela aparece vinculada a diversas áreas do conhecimento, mas também porque apresenta inúmeras abordagens. Santaella aponta os conceitos de 'signo' e

‘representação’ como unificadores dos dois domínios. Ainda, segundo Santaella, a análise do símbolo:

[...] nos conduz para um vasto campo de referências que inclui os costumes e valores coletivos e todos os tipos de padrões estéticos, comportamentais, de expectativas sociais etc. (SANTAELLA, 2004, pág. 35).

Ou seja, o signo é uma manifestação que representa algo que lhe deu origem. Ele só pode funcionar como signo se carregar esse poder de representar, substituir outro diferente dele. Ora, o signo só pode representar algo que o gerou para um interpretante, e justo porque o representa, produz na mente desse interprete algo diferente (um signo ou quase-signo) que também esta relacionada àquilo representado não diretamente, mas pela mediação do signo. O signo é uma ocorrência fenomênica de qualquer natureza, que de algum modo se conecta com uma experiência anterior.

Um signo pretende representar, em parte pelo menos, um objeto que é, portanto, num certo sentido, a causa ou determinante do signo, mesmo se o signo representar seu objeto falsamente. Mas dizer que ele representa seu objeto implica que ele afete uma mente, de tal modo que, de certa maneira, determine naquela mente algo que é mediadamente devido ao objeto. Essa determinação da qual a causa imediata ou determinante é o signo, e da qual causa mediata é o objeto, pode ser chamada o Interpretante. (SANTAELLA, 2007, pág.77).

As características que melhor diferenciam a corrente peirceana das demais é sua preocupação central com o signo, seu conceito triádico de signo (e não diádico). Para Peirce, um signo é algo que, sob certo aspecto ou de algum modo, representa alguma coisa para alguém (PEIRCE, 1995, pág. 94). Segundo ele, os fenômenos de significação não podem ser reduzidos a duas dimensões sem uma perda irreparável no processo de sua análise. Essa perspectiva triádica se multiplica profusamente na obra peirceana, motivo pelo qual alguns a acusam de ser fruto de uma triadomania.

A tese central de Peirce é a de que ‘todo pensamento se dá em signos’, do que decorre que [...] a cognição é uma relação de três termos, isto é, triádica, uma relação entre um sujeito e um objeto inevitavelmente mediada pelo signo. (SANTAELLA, 1992, pág. 70)

Peirce analisando as experiências (vivas) encontrou três elementos que denominou de categorias do conhecimento, que são os modos como os fenômenos se apresentam à consciência. São categorias (ou operações) lógicas aplicadas ao campo das manifestações psicológicas, *mas não entenda essas categorias como entidades mentais, mas como modos de operação do pensamento-signo que se processam na mente* (SANTAELLA, 2007, pág. 42). O processo semiótico tem um primeiro momento, um segundo e um terceiro. Anteriormente designadas: *Semelhança, Relação e Representação*, posteriormente como: *Qualidade, Reação, Mediação*.

Mas ainda assim, Peirce continuava insatisfeito, pois estes termos haviam sido largamente empregados em outras situações e não eram suficientes para expressarem o significado profundo que aquelas categorias encerravam. Com base nas suas reflexões, Peirce desenvolve a tabela das categorias, com três categorias por ele denominadas *categorias universais* e designada como: *primaridade, secundaridade, terciaridade*. As categorias universais de Peirce são aplicáveis tanto no campo da consciência, como na exterioridade e no ontológico, alias toda sua arquitetura filosófica está rígida sobre a tríade categorial. O entendimento das categorias e da forma que se relacionam é o ponto chave para compreensão e operacionalização dos conceitos peirceanos. Ele assim as define:

- *PRIMEIRIDADE* – é uma categoria que se define pelas qualidades de sentimento. Uma consciência que está presente em um ponto do tempo, sem partes ou referência a qualquer análise ou comparação, onde pensamento algum pode se inserir e nada pode ser isolado. É a categoria do “desprevenido”, da primeira impressão ou sentimento (*feeling*) que recebemos das coisas. Assim, Primeiridade é a categoria do sentimento imediato e presente das coisas, sem nenhuma relação com outros fenômenos do mundo. Nas palavras de Peirce, “*primeiridade é o modo de ser daquilo que é tal como é positivamente e sem referência a outra coisa qualquer*” (PEIRCE, 1995, pag.48).
- *SEGUNDIDADE* – Categoria que tem, no seu modo de ser, o fato atual, objetivo. Está vinculada às relações que mantém dentro do universo da experiência, sendo estas relações fato bruto. Uma experiência privada de objetivo é ação e reação, esforço e resistência. Peirce escreve que a “Secundidade genuína consiste em uma coisa agindo sobre outra, sem a adição da lei ou da razão.” Assim, *Secundidade* começa quando um

fenômeno primeiro é relacionado a um segundo fenômeno qualquer. É a categoria da comparação, da ação, do fato, da realidade e da experiência no tempo e no espaço. “Ela nos aparece em fatos tais como outro, a relação, compulsão, efeito, dependência, independência, negação, ocorrência, resultado.

- *TERCEIRIDADE* é a categoria que promove uma síntese intelectual por meio da aproximação entre a *primeiridade* e a *secundidade*. É responsável pela compreensão, do pensamento em signos, por meio do qual, representamos e interpretamos o mundo. Como diz Peirce. “Pensar” sempre comparece como um sistema de três relações: *Alguém que pensa o pensamento e o pensar*. Atividades e substratos espirituais como os signos não existem apenas sob a forma da possibilidade nem apenas sob a da realidade, mas existem sob a forma da necessidade. Na verdade, a necessidade pressupõe a realidade e esta pressupõe a possibilidade, já que nenhuma é inteiramente independente das outras e todas elas possuem uma disposição triádica. O signo, segundo Peirce, é a idéia mais simples da Terceiridade.

A partir dessa divisão do signo, Santaella (2004, pág. 9) diz que, “quando a lógica triádica do signo fica clara para nós, estamos no caminho para compreender melhor porque a definição peirceana do signo inclui três teorias: a da *significação*, a da *objetivação* e da *interpretação*.”

Em todas as ciências, na arte, na vida quotidiana, por toda parte, signos são formados, usados, reformados, mudados e consumidos. Por meio de signos tudo pode exprimir, representar é possível comunicarmos a outros (e nos mais diversos campos da sensação física) aquilo que nos parece oportuno, e podem ser: *coisas, relações, eventos, conhecimentos, sentimentos, processos, desejos, sonhos etc.* Cada signo empregado é ele próprio, uma coisa material. Não existe signo apenas pensado, que possa ser signo independentemente de uma realização, pois quem pensa alguma coisa, pensa em signo que aprendeu e pode levar á expressão. A questão de ser possível pensarmos sem signos, e a outra de saber se o pensamento precede o signo ou vice-versa, na verdade nem se quer pode ser levantada, embora continuamente a encontremos na história da semiótica. Se por signo entendemos uma relação triádica baseamo-nos, na contemporaneidade das suas partes e, portanto o signo, como meio é contemporâneo do objeto designado e do interpretante.

Signo algum pode aparecer *sozinho*, independentemente de outros signos. Não é possível falarmos de um signo isolado, singular; pois se todo signo deve ser interpretável, isso significa que ele é explicável por meio, pelo menos, de outro signo. Mas tendo vista que a explicação de um signo é, por sua vez, ainda um signo, o qual, por sua vez pode ser explicado, as explicações sucedem-se ao infinito e, em linha de principio, segundo Peirce, dela jamais se chega ao fim. Porém na prática exigimos apenas poucas explicações, visto que na maioria das vezes, na comunicação quotidiana, já compreendemos, ou pensamos compreender, mediante uma indicação, aquilo que o outro quer dizer por meio dos signos empregados. Na ciência, ao contrario, na qual os signos devem ser usados com exatidão e univocidade, são eles introduzidos ou explicados mediante rigorosas definições. Tem vários signos, pois cada um possui um significado próprio.

Há muitos e diversos tipos de signos e qualquer definição de signo deverá ter em conta não só a polissemia do termo signo, mas, sobretudo a diversidade dos próprios signos em determinado universo lingüístico. Mesmo a definição mais geral de signo como algo que está por algo para alguém reclama que se especifique melhor essa relação de “estar por para”. Daí que seja extremamente importante apontar, ainda que não exaustivamente, diversos tipos de signos: (SANTAELLA, 2004, pág.14).

- *Objeto* – para que se conheça algo é necessário que este algo seja passível de representação. As estratégias pelas quais esse algo se faz representar constituem seu objeto, ou seja, a natureza da mediação que o signo estabelece com o objeto dinâmico. O objeto é o modo como o signo se refere àquilo que ele representa. O objeto pode ser imediato, ou seja, aquilo que um signo está apto a produzir em uma mente interpretadora qualquer. Também pode ser um objeto dinâmico, ou seja, aquilo que o signo efetivamente produz em cada mente singular, considerando a cultura e o repertório individual para a apreensão dos significados pretendidos com a utilização dos signos.
- *Ícone* - é um signo que é uma imagem. São signos em que existe uma semelhança topológica entre o significante e o significado. O ícone deriva interpretantes diversos, até mesmo dispares ou insuspeitados. A mente de um interprete pode elaborar uma interpretação antes não conhecida, não pretendida e até inconveniente. Os ícones

podem ter uma constituição mais vinculada a um caráter do vínculo material em que se manifesta a semelhança imagem. Subtipos de ícones são as *Imagens* é o primeiro nível do ícone, ele força a quebra do caráter representacional do signo, passa a existir por meio de seu simulacro – em que a representação é a realidade. *Diagramas* é o segundo nível do ícone, estabelece a relação de semelhança pelas relações análogas entre as partes do signo e as do algo representado, como os planos de uma casa, têm uma correspondência topológica com o seu objeto. *Metáforas* - é o terceiro nível do ícone, têm uma semelhança estrutural, de modo que é possível fazer uma transposição de propriedades do significante para o significado. É o nível mais abstrato do ícone. Esses ícones fazem parte do conteúdo dos brasões que por meio que seus significados correspondentes dão aos brasões sua representatividade. Relacionam-se, na Heráldica, com a constituição de brasões, considerando que a imagem reproduz os elementos naturais (por exemplo: árvore), o diagrama representa elementos da natureza ou edificações de valor informacional na mensagem por um esquema (por exemplo: muralha, que simboliza uma cidade), enquanto que as metáforas visuais atribuem propriedades subjetivas a animais, plantas, metais e outros elementos imagéticos (por exemplo: o leão, que significa a força e a sabedoria e, num contexto religioso cristão, significa Jesus Cristo, o Leão de Judá).

- *Índice* – Quando o procedimento de representação se faz por meio de marcas que o objeto dinâmico causa. São signos em que o significante é contíguo ao significado. Enquanto o ícone trás o objeto para dentro do signo por traços de semelhança, o índice aponta para fora. A relação é de causalidade, e não de analogia. Dentro da categoria do índice, pode-se fazer uma distinção entre dois tipos: o índice de *identificação*, em que é possível pelo signo retrair-se inequivocamente a origem da causa, e a *indicação*, na qual se evidencia o efeito, mas a origem ou autoria da marca é inacessível se referem demonstrativamente, como “este aqui”, “esse aí”, “aquele ali”. Os números nas fardas dos soldados são índices, assim como um relógio também é um índice do tempo.
- *Símbolo* – É aquele signo onde a relação signo–objeto designa seu independente da semelhança (caso no qual é ícone) ou das relações causais com o objeto (caso no qual é o índice). É o terceiro tipo de relação do objeto imediato e o objeto dinâmico, a

associação se dá dentro de um sistema que está subjacente ao signo. Os símbolos são signos em que, não havendo uma relação de semelhança ou de contigüidade, há uma relação convencional entre representante e representado. Os emblemas, as insígnias, os estigmas são símbolos. A relação simbólica é intencional, isto é, o simbolizado é uma classe de objetos definida por propriedades idênticas. Distingue-se os signos com caráter icônicos (símbolo icônicos) dos mais orientados para uma relação indicial (símbolo indiciais), contrastando com os símbolos em que o caráter arbitrário predomina (símbolos simbólicos).

Estudar a percepção dos signos demanda um olhar interdisciplinar, posto que envolve contribuições de diferentes áreas, tais como a filosofia, a psicologia, a sociologia, a antropologia, as artes, a semiótica, entre outras. Verificam-se influências da filosofia e da psicologia sobre o campo da percepção visual e suas implicações na psique humana. Ao investigar aspectos fisiológicos que envolvem a visão, e que implicam na formação de uma imagem por meio do processo visual, também é necessário conhecer a função biológica do avistamento do espectro das cores para a humanidade, já que grande parte dos mamíferos possui um quadro de visão bem mais limitado.

Discorre-se sobre os elementos constituintes da percepção visual; a organização e interpretação do visível pelo sujeito que olha; as abordagens analíticas e sintéticas da percepção visual, e finaliza-se com uma análise sobre a aprendizagem da percepção visual.

Gestalt

A linguagem visual tem um grande papel a desempenhar no estabelecimento do elo necessário entre as visões mais práticas e mais empíricas da percepção, entendendo que os signos são a única forma de síntese de que dispomos para a ligação entre os mundos exterior e interior. Por consequência, nossa proposta implica uma abordagem sobre a gestalt.

No decorrer do século XX, as reflexões filosóficas do inatismo e do empirismo sobre o conhecimento, foram sendo superadas por novas concepções, como a fenomenologia e a Psicologia da Forma ou teoria da Gestalt. A palavra Gestalt origem alemã e surgiu em 1523

de uma tradução da Bíblia, significando *o que é colocado diante dos olhos, exposto aos olhares*. Hoje adotado internacionalmente, o termo Gestalt conceitua um processo de dar forma ou configuração de uma captação sensorial de informações. Gestalt significa uma integração de partes em oposição à soma do “todo”, na percepção.

Gestalt é uma Escola ou Linha de Pesquisa de Psicologia Experimental, que teve seu início na *Universidade de Frankfurt* (1910). Foi uma Escola de Psicologia Experimental, cujo percussor foi o filósofo vienense Christian Von Ehrenfels (1859 – 1932), seguido por Max Werthimer (1880 – 1943), Wolfgang Köhler (1887 -1967) e Kurt Koffka (1886 – 1941), estes últimos emigrados para os Estados Unidos, cujas obras foram respectivamente editadas em 1945 (póstuma), 1929 e 1935, tornando-se o epicentro das teorias da Gestalt. Atuou principalmente na área da teoria da forma, com contribuições significativas aos estudos da percepção, linguagem, memória, inteligência, entre outros. Foi a mais importante organização de caráter científico a dar ênfase à questão visual no aspecto da percepção. (GOMES FILHO, 2000, pag.18).

Para os *gestaltistas*, a nossa percepção está simultaneamente ligada aos elementos percebidos e à nossa própria estrutura mental, que nos fazem consoantes às circunstâncias do momento, reuni-las desta ou daquela maneira. Segundo a Gestalt, a percepção da forma pelo cérebro é sempre uma percepção global dos estímulos, ou seja, o cérebro não enxerga elementos isolados, e sim as relações entre eles. Portanto, enxergamos o todo e não partes dele. A hipótese da Gestalt para explicar estas forças integradoras é uma estruturação natural do sistema nervoso, que tende a organizar as formas em todos coerentes e unificados, em busca de sua própria estabilidade. Para nossa percepção, não existe qualidade absoluta de cor ou forma, há apenas relações. Por exemplo, um teste clássico da Gestalt, conhecido como figura-fundo, mostra "imagens duplas" onde é possível estruturar a composição de duas maneiras diferentes, segundo os elementos, que se adaptam como forma ou como fundo.

Estas *gestalts*, ou formas totais são imagens que emergem uma a uma, sucessivamente, de um fundo no qual vai de novo imergir e perder-se, sem que nós possamos opor-nos a isso. É impossível ver as duas imagens ao mesmo tempo, e a passagem de uma para a outra se faz bruscamente, de uma só vez, por reconstrução mental do conjunto. É inútil fazer qualquer esforço, pois isso em nada acelerará o processo: a imagem aparece por "iluminação", como

uma evidência, ou não aparece de todo. Esta experiência confirma que não há sensações parciais, mas antes percepções globais.

A Gestalt defende também que a percepção global reconstitui elementos ausentes. Nesse caso, foram realizados testes com *imagens incompletas*, das quais apenas se pode perceber o sentido completando-as, ou seja, percebendo o todo, ao mesmo tempo em que as partes, na sua aparência bruta, nada significam. A maior contribuição da gestalt à percepção visual foi formular a pergunta: *como nós podemos ver as formas visuais?*, ao invés de especular que a qualidade da forma é algo que se acrescenta a uma soma de sensações. Sendo assim, as questões formuladas pelos gestaltistas diferiram de todas as indagações colocadas até então, pois dizem respeito ao *mundo visual*, ou seja, o mundo das imagens.

Locke (apud CHAUI, 1997, pág.116) diz que é na experiência dos sentidos que se origina o conjunto de idéias da mente, está afirmando que os conteúdos da razão se fazem presentes, *a priori*, nas sensações. Dentro da concepção empirista, as percepções são causadas por estímulos exteriores, que excitam os nossos órgãos dos sentidos e sistema nervoso, recebem uma resposta vinda do cérebro, voltam a percorrer o sistema nervoso e chegam aos nossos sentidos, por meio de uma sensação pontual (uma textura, uma cor), ou uma associação de sensações, sob a forma de percepção, permitindo-nos diferenciar superfícies ásperas e lisas numa parede branca, ver um vestido vermelho, sentir o cheiro do carreteiro queimado.

Por efeito, a percepção é resultado da reunião e associação de várias sensações numa síntese, que dependem da frequência, repetição e sucessão de estímulos externos, além dos hábitos que desenvolvemos. Chauí (1997) informa que a filosofia, até o século XX, distinguia *sensação de percepção* pelo grau de complexidade, enquanto a *sensação* é mais geral, sentir qualidades externas e internas, a *percepção* seria a síntese da sensação. Deste modo, entende-se que a síntese, ou percepção, é uma ação ativa do sujeito sobre estímulos e a sensação, em condição geral, é a passividade perante fatores provenientes da exterioridade de pontos de vista, portanto os aspectos traduzem respectivamente a caracterização do fenômeno para os empíricos e inatos. A corrente teórica Monista, defendida pelos alemães, define que a percepção e a sensação devem ser estudadas conjuntamente, enquanto a corrente teórica

Dualista, defendida pelos austríacos, define que a percepção e a sensação podem ser estudadas em separado. Esta pesquisa adota os princípios da linha Monista.

O relacionamento entre a Gestalt e a Heráldica remota à capacidade dos heraldistas de aproveitamento da percepção visual, na conjugação de determinadas cores e elementos e na representação de conteúdos sociais relevantes, por meio de efeitos visuais agradáveis e de fácil memorização. A Gestalt sistematizou um conjunto de leis que regem a percepção imagética, vários séculos depois da elaboração dos princípios heráldicos, cujas peças finais se constituem em exemplos gestálticos relevantes:

- SEMELHANÇA: Ou “similaridade”, define que os objetos similares tendem a se agrupar. A similaridade pode acontecer na cor dos objetos, na textura e na sensação de massa dos elementos.
- PROXIMIDADE: Os elementos são agrupados de acordo com a distância a que se encontram uns dos outros.
- BOA CONTINUIDADE: Está relacionada à coincidência de direções, ou alinhamento, das formas dispostas. O conceito de boa continuidade está ligado ao alinhamento, pois dois elementos alinhados passam a impressão de estarem relacionados.
- PREGNÂNCIA: Diz que todas as formas tendem a ser percebidas em seu caráter mais simples: uma espada e um escudo podem tornar-se uma reta e um círculo, e um homem pode ser um aglomerado de formas geométricas.
- CLAUSURA OU FECHAMENTO: O conceito de clausura relaciona-se ao fechamento visual, como se completássemos visualmente um objeto incompleto. Ocorre geralmente quando o desenho do elemento sugere alguma extensão lógica.
- EXPERIÊNCIA PASSADA: Certas formas só podem ser reconhecidas se já a conhecermos, ou se tivermos consciência prévia de sua existência, o que se relaciona com os repertórios pessoais.

Para ilustrar as leis da Gestalt, pode-se acompanhar o exemplo da Bandeira Brasileira

Figura 4: Bandeira do Brasil



- SEMELHANÇA: O agrupamento de estrelas forma constelações, que ornem o globo celeste, à semelhança do céu do Rio de Janeiro, às 20 horas e 30 minutos do dia 15 de novembro de 1889. (BANDEIRA, 2009, pág.1).
- PROXIMIDADE: As estrelas se aproximam em dois pontos diferentes do globo celeste, acima e abaixo da faixa branca, dando a sensação visual de um céu profundo noturno, onde paira o lema do Positivismo, “Ordem e Progresso”, numa atmosfera imaginária. (BANDEIRA, 2009, pág.1).
- BOA CONTINUIDADE: O alinhamento do losango, centralizado de forma longitudinal sobre o retângulo, causa uma sensação visual de rigidez, que é quebrada pela diagonalidade da faixa branca.³
- PREGNÂNCIA: As constelações são percebidas como objetos independentes, sendo muito fácil localizar e reconhecer o Cruzeiro do Sul, entre outras constelações, por questão de pregnância. O Cruzeiro do Sul enfatiza que se trata de um país ou de um território do hemisfério sul. Já que como todos sabem que não é possível visualizar esta constelação no hemisfério norte. (*idem a nota 3*).

³ A pesquisadora elaborou a análise nos princípios da gestalt e da heráldica, descritos nas referencias. (GOMES FILHO, VAQUERIZO ROMERO e CHEVALIER).

- **CLAUSURA OU FECHAMENTO:** A harmonia dos elementos da Bandeira é fechada por meio de cores sobrepostas, que representam diferentes planos, por meio de cores e formas geométricas, sem que se utilizem linhas. O círculo azul-marinho, representando a abóbada celeste, é subdividido em dois conjuntos de elementos por meio da faixa branca, ela mesma portadora de um conjunto de palavras estampadas em verde-oliva. A cor azul-marinho simboliza o antigo Condado Portucalense, território ao norte da península Ibérica, entre o Rio Minho e o Rio D'Ouro, que pertencia ao Reino de Leão, no século XII, a unidade geográfica que deu origem a Portugal. O losango, símbolo heráldico do feminino, sustenta o globo celeste e tem a cor amarela, símbolo da família Habsburgo, a qual pertencia a Imperatriz Leopoldina. Sustentando toda a estrutura, o retângulo, símbolo heráldico do masculino, na cor verde-oliva, que simboliza a família Bragança, do Imperador Dom Pedro I. (CONDADO PORTUCALENSE, 2009, pág.01).
- **EXPERIÊNCIA PASSADA:** As estrelas no azul do céu noturno constituem uma visão cotidiana da natureza. O verde-oliva do retângulo que compõe o fundo da bandeira remete às exuberantes florestas brasileiras e o losango amarelo remete às pepitas de ouro. As experiências passadas são tão fortes em relação a essa peça heráldica, que constituem uma interpretação difundida do próprio significado da Bandeira. (*ibidem a nota 3*).

A Gestalt de um bem cultural heráldico remete a uma identidade social, por meio de formas e cores integradas em um conjunto, cuja mediação conceitual é agregada de uma gama de valores constituintes de um ideal coletivo. Interpretando por outra via, a Gestalt teoriza que um símbolo imagético heráldico ajuda a mente a gerar uma relação de identidade e pertencimento, resgatando uma memória de conceitos agregados no conjunto de signos que compõe a peça.

4 A HERÁLDICA E OS BRASÕES DA UFBA

O termo Heráldica (ou armaria) designa a arte de formar e descrever o brasão de armas, que é um conjunto de peças, figuras e ornatos dispostos no campo de um escudo e/ou a sua volta; ou a ciência que estuda a origem, a evolução e o significado simbólico e social dos emblemas brasônicos da família, grupo, país, nação, de uma corporação, associação ou instituição. O estudo da Heráldica e sua representação, artística ou não, possibilita distinguir as posições de diferentes grupos dentro de uma sociedade. É possível encontrar a Heráldica familiar, a eclesiástica, a Heráldica militar, a Heráldica universitária e de diferentes corporações, simbolizando diferentes práticas sociais.

No Antigo Egito, se identificam os primórdios da Heráldica. Como os guerreiros nos combates usavam armas de proteção que cobriam a face, era praticamente impossível distingui-los uns dos outros, na ausência de indicações imagéticas identificáveis que ornamentassem as roupas, os elmos e os paramentos de armas e montarias. A Heráldica Egípcia ainda enaltecia as entidades protetoras a que se apegavam os comandantes e guerreiros. Ainda na antiguidade clássica, na Roma dos Césares, as ocupações aos territórios eram acompanhadas de uma apropriação Heráldica, que identificava cada novo território incorporado, com os elementos relevantes da imagética local. O crescimento da Igreja Católica no ocidente medieval deu um novo sentido à Heráldica, que passou a identificar e designar grupos sociais, familiares e institucionais alinhados ao poder eclesiástico. Por sua vez, as universidades, que nasceram no cerne dos grandes mosteiros católicos, desenvolveram seus próprios recursos heráldicos, para simbolizar as diferentes formações que iam se instituindo, ao longo do Renascimento e da Idade Moderna.

A Heráldica tem regras fixas como qualquer Ciência ou Arte. Alguns autores consideram-na Ciência dos Brasões, outros, Arte dos Brasões. Ela proporciona uma orientação segura na identificação de pedras tumulares, objetos de várias espécies e documentos iconográficos. Suas primeiras sistematizações ocorreram por volta do século XII, como forma de padronização de símbolos que já existiam pelo menos há cinco séculos. Foi quando se codificou a utilização dos símbolos pessoais e familiares, já utilizados em outros tipos de comunicação visual e peças de ornamento, dentro de escudos.

A codificação de como preparar os símbolos heráldicos para as peças de guerra no ocidente, como os escudos, mantilhas, bandeiras, coberturas de cavalos, armarias, ocorreu de fato somente durante as Cruzadas, que foram conflitos promovidos pela Igreja Católica na idade média, quando as preocupações expansionistas da instituição levaram ao desenvolvimento da arte Heráldica. Quando do contato dos cavaleiros dos reinos ocidentais com os povos dos reinos orientais, deveria ser considerado que a incompatibilidade lingüística deveria ser suprida pela comunicação imagética, principalmente em campos de batalha.

No século XIII, com o uso corporativo, universitário e familiar plenamente desenvolvido, a Heráldica tornou-se tão popular que passou a existir como uma ciência à parte, na verdade a Heráldica foi considerada como uma ciência e também como uma arte.

O termo Heráldica deriva dos originais *heraldo ou arauto*. A palavra *heraldo* vem, segundo alguns autores, do alemão antigo *her, heer* ou *hold*, que quer dizer devotado, e segundo outros vem da raiz da palavra *har* da palavra alemã *haren*, que significa gritar ou chamar. É relevante observar que a etimologia do substantivo feminino *Heráldica* esta intimamente associada ao contexto medieval: de origem francesa, *héralt* refere-se ao heraldo, ou arauto. Na corte, a tarefa de anunciar alguma coisa para o povo era confiada aos *arautos* ou *heraldos*, que tinha a missão oficial de levar as declarações de guerra e estabelecimento da paz. O rei de armas sempre era escolhido entre os heraldos mais antigos.

O papel dos *heraldos* também conhecidos como *reis de armas* era o de zelar por tudo que dizia respeito aos brasões e títulos de nobreza, enfrentando os usurpadores de títulos e armarias, cabendo-lhes a missão de publicar as datas das celebrações de festas e torneios entre as ordens de cavalaria, colocando em lugares bem visíveis os brasões de armas no qual figuravam os símbolos de sua nobreza, proclamar casamentos, dirigir solenidades e determinar colocação de insígnias e legendas nos túmulos dos príncipes. Os heraldos também tinham a missão de sortear o cavaleiro que teria o combate a seu favor - *a condição de não lutar contra o sol*. Portanto, o brasão era, para os antigos da Idade Média, a insígnia, a bandeira da família e, como tal, honrado e transmitido de pai para filho.

Os brasões não eram dados ao acaso para cada pessoa, inicialmente tiveram suas origens em atos de coragem e bravura efetuados por grandes cavaleiros, tendo sido uma forma

de homenagear os lutadores e suas famílias, posteriormente, como era um forte ícone de status passou a ser conferido às famílias nobres a fim de identificar o grau social das mesmas, em resumo, somente os heróis ou a nobreza possuíam tal ícone e o poderiam transmitir aos seus descendentes. Durante muito tempo foi corrente relacionar-se o início do uso de emblemas de natureza Heráldica no Ocidente com as Cruzadas, devido ao contacto com a cultura oriental. É um fato que a Heráldica tem semelhanças com a simbologia árabe.

Figura 5: Brasões da UFBA que ostentam o signo da cruz



Na Heráldica, um mesmo signo pode ser representativo de vários conceitos. No Brasão do Hospital Edgar Santos, por exemplo, a cruz é utilizada para representar a saúde, enquanto no Brasão do Museu de Arte Sacra também utiliza o signo da cruz, mas para representar a Igreja Católica. (A pesquisadora elaborou a análise nos princípios da heráldica, da gestalt e da iconografia, descritos nas referências: VAQUERIZO ROMERO, CHEVALIER, GOMES FILHO e PANOFSKY).

No decorrer das Cruzadas símbolos tradicionais do Oriente incorporados aos escudos e estandartes dos cavaleiros medievais, agregando novos elementos artísticos e significados às suas insígnias. Entretanto, é importante lembrar que no decorrer do avanço das Cruzadas os cavaleiros já envergavam em seus escudos toda uma rica simbologia – de caráter espiritualista, inclusive – o que não significa que já se haviam consolidado às regras que dariam origem à Heráldica. Exemplo clássico é o emprego da Cruz, sob diversas formas, como identificar Ordens Militares, a exemplo dos Cavaleiros do Templo de Salomão, os Templários (figura 6), e da Ordem Militar do Hospital, a cruz é uma das peças Heráldicas mais antigas.

Figura 6: Cruzes heráldicas tradicionais



Cruz dos Cavaleiros do Templo de Salomão

Cruz da Ordem Militar do Hospital

Voltando nosso olhar à Europa, e nos detendo sobre a origem e o significado do simbolismo adotado pela Heráldica, observamos que os senhores feudais desenvolveram o hábito de decorar os seus escudos com uma finalidade também prática. Com o amadurecimento das técnicas que permitiam essa decoração, agregando conhecimentos sobre os materiais utilizados aos princípios da comunicação visual, foram desenvolvidas as Leis da Heráldica:

- *Primeira Lei* - Não se coloca metal sobre metal, cor sobre cor, ou forro sobre forro.
- *Segunda Lei* - As peças honrosas devem ser colocadas nos lugares que lhes competem.
- *Terceira Lei* - As figuras naturais ou quiméricas, quando sozinhas, devem ocupar o centro do campo sem tocar em seus bordos.
- *Quarta Lei* - Muitas peças móveis, ou figuras, pousadas sobre o mesmo campo têm sempre o mesmo esmalte, desde que sejam elas repetidas sem alterações.
- *Quinta Lei* - Não há tonalidades diferentes de uma mesma cor.
- *Sexta Lei* - Um brasão deve ser regular, simples e completo.

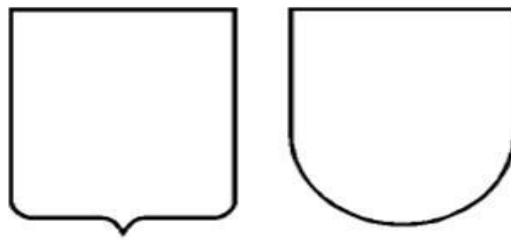
As leis da Heráldica estão perfeitamente aplicadas, aliás, com perfeição, em todos os Brasões da UFBA, em sua integridade e sem exceções, o que é perfeitamente observável com a simples leitura das mesmas e a comparação com os trinta e quatro Brasões da amostra, assim como no caso da insígnia, do pendão e da bandeira.

Com o propósito de aplicar os princípios da Lei da Heráldica, foram adotadas figuras e formas que possibilitassem uma identificação rápida e segura, adoção influenciada, entre outras razões, por dois fatores: o primeiro era a dificuldade de identificação dos soldados em batalhas campais já que os soldados não podiam ser reconhecidos apenas por suas armaduras e/ou elmos, haja vista que o uso de armaduras encobria a identidade dos combatentes; o segundo é o analfabetismo, comum à época das Cruzadas, que nos brasões encontraram um substituto eficaz da assinatura.

Não podemos, ignorar que um rico simbolismo de caráter espiritualista esteve presente na constituição de muitas das figuras adotadas. Se nos detivermos a analisar os brasões reproduzidos nos escudos dos cavaleiros e nas insígnias das ordens militares da cristandade, e logo encontraremos símbolos adotados em razão de seu significado mítico-religioso, a exemplo do largo uso do *leão* nos brasões e escudos, que mais do que força e valentia, faz alusão ao *leão de Judá*, ou seja, ao Cristo. Obviamente, o componente mítico que envolve os símbolos está relacionado com o *lugar* histórico do observador, sendo interpretado de acordo com seus instrumentais conceituais; desta forma, significados diversos podem ser atribuídos aos símbolos de acordo com a cultura em que se encontra inserido quem os observa.

Os escudos heráldicos representam os escudos de guerra, onde os combatentes pintavam suas armas para serem facilmente identificados, e podem ter diversas formas. Na atualidade, são mais utilizados o modelo francês (com ponta) e o português (boleado) o qual foi adotado no Brasil.

Figura 7: Escudo Francês (com ponta) e Português (boleado)



As cores utilizadas em armaria são conhecidas genericamente como esmaltes e sua representação obedece a determinadas regras e convenções. Dividem-se em *Metais* (ouro e

prata), *Cores - Esmalte*: Preto ou Negro (sable), *Vermelho* (goles), Azul (blau), *Verde* (sinople), *Púrpura*, e os *Forros* ou *Peles*: Arminhos e Veiros. Também é incluída a *carnação*, cor natural da pele, embora não seja Esmalte.

4.1 A cor e sua significação

Neste contexto, a cor se configura como um importante elemento em qualquer meio visual de comunicação, devido à sua influência sobre os indivíduos, suas emoções e seu processo cognitivo.

A cor está presente em nossa vida. Se observarmos ao nosso redor, a natureza tem cor, a fauna, a flora são naturalmente coloridas, pois a cor é mediadora de conteúdos relevantes ao nicho ecológico. A presença das cores também pode ser percebida na evolução das civilizações, pois o homem utiliza a cor no seu vestuário, no seu entorno, na decoração de ambientes. O ser humano utiliza a cor de várias maneiras com diferentes significações. A cor influencia direta ou indiretamente o nosso cotidiano.

As experiências dos seres humanos com as cores foram bastante profundas e significativas durante o processo civilizatório, dando origem a simbologias e significados psicológicos.

Na história do homem, suas primeiras manifestações culturais de registros demonstram a descoberta e manipulação das cores, embora não fosse possível ainda definir claramente a cor. Desde a antiguidade muito se estudou a esse respeito e embora se tenha atualmente uma grande quantidade de informação e conhecimento acerca desse fenômeno, ainda é muito difícil compreender a cor na sua totalidade.

Para Mueller, Rudolph e outros (*apud* PEDROSA, 2007, pág.35),

A procura de uma explicação para saber como o olho humano percebe a cor é uma história de detecção científica que se prolonga por séculos. Muitas pistas importantes têm sido descobertas e muitas teorias foram aventadas, mas o mistério não está ainda de todo deslindado. Durante a maior parte dos longos períodos de

investigação os próprios pesquisadores entraram em disputas acerbadas sobre várias hipóteses.

A maioria das pessoas convive naturalmente com as cores, inconscientes de sua importância. A cor define a identidade dos espaços, de grupos sociais, dos objetos. Nas mais diversas situações, as cores auxiliam o ser humano a entender e interagir com o mundo que o rodeia e permite a identificação de situações reais, a expressão de sentimentos, organização de fluxos sociais de pessoas e veículos.

A harmonia de cores é, em parte, um fenômeno subjetivo, mas não isento de leis e princípios. O emprego das cores é diferente nas artes e na comunicação social. O artista é absolutamente livre para se expressar, pois só tem compromisso com sua verdade interna. Na comunicação, a cor tem uma função bem definida e específica, deve ajudar na clareza da mensagem a ser transmitida. A cor possui uma força surpreendente, sem que exista a necessidade de juntar elementos instrutivos ou sentimentais.

O processo de definição, de escolha das cores trata-se de uma ciência que impõe equilíbrio e harmonia. Mas sabe-se que a cor está para além de questões estéticas. Estudos na área da psicologia revelam a influência da cor na vida humana, servindo para estabelecer o equilíbrio e a harmonia do corpo, da mente e atuando no âmbito das emoções.

A cor, quando utilizada na comunicação humana e nas belas artes, é um símbolo social, seu significado se agrega a atividades vitais, aos elementos presente nas imagens. É um símbolo de proximidade ou distância, de prazer ou de tristeza, de agrado ou de contraste impactante. Ela teve, na história da pintura, um valor não só de instrumento expressivo, mas também de elemento significativo. A mensagem transmitida pela cor tem uma natureza dinâmica e interativa, pois é integrada como conceito a um conjunto mais amplo de signos palavras, gráficos, etc. A aplicação adequada desses signos, considerando a relação entre eles e deles com o usuário, torna mais repleta de significados e interpretação.

Antes de nos valer da semiótica da cultura, sabemos intuitivamente que cada cor tem sua *história*, marcada por tradições e contextos sociais, e é isto o que a torna passível de classificação. Podem-se tomar as cores como instrumentos ativos de uma determinada cultura, tem-se as cores atreladas aos significados, descrevendo suas respectivas *histórias*.

A cor, utilizada e interpretada como um signo que compõem um bem cultural ou mensagem deve ser analisada sob a luz da semiótica, para entender a interpretação resultante da interação, que podemos verificar na afirmação de Brandão,

A semiótica como disciplina que está na base de todos os sistemas cognitivos biológicos, humanos e não humanos, engloba e promove um marco epistemológico adequado para todas as demais perspectivas. Se considerarmos a cor como signo, estamos incluindo todos os aspectos. A cor pode funcionar como signo para um fenômeno físico, para um mecanismo fisiológico ou para uma associação psicológica. (BRANDÃO, 2003, p. 105).

Conforme Caivano (apud PEDROSA, 2007, pag.45), corrobora com essa afirmação, na compreensão da cor como um signo, os mesmos estão inseridos favorecendo o processo semiótico:

[...] semiótica, como uma disciplina que está na base de todos os sistemas cognitivos biológicos humanos e não-humanos - abrange e fornece o marco epistemológico adequado para todas as outras perspectivas. Se nós considerarmos a cor como um signo, nós incluímos todos os aspectos, porque um signo não é uma coisa definida previamente, mas consequência de vários fatores e do contexto no qual se insere. Cor pode funcionar como um signo por um fenômeno físico, por um mecanismo fisiológico ou por uma associação psicológica.

Segundo Guimarães (apud PEDROSA, 2005, pág. 04) a aplicação intencional da cor, ou do objeto, possibilitará ao objeto que contém a informação cromática receber a denominação de signo. O autor sugere que ao considerarmos uma aplicação intencional da cor, estaremos trabalhando com a informação *latente*, que será percebida e decifrada pelo sentido da visão, interpretada pela nossa cognição e transformada numa informação atualizada. Por essa razão, torna-se claro o uso das cores da Bandeira da Bahia por Lachenmayer, na elaboração dos Brasões da UFBA, pois, além de carregar consigo a significação histórica do próprio símbolo cívico regional, o azul, o branco e o vermelho simbolizam conceitos mediáveis pela linguagem visual de forma independente.

O azul é mais predominante nos Brasões da UFBA, por simbolizar a lealdade, justiça, perseverança e a harmonia, qualidades necessárias aos estudos. O branco simboliza a pureza, integridade, firmeza e obediência que também transmite os valores universitários mais

desejáveis para a UFBA. O vermelho simboliza a vitória, fortaleza e ousadia, esta vinculado ao sangue (seja ele derramado ou preservado na vida humana) fica reservado para os brasões secundários, quando se menciona a saúde ou a emoção. O verde aparece como uma complementação simbólica ao universo de significados dos Brasões da UFBA; vinculado às folhas de Oliveira, como símbolo da fartura, esperança, fé, amor, liberdade, prosperidade e vida. (VAQUERIZO ROMERO, sdp. pág.27-52)

Figura 8: Brasão da Escola de Teatro da UFBA



A visão do Brasão da Escola de Teatro da UFBA demonstra que o uso proposital de cores e objetos pode mediar um conteúdo estritamente relacionado com a unidade que o Brasão representa, comprovando os princípios apregoados por Guimarães. Esquartelados entre as folhas de oliveira, os símbolos do teatro em prata, sob um fundo vermelho que traz a emoção da interpretação e a sensibilidade da recepção da peça teatral. (A pesquisadora elaborou a análise nos princípios da heráldica, da gestalt e da iconografia, descritos nas referências: VAQUERIZO ROMERO, CHEVALIER, GOMES FILHO e PANOFKY).

A especificação da linguagem visual é feita a partir de decisões ocasionais, dificultando o processo de compreensão do usuário sobre o seu conteúdo; sendo a cor um elemento de grande importância dentro de uma composição visual, suas potencialidades devem ser reconhecidas e utilizadas com a finalidade de possibilitar uma comunicação

eficiente. As cores podem variar de significado dependendo do contexto cultural, histórico, etc.

O uso da cor pode contribuir para facilitar o acesso e a compreensão das mensagens contidas na interface com o usuário, agindo direta e indiretamente na disseminação da informação. Vejamos o exemplo de um típico brasão de família, registrado no Instituto Genealógico da Bahia. (INSTITUTO, 2009).

Figura 9: Brasão da Família Annes, registrado no Instituto Genealógico da Bahia



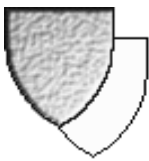
A família Annes encomendou, no Brasil, a elaboração de seu brasão ao heraldista Victor Hugo Lopes, em 1961, coincidentemente o mesmo heraldista que trabalhou em parte da criação dos brasões da UFBA. Para valorizar a presença da família Annes na Bahia, Lopes utiliza na parte superior do brasão as cores azul e branco, remetendo à bandeira da Bahia, cuja representação das águas marítimas (azul e prata) é também um elemento de significação heráldica presente. A asa dourada representa a migração dos ancestrais da família Annes da Galícia para o Brasil, sendo que o ouro representa a sabedoria. Como está cercada de vermelho, a “migração” foi precedida de um episódio sangrento, confirmada pelos elementos externos, como o timbre, formado por um elmo de prata emplumado de branco e vermelho.

Nesta breve alusão ao estudo das cores viu-se a importância e aplicabilidade dela no nosso dia a dia e seu uso remota a própria história da cognição e comunicação humana. Com vista na sua usabilidade, historicidade e aplicabilidade, confirmamos seu uso no estudo e análise dos brasões. Por trabalharem especificamente com a comunicação constituída por meio de símbolos gráficos, os heraldistas e artistas encontraram nas cores fontes de significados que potencializavam a mediação dos conteúdos propostos para os elementos e peças Heráldicas.

Figura 10: Os metais



Ouro: Representado por sua cor natural indicando a nobreza, riqueza e poder, ou quando em armoriais, por um campo branco salpicado de negro.



Prata: Representado por sua cor natural indicando a pureza, integridade, firmeza, paz, água e obediência, ou quando em armoriais, por um campo branco.

Compete ao artista que ilumina o brasão decidir sobre o tom específico de cada esmalte e as sombras e outros efeitos a aplicar ao desenho, dentro das regras do desenho heráldico.

Figura 11: Brasão da Escola de Música da UFBA



A predominância dos tons de prata no Brasão de Música pretende representar a pureza da Música e a obediência a uma rotina de pesquisas e exercícios a que se deve submeter todo o músico. Em torno do escudo, um fio de ouro denota a nobreza da Música, como conhecimento humano. (A pesquisadora elaborou a análise nos princípios da heráldica, da gestalt e da iconografia, descritos nas referências: VAQUERIZO ROMERO, CHEVALIER, GOMES FILHJO e PANOFKY).

Como regra essencial, não se devem sobrepor metais a metais nem cores a cores. Justifica-se tradicionalmente esta regra com uma explicação técnica: quando se pintava um escudo, não se empregavam tintas sobre tintas, para não correr o risco de misturas ou esborratamentos.

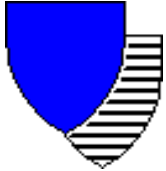
Figura 12: Os esmaltes e as cores



Negro: Representado por um campo de negro e pleno que indica prudência, astúcia, tristeza, rigor e honestidade ou quando armorial por um campo quadriculado o termo heráldico para este esmalte é *Sable*.



Vermelho: Também chamado de *Gules*, na Heráldica, é representado por sua cor vermelha que indica vitória, fortaleza e ousadia, ou por um campo passado de filetes em vertical.



Azul: Representado por um campo de azul pleno que representa zelo, lealdade, caridade, justiça, beleza e boa reputação, ou por um campo passado de filetes postos em horizontal. O termo heráldico para este esmalte é *Blue* ou *Azure*.



Verde: Representado por um campo de verde pleno que indica esperança, fé, amizade, bons serviços prestados, amor, juventude, liberdade, saúde e prosperidade ou, quando em armorial por um campo passado de filetes em banda. O termo heráldico para este esmalte é *Sinople*.



Púrpura: Representado por um campo de lilás pleno que representa grandeza e sabedoria elevada, ou quando em armorial por um campo passado de filetes em contrabanda.



Vinho: Representado por um campo de vermelho escuro pleno ou, quando em armorial por um campo fretado.



Escarlate: Representado por um campo de sua cor plena ou, quando em armorial por um campo passado de filetes na horizontal sobrepostos de filetes em banda. O seu termo em heráldico é *Sanguine*.



Marrom: Representado por um campo de sua cor pleno ou, quando em armorial por um campo passado de filetes na vertical sobreposto de filetes em banda. O seu termo heráldico é *Tan* ou *Marroon*.



Laranja: É uma cor de rara utilização na Heráldica latina, sendo mais utilizada nos países de origem Anglo-saxônica, quando em armorial por um campo passado de filetes entrecortados por pontos. O seu termo heráldico é *Orange*.

4.2 Regras da Heráldica

As regras da Heráldica se destinam a facilitar a interpretação dos mesmos, já que codifica a linguagem simbólica utilizada. Visualmente, leigos e conhecedores estabelecem interpretações em diferentes “profundidades”, porém sob a consciência comum de um significado que remete a uma família, uma instituição, uma nação, uma federação, entre outros.

Na Idade Média, quando foram codificadas as regras da Heráldica, também houve o desenvolvimento militar das estratégias de luta de campo, conhecida como infantaria. Dentro da época de sua concepção, a Heráldica servia para preservar a vida dos soldados contra o “fogo-amigo”. Com o passar dos séculos, o seu valor se manteve, no fortalecimento da imagem pública das instituições, como no caso das universidades. Napoleão Bonaparte foi o responsável pela destruição de vários brasões de família, buscando o fortalecimento dos brasões que representavam as instituições e federações, homogeneizando a representação heráldica oficial na Europa. Atualmente, prevalece o modelo de representação heráldica napoleônico, no qual somente se considera a oficialidade dos brasões que representam as instituições públicas, os territórios e nações, sendo os demais utilizados como peças de mercadologia, formação de opinião pública e publicidade.

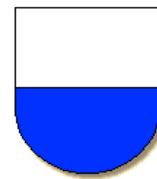
O campo do escudo pode apresentar-se inteiro, caso em que se diz *pleno*, ou dividido em duas ou mais partes segundo regras determinadas. As divisões do escudo, denominadas partições, origina-se no momento da concepção do brasão; mas quase sempre resultam de alianças familiares ou territoriais, que levam à união num só escudo das armas de diferentes famílias ou indivíduos.

As quatro partições principais são o *partido*, o *cortado*, o *fendido* e o *talhado*, e correspondem, na linguagem Heráldica, aos *quatro grandes golpes de armas*. Imaginem-se os danos que um escudo poderia sofrer sob o impacto de uma espada ou machado, consoante a direção do golpe. Toda a linguagem dos brasões está impregnada de referências à guerra e aos torneios que estiveram na gênese da Heráldica.

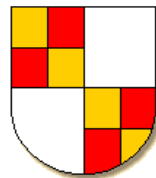
Figura 13: Partições de escudo



PARTIDO



CORTADO



ESQUARTELADO COM CONTRA ESQUARTELADO

Estas são as partições mais simples; mas o *partido* e o *cortado* podem combinar-se em traços múltiplos. Estas partições múltiplas resultam, quase sempre, de alianças familiares. Na Heráldica Portuguesa, porém, e ao contrário do que sucede, por exemplo, na Heráldica britânica, os escudos não devem ter mais de 32 partições e mesmo este caso é muito raro, podendo apenas acontecer em brasões de costados, representativos de muitas alianças. São mais vulgares os escudos divididos em 4, 6, 8, 10, 12 ou 16 quartéis. A regra para estabelecer estas partições múltiplas de acordo com o número de quartéis necessários é a seguinte:

- *Quatro quartéis*: esquartelado simples
- *Seis quartéis*: partido de dois traços, cortado de um.

- *Oito quartéis*: partido de três traços, cortado de um.
- *Dez quartéis*: partido de quatro traços, cortado de um.
- *Doze quartéis*: partido de três traços, cortado de dois.
- *Dezesseis quartéis*: partido de três traços, cortado de três.

Como estas partições resultam, normalmente, da combinação de vários brasões familiares, todos os quartéis são, em regra, diferentes.

Por sua vez, cada uma das áreas resultantes da partição pode subdividir-se, assim como possuem orientação segundo a autonomia do cavaleiro.

Figura 14: Brasão de unidade da UFBA, tipicamente esquartelado.



O esquartelamento dos Brasões de unidades da UFBA simboliza uma escala de hierarquia entre as unidades e sua sede. Nos quartéis 1º. e 4º., a presença dos ramos de oliveira entrecambiados, símbolo da sede institucional, demonstram a sua superioridade administrativa. Nos quartéis 2º. e 3º., o símbolo do Instituto de Saúde Coletiva encontra-se representado pela estrela de cinco pontas (o corpo humano), o resplendor de 10 raios, envolvidos por uma serpente (comunicação com o divino, em busca do remédio), em ouro (nobreza), sob um fundo verde (paz e prosperidade). (A pesquisadora elaborou a análise nos princípios da heráldica, da gestalt e da iconografia, descritos nas referências: VAQUERIZO ROMERO, CHEVALIER, GOMES FILHJO e PANOFKY).

Com o passar do tempo e diante da modificação das relações de poder nos Estados modernos, o uso de brasões ficou intimamente vinculado aos títulos de nobreza, não deixando, porém, de serem adotados por unidades militares. Hoje, essa tradição de origem medieval encontra seu depositário nos símbolos representativos das organizações militares de diversos países, simbologia que, apesar de sofrer modificações com a introdução de símbolos que melhor representassem as novas gerações de equipamentos e armas, e da conseqüente perda de sua mística, encontra suas raízes na arte dos brasões.

No Brasil a Heráldica foi adotada durante o regime monárquico já no início de nossa independência, seguindo de perto os preceitos artísticos empregados em Portugal. O Imperador D. Pedro I concedia títulos honoríficos e brasões a grandes fazendeiros, políticos, militares e a outros apaniguados (grupos fechados), prática seguida por D. Pedro II com maior intensidade. As regras Heráldicas, apesar de estarem estreitamente vinculadas a Portugal, sofreram no Brasil algumas inovações, notadamente nos símbolos empregados: papagaios, onças e índios, entre outras figuras relacionadas com a flora, a fauna e os povos indígenas do continente americano, passaram a estrear nos escudos da nossa nobreza.

As universidades identificam seus cursos com uma simbologia que busca na Heráldica a sua inspiração. Escudos diversos, contendo símbolos representativos das Armas, bandeiras-insígnias identificam a instituição, trazem estampado brasões que pertenceram às unidades de ensino que se destacam sua memória e história; evidenciando a importância da chamada “arte dos brasões” na confecção dos símbolos adotados pelas instituições de ensino na atualidade.

A Heráldica antiga parceira privilegiada da História, outrora designada como uma de suas *ciências auxiliares*, na atualidade é fonte de inspiração de diversos trabalhos artísticos, em especial na confecção de símbolos representativos diversos muitos dos quais ainda obedecem a rigorosos preceitos de elaboração e confecção dos brasões. Desta forma, ao observarmos os brasões da UFBA podemos afirmar que estamos diante de uma arte gráfica inspirada em um elaborado conjunto de regras artísticas que tiveram sua origem na Idade Média, arte que se utiliza de símbolos ricos em significados, os quais, fruto do intercâmbio entre as culturas, encontram-se presentes em diversas nações do mundo moderno.

Arte dos Brasões

Com o intuito de atingir aos seus objetivos de representação, a peça heráldica recorre a um elenco de imagens, que metaforicamente representam os conceitos a que se deseja aludir. Por outro lado, o próprio heraldista pode decidir pela inclusão de imagens que não pertencem ao elenco dos símbolos heráldicos, criando uma peça exclusivamente artística, mas que pode ser apreciada e interpretada segundo os critérios das artes plásticas. A sensibilidade do heraldista, que vai tomar decisões sobre a forma como será transmitida a informação na peça heráldica, também é um artista plástico que contemplará a estética de seu trabalho. Assim, cores, símbolos e formas de arranjo dos conjuntos de imagens levam a um resultado, que pode ser artístico e heráldico ao mesmo tempo.

Além do uso em peças de armaria propriamente ditas (nas quais o brasão será gravado nas superfícies metálicas por meio de esmaltes), os brasões podem ser concebidos como obras pictóricas, que são chamadas de “arte do brasão”, nas quais o heraldista conta com a área interna do escudo e com a área que o cerca, chamada comumente de timbre. Fitas esvoaçantes levam lemas e mensagens, escritas na língua local ou em Latim, normalmente abaixo do escudo, para conferir movimento e dinâmica a uma imagem estática, numa representação que ocupa um campo retangular e se presta para uso em quadros, estandartes, estampas em papéis e documentos, decoração de mesas, tribunas, portais.

A Heráldica Universitária, que não tem objetivos bélicos, normalmente utiliza a "arte" dos brasões diretamente para seus objetivos, reproduzindo-a em suportes como a tela, o papel, em matrizes de gravura e, atualmente, em imagens digitais. Por essa razão, o heraldista pode utilizar uma gama de símbolos e cores muito grande, voltada para a identificação de instituições e cursos, preocupando-se mais com aspectos estéticos e conceituais do que com a visibilidade em campo de batalha (que obriga a concepção artística a ser muito mais simples e esquemática).

Os Brasões da UFBA contemplam esta liberdade de criação, ostentando todos os recursos da simbologia heráldica e, quando a mesma se esgota, a inclusão dos heraldistas de símbolos não-heráldicos, para representar diferentes formações universitárias. Os conjuntos que estampam os escudos dos Brasões da UFBA são muito complexos, esteticamente ricos e,

de fato, qualquer observador leigo pode constatar que são peças bonitas. Ao estudar o uso do recurso da cor e de símbolos tradicionais da heráldica nos Brasões da UFBA, pudemos constatar o efeito agradável e rico dos mesmos nas "artes" dos brasões.

Figura 15: Brasões da UFBA que Utilizam signos animais



Os animais são utilizados como signos vinculados a características de personalidade, qualidades de temperamento, que se apresentam na elaboração de um símbolo. No Brasão da Escola de Medicina Veterinária, a cobra não é um paciente, mas o símbolo da comunicação com o divino na busca do medicamento. No Brasão da Faculdade de Filosofia da UFBA, a coruja (mocho) representa a capacidade de observação, a acuidade da visão e a reflexão contínua. A Escola Politécnica é representada pelo favo de colméia, na representação da edificação dos lares. (A pesquisadora elaborou a análise nos princípios da heráldica, da gestalt e da iconografia, descritos nas referências: VAQUERIZO ROMERO, CHEVALIER, GOMES FILHJO e PANOFISKY).

Alguns símbolos tradicionalmente compõem a parte interna dos brasões:

- *As Honrarias*: Pala, Faixa, Banda, Contrabanda.
- *As peles*: A Mosqueta de Arminho, os Veiros e Contra-Veiros simbolizam os animais e aquelas famílias que os criam ou os caçam, assim como às virtudes das criações e dos caçadores.

- *Os Animais*: Leões (encontrado nos brasões de família), Águia, Leopardo, Tigre, Urso, Lobo, Cavalo, touro, etc., cada um com seu significado.
- *A Flor de Lis*: É uma figura de grande importância na Heráldica, é um símbolo que indica poder e soberania, assim como pureza de corpo e alma, candura e felicidade. Ela representada por desenhos padronizados.
- *A Cruz*: Na Heráldica a aplicação da cruz é muito ampla. Isto decorre principalmente da enorme quantidade de formatos que a ela são dados na confecção dos brasões. Além disto, há um vasto uso na Heráldica religiosa, tumular e na confecção de condecorações, bandeiras e insígnias. A correta definição de cruz é a de uma figura formada por uma pala e uma faixa cruzadas, mas sem continuidade entre elas.
- *O Castelo*: Os castelos tiveram uma importância muito grande nos tempos medievais, pois eram poderosos baluartes de defesa e resistência de imperadores e reis.
- *A Torre*: A torre tem seu desenho próprio, não devendo ser confundida com um castelo. A palavra provém do latim *turre*, é uma peça que se apresenta e, conforme o seu desenho tem sua significação.
- *Figuras Quiméricas*: São figuras que surgiram da imaginação dos poetas e cantadores da idade média, provavelmente inspirada pela mitologia fantástica da antiguidade. O uso destas figuras na Heráldica é muito antigo e freqüente, aparecendo nos brasões de família pelo simbolismo que podem representar. Existem muitas figuras quiméricas com: Grifo, Licornio ou unicórnio, Dragão, Esfinge, Centauro, Harpia, Sereia, Fênix, Pégaso dentre outros.
- *O Elmo*: uma das partes mais importantes da armadura dos cavaleiros medievais, uma vez que protegia a cabeça de golpes e pancadas que frequentemente poderiam ser fatais. Ainda hoje, os capacetes dos motociclistas e pilotos em geral exercem uma função idêntica á dos elmos.
- *Elementos Naturais*: animais, plantas, árvores, astros, figura humana, etc.
- *Artificiais*: guerra, caça, artes, ofícios, arquitetura militar, armaria, marinha, cavalaria, cerimônias religiosas, etc.

Figura 16: Brasões da UFBA com elementos naturais



Na Heráldica, os elementos naturais podem ser utilizados para representar um conteúdo que nem sempre corresponde ao fenômeno original. No Brasão da Escola de Agronomia, a árvore é interpretada realmente como um elemento da natureza e representa o reino vegetal. Já no caso do Brasão da Escola de Dança, a estrela sobre as águas representam a leveza dos dançarinos, assim como o Brasão do Instituto de Letras, o trevo (trifólio) representa a complexidade da atividade lingüística. (A pesquisadora elaborou a análise nos princípios da heráldica, da gestalt e da iconografia, descritos nas referências: VAQUERIZO ROMERO, CHEVALIER, GOMES FILHJO e PANOFKY).

É oportuno lembrar que hoje a Heráldica não é uma ciência oculta, cabalística e hermética. É uma ciência, uma arte e uma técnica. Por seu intermédio consegue-se o harmonioso efeito dos símbolos no seu desenho e nas suas cores e metais. Por intermédio da Heráldica obtém-se, para uso próprio, um agradável cartão de visita multicolor. O uso de sinais e de símbolos tornou-se mais do que um simples devaneio exibicionista. Tornou-se uma verdadeira necessidade nascida da exigência de *distinguir*, imposta pela confusa e multitudinária vida da atualidade.

5 ANALISE DOS BRASÕES

Sob os princípios modernizantes e o espírito de emancipação das Américas, o Brasil desenvolveu um conjunto de peças heráldicas, no intuito de contemplar as necessidades de representação imagética da nação, suas subdivisões administrativas, suas instituições sociais e culturais, seus poderes constituídos. Em caráter regional, os estados e municípios, assim como suas instituições, estiveram preocupados com a elaboração de símbolos próprios, cuja regulamentação e utilização ainda se dá de forma muito heterogênea.

Figura 17: Bandeira dos Estados Unidos da América



A situação baiana não se apresenta como exceção, muito embora a Bahia tenha contado com a presença de grandes estudiosos e heraldistas ao longo de sua história. O médico baiano Deocleciano Ramos, o primeiro deles, criou a Bandeira da Bahia, no ano de 1889. Queria, com ela, representar a agremiação política republicana, o povoamento da Bahia, sua ideologia liberal, sua história e suas tentativas de emancipação. Assim, baseou-se nos princípios expressos na Bandeira dos Estados Unidos da América, peça heráldica composta em 1831, assim como no triângulo evocativo ao símbolo maçônico, já adotada na Inconfidência Mineira, de 1789. (BANDEIRA, 2009, pág. 01)

A Conjuração Baiana ou Revolta dos Alfaiates, de 1798, também pesquisada por Ramos, que utilizou igualmente as cores vermelha, azul e branco em sua simbologia, o que reforçou a adoção das mesmas para a criação da referida bandeira. Além de evocar os movimentos emancipatórios das Américas, essas três cores já possuem tradicional uso heráldico: O *vermelho* representa a resistência e o valor, o *azul* representa a vigilância, a perseverança e a justiça e o branco representa a pureza e a inocência. (CONJURAÇÃO, 2009, pág. 01)

Figura 18: Brasão de Armas do Estado da Bahia



Baseando-se no conteúdo heráldico da Bandeira da Bahia, o Irmão Paulo Lachenmayer iniciou, em 1956, a criação do conjunto de Brasões da UFBA. Lachenmayer não utilizou o Brasão de Armas do Estado da Bahia como referência, por tratar-se de uma peça artística que não segue os princípios da Heráldica no escudo, apesar de seu valor plástico e decorativo, enquanto que a Bandeira da Bahia é uma peça estritamente Heráldica.

No entanto, Lachenmayer⁴ aproveitou-se da simbologia do primeiro brasão baiano, adotado pelo donatário Francisco Pereira Coutinho no século XVI, cujo escudo possui uma pomba branca num campo de prata a segurar um ramo de oliveira, simbolizando o descobrimento do Brasil por Cabral (referindo-se por semelhança a história do dilúvio bíblico). O símbolo heráldico do ramo de oliveira remete à força e a vida.

⁴ Conforme referido em texto administrativo, de autoria do próprio heraldista, inserido em sua íntegra no item b dos Apêndices.

Figura 19: Antigo Brasão da Capitania da Bahia



Para homogeneizar os símbolos heráldicos da UFBA mediante outros símbolos heráldicos brasileiros, Lachenmayer adotou o formato de escudo português. Tratando-se da representação simbólica de uma instituição de ensino, fez com que predominasse a cor azul, que representa a vigilância, a perseverança e a justiça e a extensão do verde das próprias folhas de oliva, representando a força e a vida. Alguns traços de vermelho e branco ou prata são incorporados aos Brasões da UFBA, reforçando as referências à Bandeira da Bahia e ao primeiro brasão.

Os timbres dos escudos, feitos com mais liberdade, evocam elementos das áreas de formação contempladas por cada Brasão. Neles, o uso do dourado denota a valorização do estudo como fonte de sabedoria (um bem representado com muita propriedade na Heráldica, pelo ouro). As tochas, símbolo da purificação, da iluminação e da iniciação, também são elementos presentes nos timbres, reforçando a valorização da função social da UFBA na peça heráldica. Por sugestão do heraldista Lachenmayer, os lemas e dizeres dos Brasões da UFBA foram escritos em latim, evocando formalidade, provavelmente buscando a referência e a semelhança dos brasões das universidades européias.

Figura 20: Bandeira da Bahia, hasteada ao lado da Bandeira Brasileira e da Bandeira do Município de Jacobina, em foto de Thiago Mayah



A Bandeira da UFBA e sua insígnia, seguindo os princípios heráldicos das demais peças do conjunto de símbolos heráldicos da instituição, exibem folhas de oliveira entrecambadas, representadas nas cores azul e branco, delineadas por um filete de prata. As duas peças determinam o estilo e a forma dos Brasões da UFBA, estabelecendo uma coleção de peças heráldicas que se combinam para uso e exibição conjunta. Com isso, fica clara a intenção em dar igual valor a todas as áreas e instituições simbolizadas pelos brasões, ao mesmo tempo em que identificou fortemente a UFBA com o próprio Estado da Bahia e a sua História, numa relação de identidade e pertencimento, evocando a sua própria bandeira.

Figura 21: Bandeira da UFBA



A UFBA buscou elaborar um conjunto composto de brasão, bandeira, insígnia, pendão e brasões das unidades de ensino de alguns órgãos suplementares.

- *Área I - Faculdade de Arquitetura, Escola Politécnica.*
- *Área II - Faculdade de Medicina, Faculdade de Odontologia, Escola de Enfermagem, Escola de Nutrição.*
- *Área III - Faculdade de Direito, Faculdade de Filosofia e Ciências Súcias, Escola de Administração, Escola de Biblioteconomia.*
- *Área V - Escola de Belas Artes.*
- *Órgãos Suplementares - Hospital Universitário Professor Edgard Santos, Museu de Arte Sacra.*

À medida que as novas unidades foram surgindo ao longo das últimas décadas, sem que a estas lhes fossem atribuídas representações simbólicas perenes, chegou o momento de renovar o acervo dos brasões criados inicialmente por Lachenmayer. Por solicitação do Reitor José Rogério da Costa Vargens, o Sr. Victor Hugo Carneiro Lopes no ano de 1991, redesenhou os símbolos originais, com suas respectivas interpretações e criou novos brasões para as unidades que ainda faltavam:

- *Área I – Instituto de Física, Instituto de Geociências, Instituto e Matemática, Instituto de Química.*

- *Área II – Escola de Agronomia, Escola de Farmácia, Escola de Medicina Veterinária, Instituto de Biologia, Instituto de Ciência da Saúde.*
- *Área III - Faculdade de Comunicação, Faculdade de Educação.*
- *Área IV - Instituto de Letras.*
- *Área V- Escola de Dança, Escola de Música, Escola de Teatro.*

Estando assim completo o quadro heráldico da UFBA, no dia 04 de julho de 1991 o brasão de armas foi inaugurado, sendo fixado na parede de fundo do Salão Nobre do Palácio da Reitoria. Sua arte foi confeccionada por uma equipe da *Escola de Belas Artes* em terracota, sendo esta coordenada pela Professora Norma Couto Athaide. Missão esta delegada à Pro - Reitoria de Extensão pelo magnífico Reitor José Rogério da Costa Vargens, a quem creditamos tão honroso trabalho. (UNIVERSIDADE, 1967, pág.61).

Figura 22: Arte em lápis-pastel do Brasão da UFBA



A importância do Brasão da UFBA na construção da imagem institucional se perpetua até a atualidade. O selo comemorativo da implantação do REUNI (fig.23), instituído pelo atual Reitor da UFBA, Naomar Monteiro de Almeida Filho, exemplifica a aplicação simbólica do Brasão da UFBA, como referência à instituição no coração do selo.

Figura 23: Selo comemorativo da implantação do REUNI na UFBA, em 2009



5.1 A Identidade da UFBA Representada pelos Brasões

A preocupação com a identidade, imagem e reputação vêm de muitos anos, mas desde inícios do século XX que as instituições e empresas despertaram um interesse maior sobre esse assunto. Nos nossos dias, as empresas, assim como qualquer instituição de solidariedade social, clube de futebol, universidade, ou mesmo cidade, região ou país, sente necessidade de planejar e gerir a apresentação visual da sua identidade, no sentido de promover uma imagem positiva e uma reputação de longo prazo. Essa mentalidade se refletiu na Heráldica Universitária brasileira e, certamente, influenciou às lideranças gestoras da UFBA. Trata-se da preservação e ênfase do conjunto de atributos e valores que emergem do seu passado, e da sua tradição cultural.

Para aprofundar os conhecimentos sobre o conteúdo individualizado das peças heráldicas que compõe o universo pesquisado, cada uma delas terá a sua imagem reproduzida, sua descrição original transcrita executada por parte dos autores, Irmão Paulo Lachenmayer e Victor Hugo C. Lopes (ver apêndice b,c,d) e a análise individualizada, segundo a metodologia da análise de conteúdo baseado em Bardin, elaborado como trabalho de pesquisa dissertativa.

Para tal, foi utilizado o referencial Semiótico Heráldico e Informacional, tendo em vista que a complexidade dos conteúdos expressados por cada uma das peças heráldicas reflete uma intencionalidade, uma historiografia e uma simbologia, condizentes com a

imagem institucional desejada pelos seus idealizadores, que desejavam criar uma imagem institucional forte, internacionalizada e, ao mesmo tempo, identificada com a comunidade estudantil e intelectual da Bahia.

Os Brasões da UFBA, elaborados sob o conjunto de parâmetros entendidos por Lachenmayer como os que aproximariam mais dos ideais de uma grande universidade e a identificação com a cultura baiana, representam coletivamente um **enunciado**. A disposição dos objetos do que compõe esse enunciado obedece previamente as Leis da Heráldica. Para o olhar minimamente familiarizado de qualquer observador, isso faz com que a disposição dos objetos no brasão seja perfeitamente previsível, assim como parte relevante do conteúdo da mensagem pretendida, sendo assim o significante em sua previsibilidade.

A presença do ramo de oliveiras, que representa a força e a vida num aspecto geral da Heráldica, aqui também agrega o significado da própria descoberta do país, mediante a apresentação da alegoria diluviana. A estrutura departamental da UFBA está denotada nos brasões departamentais esquartelados, pela clara posição de chefia dada ao símbolo do ramo de oliveiras em azul (representativo da UFBA em sua centralidade), no 1º e 4º quadrante. A cor azul tem predominância, pela clara determinação de significar o caráter pacífico, já que a instituição universitária tem função social mais próxima dos ideais de vigilância, a perseverança e a justiça simbolizados pelo azul, assim como o branco significa a pureza e a inocência.

Por meio do estudo e da pesquisa dentro do elenco de signos da linguagem Heráldica, foi possível ao heraldista exprimir individualmente as características e a função social da UFBA em seu conjunto e das unidades em sua identidade individual. Os significados consagrados dos objetos e símbolos empregados tornam fácil a apreensão do significado de cada brasão, em proporção ao conhecimento individual de cada leitor relativo à linguagem Heráldica e aos referidos objetos e símbolos. Contudo, o significado acessível a todos os “leitores” dos brasões, independentemente de sua formação e conhecimento heráldico, denota a existência de uma instituição e uma imagem que a sinaliza.

Ao analisar os brasões da UFBA percebe-se que algumas vezes, não foram aplicadas a proposta heráldica, porém a aplicabilidade das leis da gestalt ficam mais evidentes.

Contemplando os Brasões da UFBA, a luz das leis da gestalt, podem verificar as seguintes incidências:

Figura 24: Brasão da UFBA



- **SEMELHANÇA:** As folhas de oliveira são reconhecíveis, pois remetem ao imaginário cristão e freqüentemente referidas em âmbito popular, mas podem ser reconhecidas também simplesmente como um ramo de árvore genérico. Outros elementos reconhecíveis estão presentes nos brasões departamentais, como a coluna, o pêndulo, a esfera armilar, a fava de colméia, outros ramos e árvores, os livros, a balança, a coruja, a lira, as máscaras teatrais, flores, cruces e cruzeiros, que são passíveis de interpretação leiga, mesmo sem a apreensão dos conteúdos de significância Heráldica. Quanto aos símbolos matemáticos e alquímicos presentes, reservam uma relação de semelhança perceptível apenas a pessoas com um nível de conhecimento lingüístico compatível com sua leitura, mas podem ser reconhecidos por analogia, se comparados aos símbolos profissionais mais difundidos socialmente.
- **PROXIMIDADE:** Os objetos componentes dos brasões se aproximam sob os parâmetros da Heráldica, sem tocar formas e cores diferentes e sem misturar os metais, os conjuntos são harmonicamente distribuídos nos escudos e tímbrs. O público previamente familiarizado com o Brasão da UFBA não tem dificuldades em reconhecer os brasões departamentais, já que todos são esquartelados e sinalizados, sendo que seu

conjunto conjuga e harmoniza símbolos das unidades e o símbolo da UFBA, em harmonia de cores e disposição.

- **BOA CONTINUIDADE:** A aparição dos ramos de oliveira entrelaçados em azul e branco denota um exercício plástico de continuidade, que agrega a beleza de uma obra pictórica ao perfeito domínio das Leis da Heráldica. No esquartelamento dos brasões departamentais, a harmonia dessa peça estilizada contrasta positivamente com os quartéis que exibem os objetos reconhecíveis relacionados as profissões, os símbolos matemáticos e alquímicos. O uso predominante dos tons de azul, prata e verde ajudam na continuidade e cria uma sensação de serenidade, característica das cores frias.
- **PREGNÂNCIA:** O ramo de oliveira entrelaçado em azul e branco, tema recorrente em todos os Brasões da UFBA, tem uma relação de pregnância que joga com a ótica, criando a ilusão de luz e sombra, claro e escuro, aprofundado pelo uso do azul-marinho e prata, que são cores frias. Os escudos são percebidos como objetos estampados de forma clara, com os objetos perfeitamente distribuídos, sendo que não há sensação de confusão ou empastelamento do conjunto ao olhar. Quanto ao timbre do Brasão da UFBA, com a presença das tochas flamejantes douradas, está disposto para criar uma sensação de profundidade, de uma terceira dimensão que destaca o escudo do plano do papel.
- **CLAUSURA OU FECHAMENTO:** Determina-se a clausura dos Brasões segundo as leis e a estética solicitada pela própria Heráldica, ciência e arte cujo heraldista criador do conjunto da UFBA possuía pleno domínio. Assim, os elementos internos aos escudos encontram-se perfeitamente enclausurados na estrutura de superfície do escudo português, delineados as suas margens por linhas de ouro ou prata. Os timbres, que ocupam o espaço externo ao escudo e representam um ornamento, agregam-se ao conjunto que compõe a imagem de cada brasão, sem estabelecer relações de clausura.
- **EXPERIÊNCIA PASSADA:** Os ramos de oliveira entrelaçados em azul e branco recorrem ao cenário natural das noites enluaradas, nas quais um céu de azul profundo faz uma fronteira com as águas do mar, prateadas pela luz da lua, iluminando ou delineando a silhueta das folhas nos arvoredos. Os instrumentos de trabalho,

reproduzidos em metal, lembram os objetos reais de trabalho cotidiano dos especialistas, enquanto símbolos tradicionais da Alquimia são reconhecíveis, já que se encontram difundidos em diversas outras aparições imagéticas associadas as profissões, como selos, documentos, timbres.

Analisando o plano de **expressão e de conteúdo** dos Brasões da UFBA, determina-se que o objetivo do heraldista foi o de conjugar formas geométricas, orgânicas, cores frias e as formas presentes na linguagem Heráldica, para gerar um acervo simbólico referente a função social e a identificação institucional, com a distinção dos referidos órgãos e ambientes sociais componentes, por meio de marcos estilizados. As cores frias e os metais, transmitindo uma aura de serenidade, preparam a visão do conjunto de objetos e signos arranjado harmonicamente em cada Brasão da UFBA, com a presença esporádica de fundos vermelhos em alguns quartéis, apenas com o aspecto de rememorar, no conjunto, as cores componentes da Bandeira da Bahia.

A presença dos símbolos e objetos de uso profissional, arranjados ao lado dos ramos de oliveira, expressam um conteúdo de trabalho com finalidades pacíficas, enfatizando ao observador o caráter edificante e tranqüilo das atividades desenvolvidas pela instituição identificada. Os lemas, sempre em latim, trazem mensagens igualmente edificantes, fazendo apologia às virtudes presentes nos profissionais que ali serão formados e em suas atividades sociais. Numa síntese aditiva, poderia se afirmar que os conjuntos dos Brasões da UFBA, sob a forma de expressão possibilitada pelos recursos da linguagem Heráldica, expressam um conteúdo de positividade, convidando o leitor a se aproximar da instituição apresentada por meio de cada uma das trinta e quatro peças, com serenidade e harmonia.


Quanto ao **sujeito enunciativo**, pode-se afirmar que os Brasões da UFBA possuem uma entidade coletiva, a figura da própria universidade, ali agregada de características antropomórficas e enunciando, por meio de uma linguagem simbólica e eminentemente imagética, a expressão de sua própria identidade. O recurso heráldico, reconhecido por Edgar Santos como uma forma de consolidação da imagem institucional de uma grande universidade, que lhe traria um aspecto de respeitabilidade e igualdade as grandes universidades européias, busca dar a voz a UFBA, para que seus símbolos heráldicos


enunciem e defendam essa igualdade, diante da comunidade acadêmica local e internacional, encomendando a elaboração do primeiro conjunto de peças a Lachenmayer, nos anos 1950.

5.2 Fichas Interpretativas dos Brasões


Como instrumento para a realização da análise de conteúdo dos Brasões, foi desenvolvida uma ficha que denominou-se **Ficha Interpretativa dos Brasões**.

Esta ficha é material inédito, elaborado pela pesquisadora, por meio da sistematização das informações e conhecimentos pesquisados, assim como registros originais e notações descritivas dos heraldistas Lachenmayer e Victor Hugo, para um melhor entendimento e visualização do conteúdo dos brasões. Acrescentadas de análise elaborada pela pesquisadora sob o referencial de publicações especializadas (Chevalier, Panofsky e Bardin), conforme descrito na Metodologia da Pesquisa. (ver apêndice b).


Ficha Interpretativa do Brasão	
Identificação Brasão de Armas da Universidade Federal da Bahia	Figura 25: Brasão da Universidade Federal da Bahia
Localização Gabinete do Reitor	
Tipologia Aguada de Guache sobre papel	
Época de Construção 1951	
Contextualização da Imagem Utilizada em toda a documentação oficial da UFBA, assim como estampada em chapas de identificação bem patrimonial, identificação de veículos, carteiras funcionais, manuais da comunidade acadêmica, sites e peças de comunicação digital, periódicos e material publicitário de diversas mídias, convites e comunicações oficiais, utilizado também com funções de logotipo (ideografia). Ou seja, o brasão está sendo utilizado dentro de sua proposta e com aproveitamento de sua potencialidade comunicativa.	
Análise Formal Brasão fendido com dois campos triangulares, sendo o da esquerda em prata que simboliza pureza, integridade, obediência, o da direita na cor azul marinho, representando a lealdade, justiça, perseverança, composto por dois ramos de oliveira entrecambados, representando a vida, a sabedoria, e fazendo referência ao dilúvio bíblico e descoberta do novo mundo. Atrás do timbre estão três tochas douradas, que representam, a nobreza e o poder, queimando fogo natural que representa a luz e a vitória. A fita azul e prata, abaixo do timbre com dizeres em latim: <i>VIRTUTE SPIRITUS</i> (Pela força do espírito). O brasão está contornado por um fio de ouro.	
Estado de Conservação A peça original encontra-se em boas condições de conservação e condicionada, em pasta, com divisórias individuais, sob a guarda do Gabinete do Reitor. Os fac-símiles estão distribuídos, conforme a função e uso, na estrutura funcional da universidade.	


Ficha Interpretativa do Brasão	
Identificação Bandeira da Universidade Federal da Bahia	Figura 26: Bandeira da Universidade Federal da Bahia
Localização Gabinete do Reitor	
Tipologia Aguada de Guache sobre papel	
Época de Construção 1991	
Contextualização da Imagem Está fora do contexto da Universidade, de pouca utilização, não há registro de exemplares confeccionados.	
Análise Formal A obra é estilizada, mas mantém uma forma naturalista, no que se refere aos ramos de oliveira representados. Esta dividida em dois campos triangulares escalenos que estão talhando a bandeira, sendo o da esquerda branco representando a paz, a integridade, a obediência. O da direita na cor azul marinho, representando a lealdade, justiça, perseverança, compostos por dois ramos de oliveira entrecambados, representando a vida, a sabedoria e fazendo referência ao dilúvio bíblico e descoberta do novo mundo. Esta dividida por um fio de prata que também faz o seu contorno, representando a água (rio, mar). A bandeira é um símbolo de proteção.	
Estado de Conservação A peça original encontra-se em boas condições de conservação e condicionada, em pasta, com divisórias individuais, sob a guarda do Gabinete do Reitor. Os fac-similes estão distribuídos, conforme a função e uso, na estrutura funcional da universidade.	


Ficha Interpretativa do Brasão	
Identificação Insígnia do Reitor da Universidade Federal da Bahia	Figura 27: Insígnia do Reitor da Universidade Federal da Bahia
Localização Gabinete do Reitor	
Tipologia Aguada de Guache sobre papel	
Época de Construção 1991	
Contextualização da Imagem Está fora do contexto da Universidade, de pouca utilização, não há registro de exemplares confeccionados.	
Análise Formal A insígnia é um símbolo que identifica a instituição, esta dividida em dois campos sendo o da esquerda um triângulo isóceles branco representando a paz, a integridade, a obediência o direita um trapezoidal na cor azul marinho, representando a lealdade, justiça, perseverança, compostos por dois ramos de oliveira entrecambados, representando a vida, a sabedoria e fazendo referência ao dilúvio bíblico e descoberta do novo mundo. Um contorno de prata que representa a água (rio, mar), a paz, a integridade, a obediência, separa as folhas de oliveira, entrelaçadas em branco e azul.	
Estado de Conservação A peça original encontra-se em boas condições de conservação e condicionada, em pasta, com divisórias individuais, sob a guarda do Gabinete do Reitor. Os fac-símiles estão distribuídos, conforme a função e uso, na estrutura funcional da universidade.	

Ficha Interpretativa do Brasão	
Identificação Pendão da Universidade Federal da Bahia	Figura 28: Pendão da Universidade Federal da Bahia
Localização Gabinete do Reitor	
Tipologia Aguada de Guache sobre papel	
Época de Construção 1991	
Contextualização da Imagem Está fora do contexto da Universidade, de pouca utilização, não há registro de exemplares confeccionados	
Análise Formal <p>O pendão é o emblema da instituição, logo acima tem uma flamula com a inscrição Universidade Federal da Bahia, esta dividido em dois campos triangulares escalenos, o da esquerda em branco representando a paz, a integridade, a obediência o direita em azul marinho, representando a lealdade, justiça, perseverança, compostos por dois ramos de oliveira entrecambados, representando a vida, a sabedoria e fazendo referencia ao diluvio biblico e descoberta do novo mundo. Um contorno de prata que representa a agua (rio, mar), a paz, a integridade, a obediencia, que divide o pendão ao meio e separa as folhas de oliveira, entrelaçadas em branco e azul. O pendão pode ser de varias formas: triangular, retangular, trapezoide sendo uma miniatura da insignia oude uma bandeira, pode ser aranjada de forma vertical ou horizontal. Serve para ornamentação de mesas, estantes, entre outros.</p>	
Estado de Conservação <p>A peça original encontra-se em boas condições de conservação e condicionada, em pasta, com divisórias individuais, sob a guarda do Gabinete do Reitor. Os fac-similes estão distribuidos, conforme a função e uso, na estrutura funcional da universidade.</p>	

AREA I

Ficha Interpretativa do Brasão	
<p>Identificação</p> <p>Brasão da Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal da Bahia</p>	<p>Figura 29: Brasão da Fac. de Arquitetura da Universidade Federal da Bahia</p>
<p>Localização</p> <p>Gabinete do Reitor</p>	
<p>Tipologia</p> <p>Aguada de Guache sobre papel</p>	
<p>Época de Construção</p> <p>1991</p>	
<p>Contextualização da Imagem</p> <p>Está fora do contexto da Universidade, de pouca utilização, não há registro de exemplares confeccionados.</p>	
<p>Análise Formal</p> <p>Brasão esquartelado em cruz, cujo primeiro e quarto quartéis, mais importantes, representam a bandeira da UFBA, enquanto o segundo e o terceiro quartéis contém o símbolo que representa a unidade, três colunas dóricas, elemento essencial na arquitetura, suportes de edificações, que garantem a solidez da construção, travadas e assentadas, na cor prata que simboliza pureza, firmeza, integridade e obediência. O seu contorno é todo em ouro. O fundo é na cor azul marinho representando a lealdade, justiça, perseverança. Abaixo do timbre há uma fita na cor azul e prata com os dizeres em latim: <i>FIRMITAS UTILITAS VENUSTAS</i> (Firmeza, utilidade e beleza). O brasão está contornado por um fio de ouro.</p>	
<p>Estado de Conservação</p> <p>A peça original encontra-se em boas condições de conservação e condicionada, em pasta, com divisórias individuais, sob a guarda do Gabinete do Reitor. Os fac-símiles estão distribuídos, conforme a função e uso, na estrutura funcional da universidade.</p>	

Ficha Interpretativa do Brasão	
Identificação Brasão do Instituto de Física da Universidade Federal da Bahia	Figura 30: Brasão Instituto de Física da Universidade Federal da Bahia
Localização Gabinete do Reitor	
Tipologia Aguada de Guache sobre papel	
Época de Construção 1992	
Contextualização da Imagem O brasão é utilizado em documentos oficiais e também está no portal da UFBA no site da unidade, não há registro de exemplares confeccionados.	
Análise Formal Brasão esquartelado em cruz, cujo primeiro e quarto quartéis, mais importantes, representam a bandeira da UFBA, enquanto o segundo e o terceiro quartéis contêm o símbolo que representa a unidade. Esses quartéis têm a figura do esquadro e de um prumo, que representam um instrumento de trabalho, simbolizando o espaço, as leis, a retidão e o equilíbrio da construção; eles não são símbolos heráldicos. O conjunto é todo em prata que simboliza pureza, firmeza, integridade e obediência. Seu contorno é todo em ouro. O fundo é na cor azul marinho representando a lealdade, justiça, perseverança. Abaixo do timbre há uma fita na cor azul e prata com os dizeres em latim: <i>ABDITE RERUM CAUSAE</i> . O brasão está contornado por um fio de ouro.	
Estado de Conservação A peça original encontra-se em boas condições de conservação e condicionada, em pasta, com divisórias individuais, sob a guarda do Gabinete do Reitor. Os fac-símiles estão distribuídos, conforme a função e uso, na estrutura funcional da universidade.	

Ficha Interpretativa do Brasão	
Identificação Brasão do Instituto de Geociências da Universidade Federal da Bahia	Figura 31: Brasão do Instituto de Geociências da Universidade Federal da Bahia
Localização Gabinete do Reitor	
Tipologia Aguada de Guache sobre papel	
Época de Construção 1992	
Contextualização da Imagem Esse brasão é utilizado em documentos oficiais, eventos, certificados de curso patrocinados pelo instituto. A imagem do brasão que representa o instituto esta no balcão da recepção. O brasão também é utilizado no portal da UFBA no site referente à unidade.	
Análise Formal Brasão esquartelado em cruz, cujo primeiro e quarto quartéis, mais importantes, representam a bandeira da UFBA, enquanto o segundo e o terceiro quartéis contém o símbolo que representa a unidade. A esfera armilare é um instrumento que determina latitude e longitude, tem assinalado os meridianos e a eclíptica, possuem um movimento circular perfeito, imutável, sem começo nem fim, eles também simbolizam o mundo, o círculo é o signo da unidade. O conjunto é todo em ouro e o seu contorno também que representa a nobreza e o poder. O fundo é na cor azul marinho representando a lealdade, justiça, perseverança. Abaixo do timbre há uma faixa na cor azul e prata com os dizeres em latim: <i>ULTRA ORBEM DOCET</i> . O brasão esta contornado por um fio de ouro.	
Estado de Conservação A peça original encontra-se em boas condições de conservação e condicionada, em pasta, com divisórias individuais, sob a guarda do Gabinete do Reitor. Os fac-similes estão distribuídos, conforme a função e uso, na estrutura funcional da universidade.	

Ficha Interpretativa do Brasão

Identificação

Brasão do Instituto de Matemática da Universidade Federal da Bahia

Figura 32: Brasão do Instituto de Matemática da Universidade Federal da Bahia

Localização

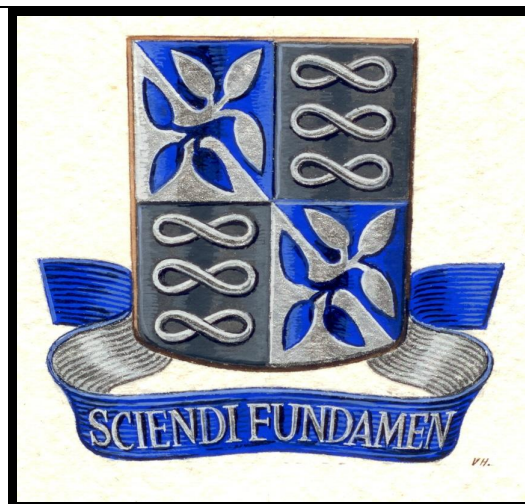
Gabinete do Reitor

Tipologia

Aguada de Guache sobre papel

Época de Construção

1992



Contextualização da Imagem


Está fora do contexto da Universidade, não é utilizada em documentos oficiais, esta presente no portal da UFBA no site correspondente a unidade.

Análise Formal

Brasão esquartelado em cruz, cujo primeiro e quarto quartéis, mais importantes, representam a bandeira da UFBA, enquanto o segundo e o terceiro quartéis contém o símbolo que representa a unidade. Três vezes o símbolo do infinito, que denota a amplitude subjetiva das fronteiras da matemática, não é um símbolo heráldico. O conjunto é todo em prata que simboliza pureza, firmeza, integridade e obediência. Possui um contorno em ouro. O fundo é na cor preta que representa honestidade, rigor e astúcia. Abaixo do timbre há uma fita levemente ondulada na cor azul e prata com os dizeres em latim: *SCIENDI FUNDAMEN*. O brasão está contornado por um fio de ouro.

Estado de Conservação


A peça original encontra-se em boas condições de conservação e condicionada, em pasta, com divisórias individuais, sob a guarda do Gabinete do Reitor. Os fac-símiles estão distribuídos, conforme a função e uso, na estrutura funcional da universidade.


Ficha Interpretativa do Brasão	
<p>Identificação</p> <p>Brasão do Instituto de Química da Universidade Federal da Bahia</p>	<p>Figura 33: Brasão do Instituto de Química da Universidade Federal da Bahia</p>
<p>Localização</p> <p>Gabinete do Reitor</p>	
<p>Tipologia</p> <p>Aguada de Guache sobre papel</p>	
<p>Época de Construção</p> <p>1992</p>	
<p>Contextualização da Imagem</p> <p>O brasão é utilizado em documentos oficiais, foi confeccionado um <i>bottom</i> com o brasão em comemoração aos trinta anos do instituto. Aparece no portal da UFBA, no site correspondente a unidade.</p>	
<p>Análise Formal</p> <p>Brasão esquartelado em cruz, cujo primeiro e quarto quartéis, mais importante, representam a bandeira da UFBA, enquanto o segundo e o terceiro quartéis contém o símbolo que representa a unidade. Duas retortas fazem alusão ao laboratório químico, utilizado nas operações químicas, são instrumentos tradicionais, não é um símbolo heráldico. O hexágono por trás é heráldico e representa o trabalho. O conjunto é todo em prata que simboliza pureza, firmeza, integridade e obediência. O seu contorno é todo em ouro. O fundo na cor azul marinho que representa a lealdade, justiça e perseverança. A fita a baixo do timbre acompanha a coloração interna do escudo, é levemente ondulada, possuindo dizeres em latim: <i>ARCANA INEO NATURAE</i>. O brasão está contornado por um fio de ouro.</p>	
<p>Estado de Conservação</p> <p>A peça original encontra-se em boas condições de conservação e condicionada, em pasta, com divisórias individuais, sob a guarda do Gabinete do Reitor. Os fac-símiles estão distribuídos, conforme a função e uso, na estrutura funcional da universidade.</p>	


Ficha Interpretativa do Brasão	
<p>Identificação</p> <p>Brasão da Escola Politécnica da Universidade Federal da Bahia</p>	<p>Figura 34: Brasão da Escola Politécnica da Universidade Federal da Bahia</p>
<p>Localização</p> <p>Gabinete do Reitor</p>	
<p>Tipologia</p> <p>Aguada de Guache sobre papel</p>	
<p>Época de Construção</p> <p>1991</p>	
<p>Contextualização da Imagem</p> <p>O brasão é usado em documentos oficiais internos e externos, em eventos realizados pela escola, é utilizado também no portal da UFBA, no site correspondente a unidade. A imagem do brasão da escola Politécnica se encontra na dependência do auditório, ornando a tribuna de honra.</p>	
<p>Análise Formal</p> <p>Brasão esquartelado em cruz, cujo primeiro e quarto quartéis, mais importantes, representam a bandeira da UFBA, enquanto o segundo e o terceiro quartéis contêm o símbolo que representa a unidade. O favo de colmeia representa a união, a edificação, sua organização dispostas em forma de pirâmide representa a ascensão. O conjunto é todo em prata que simboliza pureza, firmeza, integridade e obediência. O seu contorno é em ouro. O fundo é na cor azul marinho que representa a lealdade, justiça, perseverança. Abaixo do timbre há uma fita levemente ondulada na cor azul e prata com os dizeres em latim: <i>OPUS RATIO SCIENTIA</i>. O brasão está contornado por um fio de ouro.</p>	
<p>Estado de Conservação</p> <p>A peça original encontra-se em boas condições de conservação e condicionada, em pasta, com divisórias individuais, sob a guarda do Gabinete do Reitor. Os fac-similes estão distribuídos, conforme a função e uso, na estrutura funcional da universidade.</p>	

AREA II

Ficha Interpretativa do Brasão	
Identificação Brasão da Escola de Agronomia da Universidade Federal da Bahia	Figura 35: Brasão da Escola de Agronomia da Universidade Federal da Bahia
Localização Gabinete do Reitor	
Tipologia Aguada de Guache sobre papel	
Época de Construção 1992	
Contextualização da Imagem Está fora do contexto da Universidade, é pouco utilizada.	
Análise Formal Brasão esquartelado em cruz, cujo primeiro e quarto quartéis, mais importantes, representam a bandeira da UFBA, enquanto o segundo e o terceiro quartéis contêm o símbolo que representa a unidade. A árvore é um tema simbólico mais rico e também mais difundido pois possui grande quantidade de significados, mas aqui simboliza a vida, em perpetua evolução e ascensão, suas raízes mergulham no solo e seus galhos se elevam para o céu, a árvore é universalmente considerada o símbolo que estabelece a relação entre a terra e o céu. O conjunto é em ouro e o seu contorno também, representa a nobreza e o poder. O fundo é na cor verde representando prosperidade, esperança, a fé, e a liberdade. Abaixo do timbre tem uma faixa na cor azul e prata, é levemente ondulada, possui dizeres em latim: <i>JUVENT ARVA GENTES</i> . O brasão está contornado por um fio de ouro.	
Estado de Conservação A peça original encontra-se em boas condições de conservação e condicionada em pasta, com divisórias individuais, sob a guarda do Gabinete do Reitor. Os fac-símiles estão distribuídos, conforme a função e uso, na estrutura funcional da universidade.	


Ficha Interpretativa do Brasão	
Identificação Brasão do Instituto de Biologia da Universidade Federal da Bahia	Figura 19: Brasão do Instituto de Biologia da Universidade Federal da Bahia
Localização Gabinete do Reitor	
Tipologia Aguada de Guache sobre papel	
Época de Construção 1992	
Contextualização da Imagem O brasão é usado em documentos oficiais, em eventos realizados pelo instituto, tem uma imagem do brasão na recepção do prédio. O brasão da unidade é também utilizado no portal da UFBA no site correspondente a unidade.	
Análise Formal Brasão esquartelado em cruz, cujo primeiro e quarto quartéis, mais importantes, representam a bandeira da UFBA, enquanto o segundo e o terceiro quartéis contêm o símbolo que representa a unidade. Símbolos astronômicos do planeta Marte e do planeta Vênus, entrecambados simbolizando a união do masculino e feminino, representando o início da vida, não é um símbolo, heráldico. O conjunto é todo em ouro e o seu contorno também, representa a nobreza e o poder. Abaixo do timbre há uma fita na cor azul e prata, levemente ondulada, que possui os dizeres em latim: <i>FOVENDA USQUE VITA</i> . O brasão está contornado por um fio de ouro.	
Estado de Conservação A peça original encontra-se em boas condições de conservação e condicionada em pasta, com divisórias individuais, sob a guarda do Gabinete do Reitor. Os fac-símiles estão distribuídos, conforme a função e uso, na estrutura funcional da universidade.	

Ficha Interpretativa do Brasão	
Identificação Brasão da Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia	Figura 37: Brasão da Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia
Localização Gabinete do Reitor	
Tipologia Aguada de Guache sobre papel	
Época de Construção 1991	
Contextualização da Imagem O brasão é utilizado em documentos oficiais, em eventos da escola.	
Análise Formal <p>Brasão esquartelado em cruz, cujo primeiro e quarto quartéis, mais importantes, representam a bandeira da UFBA, enquanto o segundo e o terceiro quartéis contêm o símbolo que representa a unidade. Três lampadas de prata simbolizando a transmissão da vida, as chamas em vermelho símbolo fundamental do princípio da vida com sua força, seu poder, e brilho vermelho cor de fogo e de sangue. A lampada na enfermagem homenageia a Florence Nightingale, a patronice da enfermagem. . O simbolismo da lampada está ligado a emanção da luz, e a sabedoria. As lampadas são em prata que simbolizam pureza, firmeza, integridade e obediência. O fundo é na cor azul marinho que representa a lealdade, zelo, perseverança, caridade. A borda do brasão é de ouro, para que os metais não se misturem na insígnia. Abaixo do timbre há uma fita na cor azul e prata, levemente ondulada com os dizeres em latim: <i>FAC TU SIMILITER</i>. O brasão está contornado por um fio de ouro.</p>	
Estado de Conservação <p>A peça original encontra-se em boas condições de conservação e condicionada em pasta, com divisórias individuais, sob a guarda do Gabinete do Reitor. Os fac-similes estão distribuídos, conforme a função e uso, na estrutura funcional da universidade.</p>	


Ficha Interpretativa do Brasão	
<p>Identificação</p> <p>Brasão da Escola de Farmácia da Universidade Federal da Bahia</p>	<p>Figura 38: Brasão da Escola de Farmácia da Universidade Federal da Bahia</p>
<p>Localização</p> <p>Gabinete do Reitor</p>	
<p>Tipologia</p> <p>Aguada de Guache sobre papel</p>	
<p>Época de Construção</p> <p>1992</p>	
<p>Contextualização da Imagem</p> <p>Está fora do contexto da Universidade, não é utilizada em documentos oficiais, ele aparece no portal da UFBA no site referente a unidade.</p>	
<p>Análise Formal</p> <p>A Brasão esquartelado em cruz, cujo primeiro e quarto quartéis, mais importantes, representam a bandeira da UFBA, enquanto o segundo e o terceiro quartéis contém o símbolo que representa a unidade. A taça com o caduceu (bastão com a serpente) que representa o remédio, as folhas de oliveira a vida e prosperidade. O conjunto em ouro representa a nobreza e poder. O fundo na cor verde representando saúde, esperança, e fé. A borda do brasão é de ouro, para que os metais não se misturem na insígnia. Abaixo do timbre há uma fita na cor azul e prata, levemente ondulada com dizeres em latim: <i>RATIO SIT SALUTI</i>. O brasão está contornado por um fio de ouro.</p>	
<p>Estado de Conservação</p> <p>A peça original encontra-se em boas condições de conservação e condicionada em pasta, com divisórias individuais, sob a guarda do Gabinete do Reitor. Os fac-símiles estão distribuídos, conforme a função e uso, na estrutura funcional da universidade.</p>	

Ficha Interpretativa do Brasão	
<p>Identificação</p> <p>Brasão do Instituto de Ciências da Saúde da Universidade Federal da Bahia</p>	<p>Figura 39: Brasão do Instituto de Ciências da Saúde da Universidade Federal da Bahia</p>
<p>Localização</p> <p>Gabinete do Reitor</p>	
<p>Tipologia</p> <p>Aguada de Guache sobre papel</p>	
<p>Época de Construção</p> <p>1992</p>	
<p>Contextualização da Imagem</p> <p>Está fora do contexto da Universidade, não é utilizado.</p>	
<p>Análise Formal</p> <p>A Brasão esquartelado em cruz, cujo primeiro e quarto quartéis, mais importantes, representam a bandeira da UFBA, enquanto o segundo e o terceiro quartéis contêm o símbolo que representa a unidade. Um pilar que simboliza a segurança, envolto por uma serpente que representa o caduceu de Mercurio, que simboliza o remédio, as folhas de oliveira simbolizam a vida e prosperidade. O fundo na cor verde representando saúde, esperança, e fé. A borda do brasão é de ouro, para que os metais não se misturem na insígnia. Abaixo do timbre há uma fita na cor azul e prata, levemente ondulada com dizeres em latim: <i>SANI AD IMA</i>. O brasão está contornado por um fio de ouro.</p>	
<p>Estado de Conservação</p> <p>A peça original encontra-se em boas condições de conservação e condicionada em pasta, com divisórias individuais, sob a guarda do Gabinete do Reitor. Os fac-similes estão distribuídos, conforme a função e uso, na estrutura funcional da universidade.</p>	

Ficha Interpretativa do Brasão	
Identificação Brasão da Faculdade de Medicina da Universidade Federal da Bahia	Figura40: Brasão da Faculdade de Medicina da Universidade Federal da Bahia
Localização Gabinete do Reitor	
Tipologia Aguada de Guache sobre papel	
Época de Construção 1991	
Contextualização da Imagem O brasão é utilizado em documentos oficiais, em certificados de cursos promovidos pela faculdade, em placas comemorativas, em eventos, convites e outros. Ele também é utilizado no portal da UFBA no site correspondente a faculdade.	
Análise Formal O Brasão esquartelado em cruz, cujo primeiro e quarto quartéis, mais importantes, representam a bandeira da UFBA, enquanto o segundo e o terceiro quartéis contém o símbolo que representa a unidade. O caduceu de Mercurio em ouro com apenas um serpente representando a vida. O bastão era usado por Esculapio Deus grego da medicina. O fundo na cor verde representando esperança, saúde, fé e amor. A borda do escudo é de ouro, para que os metais não se misturem na insígnia. No timbre tem estampado o ano de 1808, data da criação da Escola de Cirurgia da Bahia (Faculdade de Medicina da Bahia). Abaixo do timbre tem uma fita na cor azul e prata, levemente ondulada com os dizeres em latim: <i>SANARE ATQUE SERVARE</i> (Curar e conservar). O brasão está contornado por um fio de ouro.	
Estado de Conservação A peça original encontra-se em boas condições de conservação e condicionada em pasta, com divisórias individuais, sob a guarda do Gabinete do Reitor. Os fac-símiles estão distribuídos, conforme a função e uso, na estrutura funcional da universidade.	

Ficha Interpretativa do Brasão	
<p>Identificação</p> <p>Brasão da Faculdade de Nutrição da Universidade Federal da Bahia</p>	<p>Figura 41: Brasão da Faculdade de Nutrição da Universidade Federal da Bahia</p>
<p>Localização</p> <p>Gabinete do Reitor</p>	
<p>Tipologia</p> <p>Aguada de Guache sobre papel</p>	
<p>Época de Construção</p> <p>1991</p>	
<p>Contextualização da Imagem</p> <p>O brasão é utilizado em documentos oficiais, eventos, no portal da UFBA no site correspondente a faculdade.</p>	
<p>Análise Formal</p> <p>O Brasão esquartelado em cruz, cujo primeiro e quarto quartéis, mais importantes, representam a bandeira da UFBA, enquanto o segundo e o terceiro quartéis contém o símbolo que representa a unidade. A balança que representa a prudência e equilíbrio, embricada por espiga de trigo que significa colheita da terra. Uma serpente envolve as duas figuras que representa um caduceu de Mercurio que simboliza o remédio. O conjunto é de ouro que representa a nobreza e o poder. O fundo na cor verde representando esperança, saúde, fé e amor. A borda do escudo é de ouro, para que os metais não se misturem na insígnia. Abaixo do timbre uma fita na cor azul e prata, levemente ondulada com os dizeres em latim: <i>VITALIS VICTUS</i>. O brasão está contornado por um fio de ouro.</p>	
<p>Estado de Conservação</p> <p>A peça original encontra-se em boas condições de conservação e condicionada em pasta, com divisórias individuais, sob a guarda do Gabinete do Reitor. Os fac-símiles estão distribuídos, conforme a função e uso, na estrutura funcional da universidade.</p>	


Ficha Interpretativa do Brasão	
<p>Identificação</p> <p>Brasão da Faculdade de Odontologia da Universidade Federal da Bahia</p>	<p>Figura 42: Brasão da Faculdade de Odontologia da Universidade Federal da Bahia</p>
<p>Localização</p> <p>Gabinete do Reitor</p>	
<p>Tipologia</p> <p>Aguada de Guache sobre papel</p>	
<p>Época de Construção</p> <p>1991</p>	
<p>Contextualização da Imagem</p> <p>O brasão é utilizado em documentos oficiais, eventos, no portal da UFBA no site correspondente a faculdade. Tem uma placa com o brasão e o nome da faculdade.</p>	
<p>Análise Formal</p> <p>O Brasão esquartelado em cruz, cujo primeiro e quarto quartéis, mais importantes, representam a bandeira da UFBA, enquanto o segundo e o terceiro quartéis contém o símbolo que representa a unidade. A broca é um pequeno instrumento rotatório e cortante. O conjunto da broca com a serpente compõe a imagem do caduceu de Mercurio que representa a cura, a saúde e o remédio. Ele é todo em prata simbolizando pureza, firmeza, integridade e obediência. O fundo de cor vermelha que representa vitória, fortaleza e ousadia. A borda do escudo é de ouro, para que os metais não se misturem na insígnia. Abaixo do timbre há uma fita na cor azul e prata, levemente ondulada com os dizeres em latim: <i>LACERANDO TAMEN CONSTRUO</i>. O brasão está contornado por um fio de ouro.</p>	
<p>Estado de Conservação</p> <p>A peça original encontra-se em boas condições de conservação e condicionada em pasta, com divisórias individuais, sob a guarda do Gabinete do Reitor. Os fac-símiles estão distribuídos, conforme a função e uso, na estrutura funcional da universidade.</p>	


Ficha Interpretativa do Brasão	
Identificação Brasão do Instituto de Saúde Coletiva da Universidade Federal da Bahia	Figura 43: Brasão do Instituto de Saúde Coletiva da Universidade Federal da Bahia
Localização Gabinete do Reitor	
Tipologia Aguada de Guache sobre papel	
Época de Construção 1995	
Contextualização da Imagem <p>O brasão é utilizado em documentos oficiais, no veículo do instituto, em eventos do instituto, nas placas das portas internas do instituto, em material de divulgação de cursos, sobre a porta de entrada do instituto tem uma placa com o brasão e o nome do instituto. É também utilizado no portal da UFBA no site que corresponde ao instituto.</p>	
Análise Formal <p>O Brasão esquartelado em cruz, cujo primeiro e quarto quartéis, mais importantes, representam a bandeira da UFBA, enquanto o segundo e o terceiro quartéis contém o símbolo que representa a unidade. A estrela de cinco pontas simboliza o corpo humano, atrás o resplendor de dez raios de luz com brilho intenso, envolvida por uma serpente representando o caduceu de Mercurio que simboliza o remédio. O conjunto é em ouro que representa a nobreza, e o poder. De fundo verde representando a esperança, a saúde, a fé e amor. A borda do escudo é de ouro, para que os metais não se misturem na insígnia. Abaixo do timbre há uma fita na cor azul e prata, levemente ondulada, com dizeres em latim: <i>CUNCTIS ÆQUA SALUS</i> – (Saúde igual / para todos). O brasão está contornado por um fio de ouro.</p>	
Estado de Conservação <p>A peça original encontra-se em boas condições de conservação e condicionada em pasta, com divisórias individuais, sob a guarda do Gabinete do Reitor. Os fac-símiles estão distribuídos, conforme a função e uso, na estrutura funcional da universidade.</p>	


Ficha Interpretativa do Brasão	
<p>Identificação</p> <p>Brasão da Escola de Medicina Veterinária da Universidade Federal da Bahia</p>	<p>Figura 44: Brasão da Escola de Medicina Veterinária da Universidade Federal da Bahia</p>
<p>Localização</p> <p>Gabinete do Reitor</p>	
<p>Tipologia</p> <p>Aguada de Guache sobre papel</p>	
<p>Época de Construção</p> <p>1992</p>	
<p>Contextualização da Imagem</p> <p>O brasão é utilizado em documentos oficiais, certificados de curso promovidos pela escola, em convites, nas placas comemorativas.</p>	
<p>Análise Formal</p> <p>O Brasão esquartelado em cruz, cujo primeiro e quarto quartéis, mais importantes, representam a bandeira da UFBA, enquanto o segundo e o terceiro quartéis contém o símbolo que representa a unidade. O caduceu de Mercurio (remédio) envolvido por uma serpente, representa a cura, a tocha representa a sabedoria. A borda do escudo é de ouro, para que os metais não se misturem na insígnia. Abaixo do timbre tem uma fita na cor azul e prata, levemente ondulada, com os dizeres em latim: <i>BENE PECUDI FACIO</i>. O brasão está contornado por um fio de ouro.</p>	
<p>Estado de Conservação</p> <p>A peça original encontra-se em boas condições de conservação e condicionada em pasta, com divisórias individuais, sob a guarda do Gabinete do Reitor. Os fac-similes estão distribuídos, conforme a função e uso, na estrutura funcional da universidade.</p>	


AREA III


Ficha Interpretativa do Brasão	
Identificação Brasão da Escola de Administração da Universidade Federal da Bahia	Figura45: Brasão da Escola de Administração da Universidade Federal da Bahia
Localização Gabinete do Reitor	
Tipologia Aguada de Guache sobre papel	
Época de Construção 1991	
Contextualização da Imagem Está fora do contexto da Universidade, não é utilizado.	
Análise Formal O Brasão esquartelado em cruz, cujo primeiro e quarto quartéis, mais importantes, representam a bandeira da UFBA, enquanto o segundo e o terceiro quartéis contêm o símbolo que representa a unidade. O organograma representa uma organização que indica arranjos e interrelações, não é um símbolo heráldico. O conjunto em prata representando pureza, integridade e firmeza. De fundo a cor preto representando a prudência, a astúcia, o rigor e a honestidade. A borda do escudo é de ouro, para que os metais não se misturem na insígnia. Abaixo do timbre há uma fita nas cores azul e prata com dizeres em latim: <i>ACTIO ET RATIO</i> . O brasão está contornado por um fio de ouro.	
Estado de Conservação A peça original encontra-se em boas condições de conservação e condicionada em pasta, com divisórias individuais, sob a guarda do Gabinete do Reitor. Os fac-símiles estão distribuídos, conforme a função e uso, na estrutura funcional da universidade.	


Ficha Interpretativa do Brasão	
<p>Identificação</p> <p>Brasão da Escola de Biblioteconomia da Universidade Federal da Bahia.</p>	<p>Figura 46: Brasão da Escola de Biblioteconomia da Universidade Federal da Bahia.</p>
<p>Localização</p> <p>Gabinete do Reitor</p>	
<p>Tipologia</p> <p>Aguada de Guache sobre papel</p>	
<p>Época de Construção</p> <p>1991</p>	
<p>Contextualização da Imagem</p> <p>Está fora do contexto da Universidade, não é utilizado.</p>	
<p>Análise Formal</p> <p>O Brasão esquartelado em cruz, cujo primeiro e quarto quartéis, mais importantes, representam a bandeira da UFBA, enquanto o segundo e o terceiro quartéis contêm o símbolo que representa a unidade. Os três livros, não é símbolo heráldico. De fundo em ouro representando a nobreza e o poder. A borda do brasão é de ouro, para que os metais não se misturem na insígnia. Abaixo do timbre tem uma fita nas cores azul e prata, levemente ondulada, com dizeres em latim: <i>SERVUS SERVORUM SCIENTIAE</i>. O brasão está contornado por um fio de ouro.</p>	
<p>Estado de Conservação</p> <p>A peça original encontra-se em boas condições de conservação e condicionada em pasta, com divisórias individuais, sob a guarda do Gabinete do Reitor. Os fac-símiles estão distribuídos, conforme a função e uso, na estrutura funcional da universidade.</p>	

Ficha Interpretativa do Brasão	
<p>Identificação</p> <p>Brasão da Fac. de Ciências Econômicas da Universidade Federal da Bahia</p>	<p>Figura 47: Brasão da Fac. de Ciências Econômicas Universidade Federal da Bahia</p>
<p>Localização</p> <p>Gabinete do Reitor</p>	
<p>Tipologia</p> <p>Aguada de Guache sobre papel</p>	
<p>Época de Construção</p> <p>1991</p>	
<p>Contextualização da Imagem</p> <p>Está fora do contexto da Universidade, não é utilizado.</p>	
<p>Análise Formal</p> <p>O Brasão esquartelado em cruz, cujo primeiro e quarto quartéis, mais importantes, representam a bandeira da UFBA, enquanto o segundo e o terceiro quartéis contém o símbolo que representa a unidade. A folha de acanto, simboliza o triunfo. O conjunto é de ouro representando a nobreza e o poder. O fundo é na cor azul marinho que representa a lealdade, zelo, perseverança e justiça. A borda do escudo é de ouro, para que os metais não se misturem na insígnia. Abaixo do timbre tem uma fita nas cores azul e prata, levemente ondulada, com dizeres em latim: <i>CUNCTIS PROSINT BONA</i>. O brasão está contornado por um fio de ouro.</p>	
<p>Estado de Conservação</p> <p>A peça original encontra-se em boas condições de conservação e condicionada em pasta, com divisórias individuais, sob a guarda do Gabinete do Reitor. Os fac-similes estão distribuídos, conforme a função e uso, na estrutura funcional da universidade.</p>	


Ficha Interpretativa do Brasão	
Identificação Brasão da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia	Figura 48: Brasão da Faculdade de Comunicação Universidade Federal da Bahia
Localização Gabinete do Reitor	
Tipologia Aguada de Guache sobre papel	
Época de Construção 1992	
Contextualização da Imagem Está fora do contexto da Universidade, não é utilizado.	
Análise Formal <p>O Brasão esquartelado em cruz, cujo primeiro e quarto quartéis, mais importantes, representam a bandeira da UFBA, enquanto o segundo e o terceiro quartéis contêm o símbolo que representa a unidade. A pena representa a escrita, a trombeta simboliza anúncio, o compasso simboliza a prudência, justiça, veracidade e temperança. O conjunto é em prata que representa integridade, firmeza e obediência. O fundo é na cor vermelha que representa vitória, ousadia e fortaleza. A borda do escudo é de ouro, para que os metais não se misturem na insígnia. Abaixo do timbre tem uma fita com dizeres em latim: <i>TIBI DUX VERUM</i>. O brasão está contornado por um fio de ouro.</p>	
Estado de Conservação <p>A peça original encontra-se em boas condições de conservação e condicionada em pasta, com divisórias individuais, sob a guarda do Gabinete do Reitor. Os fac-símiles estão distribuídos, conforme a função e uso, na estrutura funcional da universidade.</p>	

Ficha Interpretativa do Brasão	
Identificação Brasão da Faculdade de Direito da Universidade Federal da Bahia	Figura49: Brasão da Faculdade de Direito da Universidade Federal da Bahia
Localização Gabinete do Reitor	
Tipologia Aguada de Guache sobre papel	
Época de Construção 1991	
Contextualização da Imagem Está fora do contexto da Universidade, não é utilizado.	
Análise Formal O Brasão esquartelado em cruz, cujo primeiro e quarto quartéis, mais importantes, representam a bandeira da UFBA, enquanto o segundo e o terceiro quartéis contém o símbolo que representa a unidade. Um sabre ajustado a uma balança que representa a prudência, o direito e a justiça. O conjunto é todo em prata representando, a pureza, a firmeza e a integridade. O fundo na cor vermelha que representa vitória, ousadia e a fortaleza. O contorno do brasão é de ouro, para que os metais não se misturem na insígnia. Abaixo do timbre tem uma fita nas cores azul e prata, levemente ondulada com os dizeres em latim: <i>CUIQUE SUUM</i> . O brasão está contornado por um fio de ouro.	
Estado de Conservação A peça original encontra-se em boas condições de conservação e condicionada em pasta, com divisórias individuais, sob a guarda do Gabinete do Reitor. Os fac-símiles estão distribuídos, conforme a função e uso, na estrutura funcional da universidade.	


Ficha Interpretativa do Brasão	
Identificação Brasão da Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia	Figura 50: Brasão da Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia
Localização Gabinete do Reitor	
Tipologia Aguada de Guache sobre papel	
Época de Construção 1992	
Contextualização da Imagem Está fora do contexto da Universidade, não é utilizado, não tinham conhecimento da existência do brasão.	
Análise Formal A O Brasão esquadreado em cruz, cujo primeiro e quarto quartéis, mais importantes, representam a bandeira da UFBA, enquanto o segundo e o terceiro quartéis contém o símbolo que representa a unidade. Três estrelas de seis pontas que simbolizam o selo de salomão, que representa o conjunto de elementos do universo. O conjunto é em prata representando, a pureza, a firmeza e a integridade. O fundo na cor vermelha que representa vitória, ousadia e a fortaleza. O contorno do brasão é de ouro, para que os metais não se misturem na insígnia. Abaixo do timbre tem uma fita nas cores azul e prata, levemente ondulada com os dizeres em latim: <i>EUNTES DOCET</i> . O brasão está contornado por um fio de ouro.	
Estado de Conservação A peça original encontra-se em boas condições de conservação e condicionada em pasta, com divisórias individuais, sob a guarda do Gabinete do Reitor. Os fac-símiles estão distribuídos, conforme a função e uso, na estrutura funcional da universidade.	

Ficha Interpretativa do Brasão	
<p>Identificação</p> <p>Brasão da Faculdade de Filosofia da Universidade Federal da Bahia</p>	<p>Figura 51: Brasão do Instituto de Filosofia da Universidade Federal da Bahia</p>
<p>Localização</p> <p>Gabinete do Reitor</p>	 <p>The image shows a shield-shaped coat of arms divided into four quadrants. The top-left and bottom-right quadrants are blue and feature a stylized silver flower or leaf design. The top-right and bottom-left quadrants are red and feature a silver owl with its wings spread, perched on a scroll. Below the shield is a blue ribbon with the Latin motto 'BRASILIDUM SOBOLEM TRADITIONE PARO' written in white capital letters. The entire emblem is set against a light yellow background.</p>
<p>Tipologia</p> <p>Aguada de Guache sobre papel</p>	
<p>Época de Construção</p> <p>1992</p>	
<p>Contextualização da Imagem</p> <p>O brasão é utilizado para documentos oficiais.</p>	
<p>Análise Formal</p> <p>O Brasão esquartelado em cruz, cujo primeiro e quarto quartéis, mais importantes, representam a bandeira da UFBA, enquanto o segundo e o terceiro quartéis contêm o símbolo que representa a unidade. A coruja (mocho) espalmada, representando sabedoria e experiência, está segurando um rolo de papel, que representa a escrita. O conjunto é na cor prata representando, a pureza, a firmeza e a integridade. O fundo é na cor purpura que representa a grandeza e a sabedoria. O contorno do brasão é de ouro, para que os metais não se misturem na insígnia. Abaixo do timbre está uma fita nas cores azul e prata, levemente ondulada com o dizer em latim: <i>BRASILIDUM SOBOLEM TRADITIONE PARO</i>. O brasão está contornado por um fio de ouro.</p>	
<p>Estado de Conservação</p> <p>A peça original encontra-se em boas condições de conservação e condicionada em pasta, com divisórias individuais, sob a guarda do Gabinete do Reitor. Os fac-símiles estão distribuídos, conforme a função e uso, na estrutura funcional da universidade.</p>	


AREA IV


Ficha Interpretativa do Brasão	
<p>Identificação</p> <p>Brasão do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia</p>	<p>Figura 52: Brasão do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia</p>
<p>Localização</p> <p>Gabinete do Reitor</p>	
<p>Tipologia</p> <p>Aguada de Guache sobre papel</p>	
<p>Época de Construção</p> <p>1992</p>	
<p>Contextualização da Imagem</p> <p>O brasão é utilizado em documentos oficiais, em eventos, propagandas, histórico escolar, entre outro. Tem uma placa no balcão da recepção com o brasão e o nome do instituto.</p>	
<p>Análise Formal</p> <p>O Brasão esquartelado em cruz, cujo primeiro e quarto quartéis, mais importantes, representam a bandeira da UFBA, enquanto o segundo e o terceiro quartéis contém o símbolo que representa a unidade. Tem três trifolios (trevo) que representam a trindade divina e simboliza a subjetividade da alma. O conjunto é em prata representando, a pureza, a firmeza e a integridade. Tem o fundo na cor vermelha que representa a vitória, a fortaleza e a ousadia. A borda do brasão é de ouro, para que os metais não se misturem na insígnia. Abaixo do timbre tem uma fita nas cores azul e prata, levemente ondulada com os dizeres em latim: <i>OMNIBUS COLLOQUOR</i>. O brasão está contornado por um fio de ouro.</p>	
<p>Estado de Conservação</p> <p>A peça original encontra-se em boas condições de conservação e condicionada em pasta, com divisórias individuais, sob a guarda do Gabinete do Reitor. Os fac-similes estão distribuídos, conforme a função e uso, na estrutura funcional da universidade.</p>	

AREA V

Ficha Interpretativa do Brasão	
<p>Identificação</p> <p>Brasão da Escola de Belas Artes da Universidade Federal da Bahia</p>	<p>Figura 53: Brasão da Escola de Belas Artes da Universidade Federal da Bahia</p>
<p>Localização</p> <p>Gabinete do Reitor</p>	
<p>Tipologia</p> <p>Aguada de Guache sobre papel</p>	
<p>Época de Construção</p> <p>1991</p>	
<p>Contextualização da Imagem</p> <p>O brasão é utilizado em documentos oficiais, possui um carimbo com o brasão da unidade, tem um brasão da unidade no balcão da recepção, e uma placa de identificação na entrada da escola que contem o brasão e o nome da unidade.</p>	
<p>Análise Formal</p> <p>O Brasão esquartelado em cruz, cujo primeiro e quarto quartéis, mais importantes, representam a bandeira da UFBA, enquanto o segundo e o terceiro quartéis contém o símbolo que representa a unidade. Tem três escudetes que representam a força e a vitória. O conjunto é em prata que representa a pureza, a firmeza e a integridade. Tem o fundo na cor vermelha que representa a vitória, a fortaleza e a ousadia. A borda do brasão é de ouro, para que os metais não se misturem na insígnia. Abaixo do timbre tem uma fita nas cores azul e prata, levemente ondulada com o lema em latim: <i>PULCRUM PERENE TANTUM</i> (só há beleza, se eterno).</p>	
<p>Estado de Conservação</p> <p>A peça original encontra-se em boas condições de conservação e condicionada em pasta, com divisórias individuais, sob a guarda do Gabinete do Reitor. Os fac-similes estão distribuídos, conforme a função e uso, na estrutura funcional da universidade.</p>	


Ficha Interpretativa do Brasão	
<p>Identificação</p> <p>Brasão da Escola de Dança da Universidade Federal da Bahia</p>	<p>Figura 54: Brasão da Escola de Dança da Universidade Federal da Bahia</p>
<p>Localização</p> <p>Gabinete do Reitor</p>	
<p>Tipologia</p> <p>Aguada de Guache sobre papel</p>	
<p>Época de Construção</p> <p>1992</p>	
<p>Contextualização da Imagem</p> <p>O brasão é utilizado em documentos oficiais, em eventos realizados pela escola.</p>	
<p>Análise Formal</p> <p>O Brasão esquartejado em cruz, cujo primeiro e quarto quartéis, mais importantes, representam a bandeira da UFBA, enquanto o segundo e o terceiro quartéis contém o símbolo que representa a unidade. A estrela de cinco pontas representa o corpo humano, logo abaixo esta uma faixa dançada. Todo o conjunto é em ouro que representa nobreza e poder. O fundo é na cor vermelha que representa vitória e ousadia. O contorno do brasão é em ouro, para que os metais não se misturem na insígnia. Abaixo tem uma fita nas cores azul e prata, levemente ondulada, com dizeres em latim: <i>BLANDA ARTE DUCO</i>. O brasão está contornado por um fio de ouro.</p>	
<p>Estado de Conservação</p> <p>A peça original encontra-se em boas condições de conservação e condicionada em pasta, com divisórias individuais, sob a guarda do Gabinete do Reitor. Os fac-símiles estão distribuídos, conforme a função e uso, na estrutura funcional da universidade.</p>	

Ficha Interpretativa do Brasão	
<p>Identificação</p> <p>Brasão da Escola de Musica da Universidade Federal da Bahia</p>	<p>Figura 55: Brasão da Escola de Musica da Universidade Federal da Bahia</p>
<p>Localização</p> <p>Gabinete do Reitor</p>	
<p>Tipologia</p> <p>Aguada de Guache sobre papel</p>	
<p>Época de Construção</p> <p>1992</p>	
<p>Contextualização da Imagem</p> <p>O brasão é utilizado em documentos oficiais, em propaganda, eventos patrocinados pela escola, no portal da UFBA no site correspondente a escola de musica, na placa de identificação na entrada do prédio, têm o brasão e o nome da escola.</p>	
<p>Análise Formal</p> <p>O Brasão esquartelado em cruz, cujo primeiro e quarto quartéis, mais importantes, representam a bandeira da UFBA, enquanto o segundo e o terceiro quartéis contém o símbolo que representa a unidade. A lira é o instrumento que representa a harmonia cósmica, é simbolizada pelos poetas. É toda em prata representando a pureza, a firmeza, a integridade e a obediência. Tem o fundo na cor azul que representa zelo, beleza e lealdade. O contorno do brasão é de ouro, para que os metais não se misturem na insígnia. Logo abaixo do timbre tem uma fita nas cores azul e prata, levemente ondulada, com o lema em latim: ANIMIS ESCA. O brasão está contornado por um fio de ouro.</p>	
<p>Estado de Conservação</p> <p>A peça original encontra-se em boas condições de conservação e condicionada em pasta, com divisórias individuais, sob a guarda do Gabinete do Reitor. Fac-similes estão distribuídos, conforme a função e uso, na estrutura funcional da universidade.</p>	

Ficha Interpretativa do Brasão	
Identificação Brasão da Escola de Teatro da Universidade Federal da Bahia	Figura 56: Brasão da Escola de Teatro da Universidade Federal da Bahia
Localização Gabinete do Reitor	
Tipologia Aguada de Guache sobre papel	
Época de Construção 1992	
Contextualização da Imagem O brasão é utilizado em documentos oficiais, em propagandas, eventos da escola, no portal da UFBA no site da escola de teatro, na placa de identificação na porta da escola.	
Análise Formal O Brasão esquartelado em cruz, cujo primeiro e quarto quartéis, mais importantes, representam a bandeira da UFBA, enquanto o segundo e o terceiro quartéis contém o símbolo que representa a unidade. Tem duas máscaras que representam a comédia e a tragédia, estão uma ao lado da outra. O conjunto é todo em prata que representa a pureza, a firmeza, a integridade e a obediência. O fundo na cor purpura representando a grandesa e a sabedoria. A borda do escudo é de ouro, para que os metais não se misturem na insígnia. Logo abaixo do timbre tem uma fita nas cores azul e prata com o lema em latim: <i>CULTUM FOVERE</i> . O brasão está contornado por um fio de ouro.	
Estado de Conservação A peça original encontra-se em boas condições de conservação e condicionada em pasta, com divisórias individuais, sob a guarda do Gabinete do Reitor. Os fac-símiles estão distribuídos, conforme a função e uso, na estrutura funcional da universidade.	

ORGÃOS SUPLEMENTARES

Ficha Interpretativa do Brasão	
<p>Identificação</p> <p>Brasão do Hospital Universitário Prof. Edgar Santos da Universidade Federal da Bahia</p>	<p>Figura 57: Brasão do Hospital Universitário Prof. Edgar Santos da Universidade Federal da Bahia.</p>
<p>Localização</p> <p>Gabinete do Reitor</p>	
<p>Tipologia</p> <p>Aguada de Guache sobre papel</p>	
<p>Época de Construção</p> <p>1991</p>	
<p>Contextualização da Imagem</p> <p>O brasão é utilizado em documentos oficiais do hospital, eventos, uma placa com o brasão na entrada do hospital.</p>	
<p>Análise Formal</p> <p>O Brasão esquartelado em cruz, cujo primeiro e quarto quartéis, mais importantes, representam a bandeira da UFBA, enquanto o segundo e o terceiro quartéis contêm o símbolo que representa a unidade. A cruz vermelha que simboliza a vitória da vida sobre a morte, atrás está o caduceu de Mercurio, com as duas serpentes ao mesmo tempo a saúde e a doença (vida e a morte). O conjunto do caduceu e o contorno da cruz são em ouro que representa a nobreza e o poder. O fundo na cor verde que simboliza saúde, esperança, fé e amor. O contorno do brasão é de ouro, para que os metais não se misturem na insígnia. Logo abaixo do timbre está uma fita nas cores azul e prata, levemente ondulada, com os dizeres em latim: <i>MODEOR AC DOCEO</i>. O brasão está contornado por um fio de ouro.</p>	
<p>Estado de Conservação</p> <p>A peça original encontra-se em boas condições de conservação e condicionada em pasta, com divisórias individuais, sob a guarda do Gabinete do Reitor. Os fac-similes estão distribuídos, conforme a função e uso, na estrutura funcional da universidade.</p>	

Ficha Interpretativa do Brasão	
<p>Identificação</p> <p>Brasão do Museu de Arte Sacra da Universidade Federal da Bahia</p>	<p>Figura 58: Brasão do Museu de Arte Sacra da Universidade Federal da Bahia.</p>
<p>Localização</p> <p>Gabinete do Reitor</p>	
<p>Tipologia</p> <p>Aguada de Guache sobre papel</p>	
<p>Época de Construção</p> <p>1991</p>	
<p>Contextualização da Imagem</p> <p>O brasão é utilizado em documentos oficiais, em eventos e outros têm uma placa na entrada do museu que leva o nome do museu me o brasão.</p>	
<p>Análise Formal</p> <p>O Brasão esquartelado em cruz, cujo primeiro e quarto quartéis, mais importantes, representam a bandeira da UFBA, enquanto o segundo e o terceiro quartéis contém o símbolo que representa a unidade. Existe uma moldura em prata e azul fendida da esquerda para a direita, no seu interior uma cruz negra que representa a igreja católica, ela está entre duas estrelas negras que simboliza a honestidade, a tristeza e o rigor, e na sua base aplicada uma estrela de seis pontas de prata que representa a pureza, a integridade e a obediência. O conjunto está sobre um fundo de prata. O contorno do brasão é de ouro, para que os metais não se misturem na insígnia. Logo abaixo está uma fita, levemente ondulada nas cores azul e prata com os dizeres em latim: <i>DECOR CARMELI</i>. O brasão está contornado por um fio de ouro.</p>	
<p>Estado de Conservação</p> <p>A peça original encontra-se em boas condições de conservação e condicionada em pasta, com divisórias individuais, sob a guarda do Gabinete do Reitor. Os fac-símiles estão distribuídos, conforme a função e uso, na estrutura funcional da universidade.</p>	

5.3 ANÁLISE DOS BRASÕES

As imagens sinalizam expressões das manifestações da cultura humana, desde as pinturas pré-históricas das cavernas. A partir de então, vimos essas imagens produzindo codificações não-verbais, que se avolumaram no decorrer de tempos e espaços distintos, em mídias diversificadas. Na contemporaneidade, a humanidade vive circundada por um cipoal de imagens de tipos diversificados. Em meio a uma sobreposição imagética, consciências transitam como que asfixiadas, inebriadas, pelos meandros vertiginosos de informações que nelas estão habitadas. Entre esse frêmito de imagens que povoam nosso cotidiano, muitas das vezes formamos com algumas delas relações sinestésicas de afinidades, empatias, trocas ou até mesmo de aceitações e recusas. Vamos criando um acervo mental, um repertório simbólico daquelas imagens, cores e formas com as quais tecemos vínculos cognitivos e formamos conceitos, enquanto outras se esvaem num olhar efêmero-hedonista.

Pode-se observar que as imagens são depositárias de historicidades, de ações individuais ou coletivas do homem. Elas carregam esquemas iconográficos, que nos permitem perceber a apreensão e compreensão do mundo pelo sujeito que as produz. A origem das imagens, formação, agenciamentos e interpretações marcam objetos de interesses de muitos estudiosos, tais como: Aristóteles, Platão, Panofsky, Pierce e muitos outros na contemporaneidade. Suas análises foram se desdobrando e criando teorias com o afã de decodificar a topografia das imagens.

Por meio da aproximação da Semiótica e da Ciência da Informação, são determinados pontos de convergências teóricas e determinadas suas utilizações como elementos de aproximação das imagens, entendendo a importância desses estudos como fundamentações teóricas que nos possibilitam criar interlocuções com as imagens. O estudo desenvolvido nessa pesquisa evidenciou que as citadas fundamentações podem servir de arrimo para se pensar a imagem, o que se distancia de serem meras “receitas interpretativas”. Diante da dificuldade de definir as diferentes utilizações do termo “imagem”, nos filiamos à Martine Joly ao fazer a seguinte afirmativa:

[...] o termo imagem lembra-nos o deus Proteu: parece que a imagem pode ser tudo e seu contrário - Visual e imaterial, fabricada e “natural”, real e virtual, móvel e

imóvel, sagrada e profana, antiga e contemporânea, vinculada à vida e à morte, analógica, comparativa, convencional, expressiva, comunicativa, construtora e destrutiva, benéfica e ameaçadora. (JOLY, 1996, pág. 27)

Dessa conformidade, pontuada pelos pares de contrários complementares apresentados por Joly, pudemos perceber que eles amenizam parte da interrogativa, mas não nos aquietam. Possivelmente nos sentimos mais provocados a externar nossos pareceres, dúvidas, conflitos sobre a diversidade das imagens que passam pelos sujeitos propositores e os que as recebem. Constatou-ser, por meio dessa conformidade, que a imagem natural ou criada artificialmente pela subjetividade humana, é portadora de informações e conhecimentos relevantes, cuja sistematização é viável por meio da Ciência da Informação, quando se analisa o conteúdo para disseminá-lo, disponibilizá-lo e divulgá-lo.

As informações de fontes diversificadas, objetos da Ciência da Informação, segundo Shannon, representam a base da comunicação humana, passando em quantidades até imperceptíveis pelo consciente, para se agregarem em estruturas cognitivas subconscientes que amadurecem no interior da mente humana de forma individual. Cada indivíduo depende da sua concepção do mundo para chegar naquilo que realmente significa, ou seja, seu significante. De todas as formas *o significado* e *o significante* dependerão sempre do que uma pessoa é capaz ou do conhecimento do mundo. (SHANNON *apud* TOUTAIN, 2003, pág. 179).

Segundo Shannon, uma mensagem é sempre codificada e interpretada pelo menos duas vezes. O artista primeiro coloca sua mensagem na linguagem da obra de arte e o público interpreta na sua própria linguagem. A mensagem alcança o receptor na medida em que ambos os códigos são congruentes. Por outro lado, Shannon mostra como os ruídos modificam a mensagem e afetam a interpretação do mesmo pelo receptor. Ruído é o conjunto de fatores que, agregados à mensagem acidentalmente por fatores ambientais, pode alterar a sua recepção plena.

Uma imagem do ponto de vista da Semiótica é um texto, e como tal é analisável. Analisar uma imagem é descobrir, descobri-la na condição de objeto, de sentido, pondo em evidência os processos implícitos que estabelecem as diferenças sensivelmente visíveis (formas, cores, etc.). Analisar uma imagem é reconstruir um processo, identificar parâmetros

e realizar uma leitura profunda. Para analisar uma imagem fazem falta alguns critérios, saber o que procurar e como procurá-los, e utilizar uma metodologia que ajude na realização do processo; saber fazê-lo, verificar a procedência da análise e até que ponto a validade dos resultados é segura. Neste estudo buscou-se aplicar a metodologia defendida por Bardin, pois a análise de conteúdo é uma técnica capaz de reproduzir e confirmar as conclusões dos dados de um contexto e por adaptar-se as regras da análise semiótica da imagem.

As imagens são superfícies que pretendem representar algo por meio da síntese de traços, cores e outros elementos visuais em simultaneidade. São formas que expressam a realidade internas do sujeito, insubordinando-se à realidade exterior. A imagem depende apenas de si mesma, assume o visível na sua total materialidade, quer pela semelhança com o objeto representado, quer pela imagem que de fato é.

As formas mais primitivas são o ponto e a linha. A forma é a representação básica, ela concretiza a existência do objeto gráfico, e por isto é suporte para outros recursos visuais. A forma pode ser um recurso neutro ou um recurso de distinção. O recurso é dito neutro quando ele próprio não tem significado, servindo apenas de suporte para outro recurso expressivo. Por exemplo, temos o caso já citado onde diferentes substâncias químicas são visualmente representadas através de círculos e a distinção de substância é feita pela cor dos círculos. Neste caso a forma é um recurso neutro e a cor é um recurso de distinção. Ou ainda, um organograma onde cada caixa não tem significado por si, mas pela posição que ocupa. Nas imagens, porque a entrada de dados é feita através da representação visual, as formas utilizadas no objeto modelado sempre são elementos de distinção.

A cor permite expressar conteúdos estáticos e dinâmicos com a mesma flexibilidade. Ela pode veicular significados conotativos associados à realidade, como céu-azul, mata verde, ou significados simbólicos convencionalizados, como vermelho-perigo. Ela também pode ser usada apenas para conforto visual, como um fundo de tela em uma cor repousante para a vista, ou com finalidades estéticas, como um título colorido para criar um efeito de embelezamento.

Se por um lado a flexibilidade deste recurso permite a expressão de um grande leque de informações, por outro exige o máximo de cuidado. O uso casual da cor pode confundir o

usuário, que não identificando nenhum tipo de sistematicidade no uso do recurso, pode também não identificá-lo como recurso expressivo. Este tipo de problema ocorre com qualquer recurso de expressão, mas no caso da cor o problema é potencialmente mais grave, em função da excessiva flexibilidade de utilização que ela propicia. Por exemplo, uma situação de uso casual da cor vermelha é quando o projetista a utiliza para: (a) mensagens de erro, com o objetivo de alertar o usuário; (b) áreas de títulos, por motivos estéticos e (c) assinalar estado de seleção de primitivas. Neste caso o usuário pode não reconhecer nenhuma mensagem através do uso da cor vermelha. O uso casual concomitantemente a um uso sistemático pode anular o feito deste.

A imagem não pode ser percebida como copia do real. Ela é uma substituição daquilo que representa. Segundo Gombrich, que denomina o desenho esquemático de uma imagem real ou subjetiva como *schematta*, a “vontade de formar” é mais uma “vontade de conformar”, ou seja, exprimir as sensações e conceitos por meio de uma representação visual (*schematta*) também compatível com as técnicas e os materiais disponíveis em cada época e sociedade (GOMBRICH, 2007, pág. 64-65). É também o que diz José Martins, para quem, na mesma trilha de Eco, o significado de uma peça gráfica enquanto imagem encontra-se em sua superfície e pode ser captada pela visão, o que produz apenas uma percepção superficial de seu conteúdo. É preciso decifrar seu significado, pois, “as imagens oferecem aos seus receptores um vasto interpretativo”,

Imagens são produzidas com vinculação direta ao domínio do simbólico, constituindo-se em mediadores entre o espectador e a realidade e, ainda podem carregar em si a função de signo, enquanto portadoras de um conteúdo não visível, que por ela pode ser refletido, pois . as significações não existem, mas se constroem. (KRISTEVA *apud* UNISINOS, 2005, pág.63)

A produção de uma imagem tem por finalidade transmitir uma mensagem, por isso, carrega consigo um conjunto de símbolos que devem apresentar-se passíveis de serem codificados pela sociedade para a qual esta se destina. Sob tal perspectiva, as análises iconográficas têm muito a contribuir para as pesquisas históricas, na medida em que possibilitam o acesso a informações que não podemos encontrar em documentos textuais, como por exemplo, indícios sociais ou concepções mentais, que, sendo inerentes a uma sociedade, não requerem explicações, e que por isso mesmo não são documentadas.

A análise das imagens interpretadas como mensagens mostra-se importante para a compreensão dos brasões, dado o subjetivismo da análise iconográfica e o distanciamento entre o momento em que a imagem foi produzida e a época do artista, o que pode criar dificuldades na interpretação devido à utilização de códigos para os quais o significado original se perdeu ou se modificou.

Leitores de imagens que vivem numa cultura ou num período diferentes daqueles no qual as imagens foram produzidas se deparam com problemas mais sérios do que leitores contemporâneos à época da produção entre os problemas está o da identificação das convenções narrativas ou ‘discurso’. (BURKE, 2004, pág. 180).

A iconografia trata da análise semiótica dos diversos elementos constitutivos da obra (objetos e eventos), buscando compreender o significado imagético destes dentro da sociedade para a qual foi produzida, a partir do que se torna possível a interpretação da imagem, naquilo que seria sua mensagem original. A Imagem de um brasão, mesmo sendo formada por uma estrutura comum, é um signo e, por isso, sempre significa algo além dele mesmo. Nessa definição de signo, seguindo os pensamentos de Peirce, o ícone apresenta-se como portador de vários conceitos, articulado no conjunto que compõe a imagem. Para fortalecer a idéia de iconicidade, é importante ressaltar que a compreensão deste ícone brasônico está relacionada ao conhecimento que tem o indivíduo sobre o assunto para poder interpretá-lo. Sendo assim, se o homem não souber fazer uma leitura sígnica, não conseguirá ler o que fato está representando.

Como imagem, cuja substancia de expressão foi produzida através da reflexão da luz do objeto por ela retratado numa relação de causalidade, [...] parece, para alguns, ser o protótipo de um signo icônico com o mais alto grau de iconicidade (SANTAELLA ; NÖTH, 1999, pág. 108).

Embora a imagem dos brasões seja fruto de uma representação simbólica, que parte de referentes reais, sendo, portanto, um registro mais ou menos fiel de sua existência, não é apenas uma representação objetiva da natureza, mas das idéias subjetivas produzidas por relações sociais pré-constituídas e relatadas pela mensagem do brasão. Os brasões não são figuras simples, e sim conjuntos de imagens harmonicamente compostos, com uma representação e significação que contem nos símbolos, ícones, forma isto é tudo que faz parte de seu conteúdo. Ou seja:

As figuras se tornam símbolos quando seu significado só pode ser interpretado a partir das convenções culturais. Mesmo mantendo a presença do ícone e do índice, esse tipo de forma acrescenta “um nível suplementar de significação que só pode ser apreendido por aqueles que dominam o sistema de convenções culturais a partir do qual as figuras se ordenam. (SANTAELLA, 2001, pág. 246)

O símbolo presente na imagem dos brasões, não se refere apenas aos mecanismos de registro, mas também a sua formação como signo. Nesse caso, não mais como ícone, o símbolo não está, portanto, ligado à existência real do objeto ao qual se refere. “Ambos, ícone e símbolo, devem ser reconhecidos, como diria Peirce (2000, pág. 72), como signos “mentais” e “gerais”. Enquanto o índice joga com a semelhança e a similaridade, o símbolo associa-se por convenção, por uma regra arbitrária, sendo um contrato de idéias. O símbolo tem como base ser convencional e geral.

As *imagens dos brasões* podem ser classificadas nas três categorias universais de Peirce. Sendo então, a *primeiridade* das imagens dos brasões a relação é a surpresa, a relação com a consciência..., o sentir. Já na categoria da *secundidade*, é na imagem dos brasões que somos levados a ter uma ação e reação. Nosso pensamento vai mais longe e surge nessa observação a dúvida, a resistência, enfim, todos os questionamentos. Mas é na *terceiridade* que relacionamos as imagens dos brasões ao campo do símbolo, a memória, a força, a consciência, o significado de todo esse conteúdo imagético perante essa instituição.

Por meio dos estudos desenvolvidos nessa pesquisa, aprofundando os elementos presentes nas categorias universais de Peirce e, de forma diferenciada, nos procedimentos e princípios analíticos de Bardin e Panofsky, foi possível constatar que o exercício da análise de conteúdo, devidamente direcionado para a busca, categorização e análise de toda a natureza de informações, representa a confirmação da hipótese principal. Ou seja, que os Brasões da UFBA têm um conteúdo informacional relevante para a representação da memória institucional e da consolidação da identidade acadêmica. As informações coletadas foram passíveis de sistematização, como é pertinente à Ciência da Informação, agregadas de valor artístico e atmosfera sensível. A sensibilização possui um caráter afetivo, que não pode ser analisado ou classificado, mas que também é informação relevante na construção de laços, conexões que ajudam a consolidar a imagem da UFBA como instituição formadora de novos

profissionais e acadêmicos, que viveram uma parte de suas vidas integrados a uma comunidade.

Os brasões ocidentais medievais e contemporâneos geralmente vêm com dizeres em latim, língua que universalizou o discurso científico no ocidente, até meados do século XX. Mais recentemente, o lema e os dizeres dos brasões têm sido compostos em língua pátria por alguns heraldistas, o que faz com que seja possível identificar sua procedência e idade com mais precisão. Muito embora as bandeiras sejam compostas com mais liberdade, também seguem os princípios da Heráldica, o que faz com que o uso do latim seja muito comum. A Bandeira Brasileira, contudo, composta sob a égide de um rompimento ideológico com a autoridade européia, tem o seu lema grafado em língua portuguesa, o que indica a adoção de princípios modernizantes que influenciaram diversos outros símbolos heráldicos do país.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS E RECOMENDAÇÕES

Considerando-se o problema gerador deste trabalho, constatou-se por meio do conjunto de análises elaborados no corpo da dissertação, assim como observações e reflexões da pesquisadora, após grande quantidade de leituras, pesquisas de campo, observações e outros procedimentos relativos ao tema pesquisado, que realmente o conteúdo informacional dos brasões resgata a memória, representatividade e significado perante a UFBA. O que vem a comprovar a hipótese aventada para esta pesquisa: *Os Brasões da UFBA têm um significado informacional, para a representação da sua memória e consolidam sua identidade acadêmica.*

O objetivo geral deste estudo que foi o de analisar, numa visão semiótica, os *brasões* da UFBA para desvelar os elementos de significação, tendo em vista, a representação do resgate da memória, criando um aporte à imagem institucional, foi plenamente atingido. Temos, como produto acadêmico do esforço em cumprir o objetivo geral o próprio corpo da dissertação, repleto de informações, análises e narrativas históricas que criam, num contexto imagético, uma representação institucional, mediante o aproveitamento de seu conjunto de brasões.

O primeiro dos objetivos se refere ao mapeamento dos Brasões existentes na UFBA, para a decodificação e leitura da informação visual. Plenamente cumprido, este objetivo levou a elaboração da pesquisa de campo e do levantamento bibliográfico, para a formação do referencial teórico necessário a decodificação e leitura da informação visual. Esse exercício teve como consequência a geração de um arcabouço teórico relevante, aplicável a outros objetos heráldicos de uso universitário no Brasil.

O segundo objetivo foi o de analisar o conteúdo informacional dos Brasões da UFBA, segundo pressuposto semiótico do significado e significante dos mesmos na visão da Ciência da Informação. Os pressupostos teóricos foram aplicados nas análises Brasões, através da metodologia da análise de conteúdo resultando na geração de um conjunto relevante de sínteses, na identificação do significado informacional, da representação da memória institucional da UFBA e na consolidação de sua identidade acadêmica. Todavia, o potencial

dos Brasões na consolidação da identidade acadêmica encontra-se pouco utilizado, sendo que existe um vasto campo de utilização a ser explorado institucionalmente.

O terceiro objetivo, relativo à demonstração que o Brasão representa a identidade da instituição, de cada uma das unidades e órgãos suplementares, como conteúdo para a memória e a história da instituição, também foi atingido com êxito. Cada Brasão sintetiza um conceito que representa uma visão sobre a atividade correspondente da sede e de suas unidades, assim como uma estrutura hierárquica e uma noção relevante de conjunto. A Universidade se articula como um ambiente onde se articula a produção e difusão do conhecimento, para o qual é consagrada. O que os Brasões exprimem, na sua diversidade, em sua individualidade, em seus símbolos, é a atividade acadêmica que une todas as áreas do conhecimento, na unidade da Academia. Todos os Brasões são únicos, a partir disso podemos constatar sua individualidade. Por outro lado, estão integrados em um grande conjunto imagético, sediado, e exprimem uma identidade comum e conhecida de uma comunidade acadêmica, vinculada ao nome forte da UFBA.

Procuramos contribuir com o referencial teórico da Ciência da Informação, com o auxílio dos recursos da Semiótica e da Heráldica. A contribuição se deu por meio do aprofundamento analítico do estudo sobre o conteúdo informacional imagético, sendo da maior importância, por ser o pilar sobre o qual todos os outros tipos de conhecimentos podem ser construídos, para fundamentar, desenvolver e compreender as linguagens e suportes midiáticos que se utilizam de linguagem imagética ou híbrida.

A identidade visual de um brasão universitário possui muitas particularidades, que são significativas para a história e a memória, reforçando o reconhecimento de uma comunidade acadêmica, em âmbito local ou internacional. Assim, a fixação imagética do brasão universitário contribui para as relações entre poder estabelecido, memória institucional, no embate das culturas que pretendem tratar da posse do conhecimento, do valor, da verdade, da memória, do testemunho, do documento comprobatório e de um monumento. Reconhecer que existem relações entre o poder e conhecimento implica em politizar as lembranças e os esquecimentos, função reconhecida pelos idealizadores do conjunto de peças que constituem os Brasões da UFBA. As cores e símbolos foram utilizados nos Brasões da UFBA como

formas de representação de conteúdos culturais, com valor cognitivo e de resistência, na construção de uma identidade cultural para uma **Universidade legitimamente Baiana**.

Além da constatação da visibilidade social e do poder político buscado pela constituição das peças heráldicas, também se verificou a busca de um “romantismo acadêmico”, pela idealização das imagens profissionais ali projetadas, sob a apologia de lemas edificantes e a demonstração de harmonia das belas imagens do conjunto de cada Brasão.

Anteriormente, é importante lembrar que a imagem da universidade era mais positiva junto a sociedade, como formadora de uma elite intelectual que viria em socorro das necessidades sociais prementes. Com o advento da atual sociedade da informação, onde o conhecimento se torna um bem econômico, a função social da Universidade e de outras instituições responsáveis pela preservação e “transferência do conhecimento” passa por um momento de inflexão, identificado pelos autores da Ciência da Informação como “codificação do conhecimento” (ROBREDO, 2003, pág. 20) em âmbito internacional, que se reflete até na interpretação e representação dos símbolos que caracterizam as instituições universitárias em caráter local.

Os símbolos heráldicos referentes aos brasões, bem como a bandeira, insígnia, foram utilizados como referencial emblemático de representação da memória e afirmação da identidade da UFBA. Nesse contexto a sua difusão e utilização seriam recomendáveis e muito úteis, na construção de uma nova imagem institucional, que agregasse as funções sociais de empregabilidade (citadas no conteúdo dos brasões), ao mesmo tempo em que enfatizassem a importância da continuidade do ensino e pesquisa em âmbito acadêmico, resgatando a memória da “Inteligência Baiana”, que deve seguir com a relevante contribuição no progresso científico.

Por meio da análise e da interpretação dos atributos heráldicos que figuram nas peças, detentoras de denominação histórica, podemos observar que houve uma proposta da UFBA em considerar ambos os aspectos, de mercado de trabalho e pesquisa, importantes no sentido

de enriquecer a construção de uma instituição que valorizasse os aspectos teóricos e práticos do conhecimento. A antecipação dessa problematização também faz dos Brasões da UFBA peças Heráldicas, que demonstram a visão e a gestão voltada para os interesses de toda a coletividade Baiana, desde a sua implantação como universidade. Num contexto em que se fala de atraso e defasagem, é muito importante resgatar toda a natureza de avanços e antecipações intelectuais, de forma a enfatizar que o pensamento intelectual pode ser maior do que qualquer entrave econômico.

Com base em toda a pesquisa e análise desenvolvidas nesse trabalho, recomenda-se que a gestão da informação veiculada por meio dos Brasões da UFBA seja democratizada em todas as instâncias competentes. Na prática, isso significa que a Reitoria poderia reproduzir, em todos de suportes institucionais e documentais possíveis, os exemplares departamentais dos Brasões, identificando-os e estimulando toda a natureza de uso dos mesmos nas referidas unidades. Os Brasões da UFBA têm caráter ornamental e uma estética apurada, o que os faz também funcionar como ornamentos para as unidades e seus espaços de convivência, o que deveria ser incentivado.

Uma produção de bens consumíveis, como material de papelaria, camisetas e utilitários voltados para os estudantes de graduação, com os respectivos brasões departamentais, atenderia a uma demanda de identificação social, de consumo dirigido e, indiretamente, geraria um retorno financeiro para a UFBA. A veiculação dos Brasões na imprensa e nas páginas de Internet reforçaria igualmente a identidade, agora em um contexto mundialmente globalizado de instituições universitárias congêneres, cujas unidades mais consagradas já reconhecem e utilizam cotidianamente seus brasões dessa forma.

A pesquisa se revelou, no seu encaminhamento, como um estudo legítimo da Ciência da Informação, assistido de forma interdisciplinar pelos pressupostos teóricos da Semiótica e da Heráldica, harmonizados pela metodologia da pesquisa. Sem dúvida, a familiarização e o trabalho com diversos ramos do conhecimento, além de constituir uma síntese textual de acordo com os novos princípios apregoados pela Ciência da Informação, sem dúvida representa um exercício de erudição que aproxima a pesquisa acadêmica de um ideal docente clássico. Assim, o ganho intelectual se deu dentro dos objetivos propostos e de forma

complementar, como enriquecimento cultural pessoal da pesquisadora. As descobertas relacionais tornaram o texto acadêmico uma fonte de descobertas que reforçam elementos de identidade pessoal dos possíveis leitores, trazendo a interlocução entre o Brasão e a identidade acadêmica.

Por fim, desejaríamos concluir esta dissertação enfatizando que a Universidade é um rico difusor de idéias, e que, muitas vezes é necessário que enxerguemos além do óbvio, para que se mostre toda sua riqueza e complexidade escondida. Fica aqui o convite. Redescubramos o óbvio. Mas não somente em seu caráter de óbvio, mas principalmente a riqueza e a complexidade que se esconde sobre a familiaridade que pensamos deter junto a conceitos pré-estabelecidos.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Carlos Candido de. A Biblioteconomia e a Ciência da Informação na taxionomia das Ciências de Charles Sanders Peirce. **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**. Campinas, v.3, n.1, p. 11-19, jul/dez.2005.

ALMEIDA, Carlos Candido de. ; GUIMARÃES, José Augusto Chaves. Peirce e a ciência da informação: considerações preliminares sobre as relações entre a obra peirceana e a organização da informação. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIENCIA DA INFORMAÇÃO, 8. , 2007, Salvador, BA. **Anais**. Salvador, BA: ANCIB/UFBA, 2007. p.1 -16.

ALVES, Rubem. **Filosofia da Ciência**. São Paulo: edições Loyola, 2006. 223p.

AQUINO, Mirian de Albuquerque (Org.). **O Campo da Ciência da Informação: gênese, conexões e especificidades**. João Pessoa: Editora Universitária, 2002. 264p.

AUMONT, Jacques. **A imagem**. Campinas, SP: Papyrus, 2008.317p.il.

BACON, Francis. **O Progresso do conhecimento**. São Paulo: Editora UNESP, 2007. 326p.

BANDEIRA DO BRASIL. **Wikipédia**. 2009. Disponível em: < http://pt.wikipedia.org/wiki/Bandeira_do_Brasil >. Acessado em 09 maio de 2009.

BANDEIRA DO ESTADO DA BAHIA. **A Bandeira da Bahia na sua autenticidade histórica**. 2009. Disponível em: < <http://www.brasilrepublica.com/bandeirabahia.htm> >. Acessado em 20 de março de 2009.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BARTHES, Roland. **Elementos da Semiologia**. São Paulo: Editora Cultrix, 2006. 116p.

BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. **A Construção Social da Realidade**. Petrópolis: Vozes, 2001.243p.

BRADFORD, S. C. **Documentação**. Rio de Janeiro: Editora Fundo de Cultura, 1961. 292p.

BURKE, Peter. **Testemunha Ocular**. História e imagem. Bauru - SP: Ed. EDUSC, 2004.

CALDAS, Maria Aparecida Esteves; et al. **Documentos Acadêmicos: um padrão de qualidade**. Recife: Ed.da UFPE, 2006. 454p.

CAMPANHOLE, Sidney Gomes. **Vejo logo simbolizo!** Uma abordagem semiótica da percepção da linguagem visual. São Paulo: PUC, 2006. (Dissertação de Mestrado)

CAPURRO, R. Epistemologia e Ciência da Informação. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 5., 2003, Belo Horizonte. **Anais**. Belo Horizonte: UFMG, 2003. 1 CD-ROM.

CARVALHO, Kátia de; SCHWARZELMÜLLER, Anna Fredericka (Org.). **O Ideal de Disseminar: novas perspectivas, outras percepções**. Salvador: EDUFA, 2006. 227p.

CENDÓN, Beatriz Valadares et al. **Ciência da Informação e Biblioteconomia: novos conteúdos e espaços de atuação**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006. 147p. (2ex.)

CHAPOUTHIER, Georges. **Registros evolutivos**. Viver Mente & Cérebro, 2005. Especial memória. Disponível em: <<http://www.vivermentecerebro.com.br>>. Acesso em: 24 ago. 2007.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à filosofia**. São Paulo: Editora Ática, 1997.

CHEVALIER, Jean e GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, números**. Trad. de Vera da Costa e Silva et al. 22^a. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2008.

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa em ciências Humanas e Sociais**. São Paulo: Cortez, 2006. 164p.

CHOO, Chun Wei. **A Organização do Conhecimento: como as organizações usam a informação para criar significado, construir conhecimento e tomar decisões**. Traduzido por Eliana Rocha. São Paulo: SENAC, 2006. 430p.

CONDADO PORTUCALENSE. **Wikipédia**. 2009. Disponível em:<http://pt.wikipedia.org/wiki/Condado_Portucalense>. Acessado em 12 de abr. 2009.

CONJURAÇÃO BAIANA. **Wikipédia**. 2009. Disponível em:<http://pt.wikipedia.org/wiki/Conjura%C3%A7%C3%A3o_baiana>. Acessado em 14 de março de 2009.

CONSELHO REAL de **Heráldica e Simbologia**. Disponível em <http://www.reuniao.org/acoresh/index_crhs.html>. Acessado em 04 de março de 2009.

COSTA, Antonio Felipe Corrêa da. **Comutação Bibliográfica: acesso à informação científica e tecnológica; análise através da Lei Bradford**. Brasília: ABDF, 1983. 118p.

DEMO, Pedro. **Metodologia Científica em Ciências Sociais**. São Paulo: Atlas, 1995.292p.

DIAS, Maria Matilde Kronka; BELLUZZO, Regina Célia Baptista. **Gestão da Informação em Ciência e tecnologia sob a Ótica do Cliente**. Bauru, SP: EDUSC, 2003. 186p.

ECO, Umberto. **Tratado geral da semiótica**. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2000. 282p.

ECO, Umberto. **O signo**. Trad. Maria de Fátima Marinho. 3. ed. Lisboa: Presença, 1985.

EPSTEIN, Isaac. **O signo**. São Paulo: Ática, 1997.

FIGUEIREDO, Nibia Maria Almeida de (Org.). **Método e Metodologia na Pesquisa Científica**. São Paulo: Editora Difusão. 247p.

FONSECA, Edson Nery da. **A Biblioteconomia Brasileira no Contexto Mundial**. Rio de Janeiro: Templo Brasileiro; Brasília: INL, 1979. 101p.

FONSECA, Maria Odila. **Arquivologia e Ciência da Informação**. Rio de Janeiro: FGV, 2005. 1124p.

FONSECA, Luis Belard da. **Atelier heráldico**. Disponível em: <<http://www.armorial.net/>>. Acessado em 27 de fev. 2009.

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas**. São Paulo: Martins Fontes, 1999. 541 p.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Zahar, editores RJ, 1978.

GODOY, A. S. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 35, n. 3, p. 20-29, maio/jun. 1995.

GOMBRICH, Ernest Hans. **Arte e ilusão: um estudo da psicologia da representação pictórica**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 207. 386p.

GOMES, Hagar Espanha (Org.). **Ciência da Informação ou Informática**. Rio de Janeiro: Calunga, 1980. 112p.

GOMES FILHO, João. **Gestalt do objeto: sistema de leitura visual da forma**. São Paulo: Escrituras, 2002, 125p.

GOODMAN, Nelson. **Maneras de Hacer Mundos**. Madrid: Visor, 1978. 198p.

GOODMAN, Nelson. **Languages of art**. Indianápolis: Bobbs-Merrill, 1968. 257p.

GUINCHAT, Claire; MENOU, Michel. **Introdução Geral às Técnicas da Informação e Documentação**. Brasília: IBICT, FBB, 1994.

HERALDARIA.COM. **Heráldica**. Disponível em <<http://www.heraldica.com/heraldicac.hph>>. Acessado em 20 de jan. de 2009.

HJELMSLEV, Louis. **Prolegômenos a uma teoria da linguagem**. Trad. José Teixeira Coelho Netto. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2003.

INSTITUTO GENEALOGICO DA BAHIA, 2009. Disponível em: <<http://www.jbcultura.com.br/IGB/capaigb.htm>>. Acessado em 22 de maio de 2009.

JAMBEIRO, Othon; GOMES, Henriette Ferreira (Org.). **Informação: contextos e desafios**. Salvador: Instituto de Ciência da Informação. Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação, 2003. 218p. 11.

JOLY, Martine. **Introdução a análise da imagem**. Campinas (SP); Papirus, 1996.

LE COADIC, Yves-François. **A ciência da informação**. Brasília, DF: Briquet de Lemos/Livros, 1996.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de Metodologia Científica**. São Paulo: Atlas, 2007. 315p.

LOPES, Carlos. **A imagem e o sonho da arquivística**. Rio de Janeiro: Arquivo Público, 1998.

LUBISCO, Nídia M. L.; VIEIRA, Sônia Chagas. **Manual de Estilo Acadêmico: monografias, dissertações e teses**. Salvador: Núcleo de Pós-Graduação em Administração da UFBA, 2001. 100p.

- LUBISCO, Nídia M. L.; BRANDÃO, Lidia M. B.(Org.). **Informação & Informática**. Salvador: EDUFA, 2000. 306p.
- MANGUEL, Alberto. **Lendo imagens: uma história de amor e ódio**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- MARCONDES, Carlos Henrique. et al (Org.). **Bibliotecas Digitais: saberes e práticas**. Salvador (BA): EDUFBA; Brasília: IBICT, 2005. 278p. il.
- MARCONDES, Carlos Henrique. Representação econômica da informação. **Ciência da Informação**, Brasília, v.30, n.1, p.61 -70, Jan/abr. 2001.
- MARTIN, Michel. **Semiología de La Imagen y Pedagogia: por una pedagogia de la investigacion**. Madrid: Narcea S.A. de Ediciones, 1987. 205p.
- MATTOS, Carmélia (Coord.). **Manual Prático de Catalogação: materiais especiais**. Salvador: EDUFA, 2001. 85p.
- MATURANA, Humberto. **Cognição, ciência e vida cotidiana**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001. 208p.
- MCGARRY, Kevin. **O contexto dinâmico da Informação: uma análise introdutória**. Brasília: Briquet de Lemos, 1999. 206p.
- MEADOWS, AJ. **A Comunicação Científica**. Traduzido por Antonio A. B. de Lemos. Brasília: Briguet e Lemos/Livros, 1999.260p.
- MENDONÇA, Ercilia Severina. A Linguística e a Ciência da Informação: estudos de uma interseção, **Ciência da Informação**, Brasília, v. 29, n. 3, p. 50-70, set./dez. 2000.
- MERRELL, Floyd. **Introducción a la semiótica de C. S. Peirce**. Maracaibo-Venezuela, Universidad del Zulia, 1998.
- MIRANDA, Antonio. **Ciência da Informação: teoria e metodologia de uma área em expansão**. Brasília: Thesaurus, 2003.220p.
- MOREIRO GONZÁLEZ, José Antonio. **Conceptos introductorios al estudio de la informacion documental**. Lima (Peru): Pontificia Universidad del Peru, 2005. 346p.
- MOREIRO GONZÁLEZ, José Antonio; ROBLEDANO ARILLO, Jesús. **O conteúdo da imagem**. Traduzido por Leilah Santiago Bufrem. Curitiba: Ed.da UFPR, 2003. il.
- MOURA, Maria Aparecida. Ciência da Informação e Semiótica: conexão de saberes, **R. Eletro. de Biblioteconomia, Ciência da Informação**, Florianópolis, 2º número esp., 2º sem. 2006.
- NAVES, Madalena Martins Lopes; KURAMOTO, Hélio (Org.). **Organização da Informação: princípios e tendências**. Brasília: Briquet de Lemos, 2006. 142p.
- NEVES, Dulce Amélia. Ciência da Informação e Cognição Humana: uma abordagem de processamento da informação, **Ciência da Informação**, v. 35, n. 1, p. 39-44, jan./abr. 2006.
- NEIVA JR, Eduardo. **A imagem**. Série Princípios: São Paulo, Ática, 1994.

NIEMEYER, Lucy. **Elementos de semiótica aplicados ao design**. Rio de Janeiro: 2AB, 2003,76p. il.

NÖTH, Winfried. **A Semiótica no Século XX**. São Paulo, Annablume, 1996.

NÖTH, Winfried. **Panorama da Semiótica: De Platão a Peirce**. São Paulo, Annablume, 1995.

ONÇA, Fabio **Heráldica: arte dos brasões**. Disponível em <<http://historia.abril.com.br/politica/heraldica-arte-brasoes-4434422.shtml>>. Acessado em 20 de março de 2009.

PANOFSKY, Erwin. **Significado das artes visuais**. São Paulo: Perspectiva, 1991.

PANOFSKY, Erwin. **Estudos de Iconologia: Temas humanísticos na arte do renascimento**. Lisboa: Editorial Estampa. 1995.

PEDROSA, Tais Moraes Campos. **Significado e significante da cor no processo informacional: estudo aplicado na construção de interfaces digitais para a web**. Salvador, 2007.174p. Dissertação (mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Federal da Bahia. Instituto de Ciência da Informação. 2007.

PEDROSA, Tais Moraes Campos; TOUTAIN, Lídia Brandão. O uso das cores como informação em interfaces digitais. In: VI CINFORM. **Anais**. Salvador: UFBA, 14 a 17 de julho de 2005, 10 pág.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003, (Coleção História & Reflexões).

PEIRCE, Charles Sanders. **Semiótica**. Trad. José Teixeira Coelho Netto. São Paulo: Perspectiva, 1995.337p.

PEIRCE, Charles Sanders. **Semiótica e filosofia; textos escolhidos**. São Paulo: Cultrix, 1972. 164p.

PIGNATARI, Décio. **Semiótica da Arte e da Arquitetura**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2004. 187p.

PINTO, J. Semiótica e informação. **Perspectiva em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 87-92, jan./jun. 1996.

POBLACION, Dinah Aguiar; WITTER, Geraldina Porto; SILVA, José F. Modesto da. **Comunicação & Produção Científica: contexto, indicadores e avaliação**. São Paulo: Angellara, 2006.

RICHARDSON, Roberto Jerry. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. 3. ed. São Paulo: Atlas,1999.

ROBREDO, Jaime. **Da Ciência da Informação Revisitada: aos sistemas humanos de informação**. Brasília: Thesaurus, 2003. 262p.

ROBREDO, Jaime. **Documentação de Hoje e de Amanhã: uma abordagem revisitada e contemporânea da Ciência da Informação e de suas aplicações biblioteconômicas documentaria arquivistas e musicológicas**. Brasília: Edição de Autor, 2005. 407p.

ROBREDO, Jaime. Filosofia da ciência da informação ou ciência da informação e filosofia? In: TOUTAIN, Lúcia (org.). **Para entender a ciência da informação**. Salvador: EDUFBA, 2007. p. 35-73. (Sala de aula, v.6).

RODRIGUES, Georgete Medleg; LOPES, Ilza Leite (Org.). **Organização e representação do conhecimento na perspectiva da Ciência da Informação: estudos avançados em Ciência da Informação**. Brasília: CID, 2004. 300p.

SANTAELLA, Lucia. **A Teoria geral dos Signos: como as linguagens significam as coisas**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2004. 153p.

SANTAELLA, Lucia. **Matrizes da Linguagem e Pensamento: sonora visual verbal: aplicações na hipermídia**. São Paulo: Iluminuras, 2005. 431p.

SANTAELLA, Lucia. **O Que é Semiótica**. São Paulo: Brasiliense, 2007. 87p.

SANTAELLA, Lucia. **Semiótica Aplicada**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning. 2005. 186p.

SANTAELLA, Lucia; NOTH, Winfried. **Imagem: cognição, semiótica, mídia**. São Paulo: Iluminuras, 2005. 222p.

SANTAELLA, Lúcia. **A assinatura das coisas: Peirce e a literatura**. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

SANTOS, Ana Carolina L.; SILVA, Bejamim Picado S. **Modos de representação e percepção: o caso da ilustração fotográfica**. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIENCIAS DA COMUNICAÇÃO, 31. , 2008, Natal, RN. **Anais...** Natal, RN: Intercom, 2008.p. 1 -15.

SARACEVIC, T. Ciência da Informação: origem, evolução e relações. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 41-62, jan./jun. 1996.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Lingüística Geral**. São Paulo: Cultrix, 1971.

TARAPANOFF, Kira (Org.). **Inteligência, Informação e Conhecimento**. Brasília: IBICT, UNESCO, 2006. 456p.

TARGINO, Maria das Graças. **Olhares e fragmentos: cotidiano da biblioteca e ciência da informação**. Teresina: EDUFPI, 2006. 266p.

TOUTAIN, Lúcia Maria Batista Brandão. Representação da informação visual segundo a ontologia e a semiótica. In: Toutain, Lidia Brandão (Org.). **Para entender a ciência da informação**. Salvador: EDUFBA, 2007. p. 91 – 101.

TOUTAIN, Lúcia Maria Batista Brandão. **Epistemologia de la comunicaci3n**: um an3lisis semi3tico de la informaci3n atraves de la imagen de la industria. Leon, 2003. 277 p. Tese (Doutorado em Comunica3o, A3o e Conhecimento) - Universidade de Leon. Departamento de Filosofia y Ci3ncias de la Educacion. 2003. [na fonte: Lúcia Maria Batista Brandão]

TRIVINOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987. 175 p.

UNISINOS, Ione. **Sentido e comunicação**. s.ed. 2005.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA, Departamento Cultural da Reitoria. **Notícia histórica da universidade da Bahia**. Salvador: Fundação Gonçalo Muniz, 1967. 102p.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA, Departamento Cultural da Reitoria. **Catalogo geral**. Salvador: Gráfico Bloch S.A., 1966. 117p.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA, Departamento Cultural da UFBA. **Documentos históricos**. Salvador: UFBA, 1971.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. **Visão do passado vontade do presente caminho do futuro**. Salvador: UFBA, 1999. 22p.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA – Relatório de Gestão 2008. **Portal da UFBA**. Disponível em: < http://www.proplad.ufba.br/ftp/relatorio_2008/relatorio_gestao_2008.pdf >. Acessado em 22 de maio de 2009.

UNIVERSITY OF NOTREDAME. **Heraldic Dictionary**. Disponível em <<http://www.rarebooks.nd.edu/digital/heraldry>>. Acessado em 15 de jan.2009.

VALENTIM, Marta Lúcia (Org.). **Formação do Profissional da Informação**. São Paulo: Polis, 2002. 153p.

VAQUERIZO ROMERO, Félix. **Manual de Heráldica española**. Espanha: Trigo Ediciones sdp. 174p.

WEHLING, Arno. **Estado, história, memória**: a construção da identidade nacional. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

APÊNDICES

- a. Explicação descritiva do heraldista: para cada brasão existe um documento individual descritivo pelos heraldistas, o conteúdo desses textos e a imagem de cada brasão foram utilizados na elaboração da **Ficha Descritiva do Heraldista**, ficando assim um único documento.
- b. Modelo da **Ficha Interpretativa dos Brasões**.

FICHAS DESCRITAS PELO HERALDISTA



BRASÃO DE ARMAS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

Escudo: de azul fendido de prata em corte de dois ramos de oliveira.

Insígnias: três tochas de ouro acesas ao natural.

Lema: “*VIRTUTE SPIRITUS*” (Pela força do espírito).

Comentários:

A oliveira era entre os antigos dedicada a Deusa Minerva (chamada Aténa pelos gregos), divindade da sabedoria. Os gregos e romanos atribuíram-lhe a descoberta do plantio da oliveira, assim como o invento da produção do azeite, que usavam para tornar o corpo forte e ágil na luta. Por isso os gladiadores e atletas usaram o azeite para untar os seus corpos.

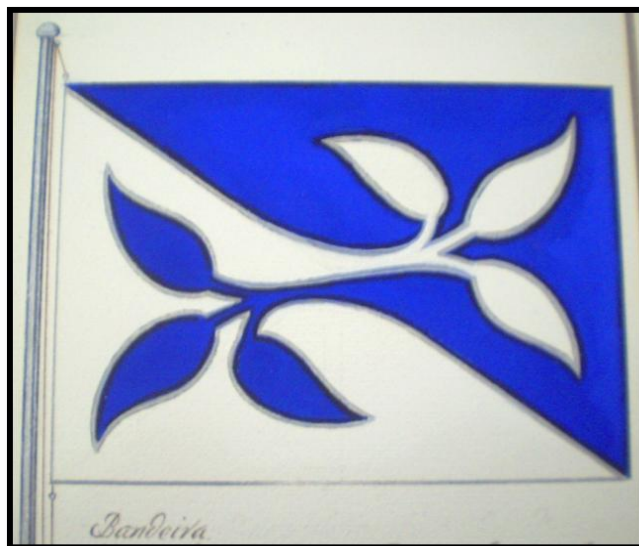
Entre os cristãos, o azeite de oliveira, em grego crisma, é considerado símbolo da força espiritual e da sabedoria, que emanada fonte de todas as forças, da sede de toda sabedoria, que é o próprio Deus.

Simboliza ainda o ramo de oliveira a paz verdadeira que somente é possível onde reina a sabedoria haurida na sabedoria divina, fonte e norma de todas as ciências divinas e humanas.

O ramo de oliveira é um símbolo genuinamente baiano, pois encontramos-lo na figura honorífica do escudo da Cidade do Salvador.

Projetado aos 17 de setembro de 1951 por irmão Paulo OSB

BANDEIRA DA UFBA



BANDEIRA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

Bandeira: A dimensão é equivalente a Bandeira Nacional

Autor: Victor Hugo

Ano: 1991

INSIGNIA DO REITOR



INSÍGNIA DO REITOR DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

Insígnia do Reitor

Dimensão: Dimensão da Bandeira Nacional

Autor: Victor Hugo

Ano: 1991

PENDÃO DA UFBA



PENDÃO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

Pendão: Dimensão: Dimensão 1,50 x 1,50m

Ano: 1991

Notas de Rodapé:

Armas da UFBA – Desenhado por Victor Hugo Carneiro Lopes e criadas pelo irmão Paulo Lachenmayer.

AREA I



FACULDADE DE ARQUITETURA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

BRASÃO DE ARMAS

Escudo: Esquartelado; I e IV de azul, fendido de prata em cortes de dois ramos de três folhas de oliveira, entre – cambados; II e III de azul, carregado com três colunas dóricas assentadas sobre um consolo e rematadas por uma trave, sendo tudo de prata.

Lema: *FIRMITA UTILITAS VENUSTAS* (Firmeza, utilidade e beleza).

Comentário:

Os quartéis fendidos retratam o escudo da Universidade Federal da Bahia, da qual faz parte a Faculdade em epígrafe. Os campos restantes notam peças arquitetônicas representativas de importantes objetivos profissionais, fundamentados na firmeza, utilidade e beleza, consoante bem expressa o enunciado do seu lema.

Salvador, 03 de Agosto de 1991

Por: Victor Hugo C. Lopes

Texto correspondente ao original nº 05.



INSTITUTO DE FÍSICA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

BRASÃO DE ARMAS

Escudo: Esquartelado; I e IV de azul, fendido de prata em corte de dois ramos de três folhas de oliveira, entre - cambados; II e III de azul, um pêndulo de prata.

Lema: *ABDITE RERUM CAUSAE.*

Comentário:

A Universidade Federal da Bahia, à qual está filiado o Instituto epigrafado, é figura nos quartéis I e IV pelo campo do seu escudo. Os quartéis II e III trazem sobre azul um pêndulo de prata – alusivo a uma das observações fundamentais da Física moderna, cuja essência procura as causas ocultas dos fenômenos, como bem evoca o enunciado do seu mote “*Abdite rerum causae*”.

Salvador, 15 de Janeiro de 1992

Por: Victor Hugo C. Lopes
 Texto correspondente ao original nº 10.



INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

BRASÃO DE ARMAS

Escudo: Esquartelado; I e IV de azul, fendido de prata em corte de dois ramos de três folhas de oliveira, entre cambados; II e III de azul, uma esfera armilar, de ouro.

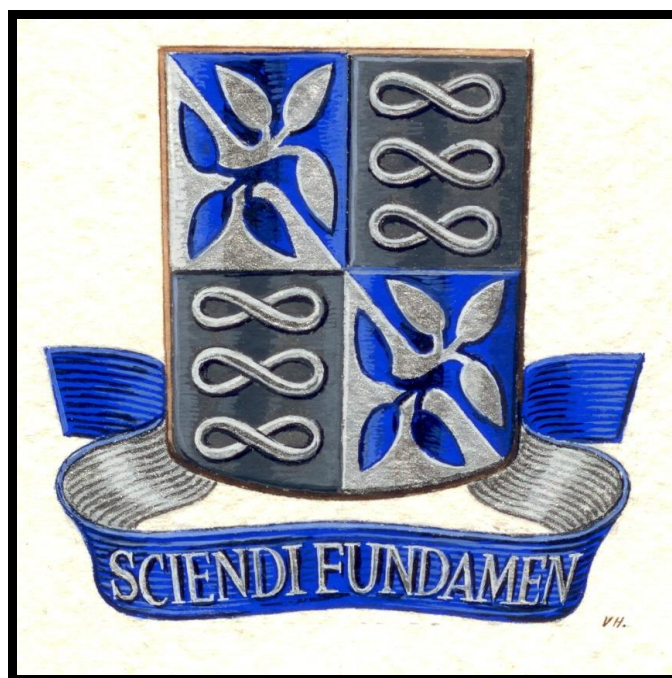
Lema: *ULTRA ORBEM DOCET.*

Comentários:

Os Campos fendidos contêm o escudo da Universidade Federal da Bahia, entidade “ma ter” deste Instituto. Os demais campos carregam uma esfera armilar de ouro sobre azul – alegoria Heráldica da Geociência, cujos estudos progridem no conhecimento do universo, portanto, muito além da terra – como manda ensinar o – seu mote “*Ultra orbem docet*”.

Salvador, 10 de Janeiro de 1992

Por: Victor Hugo C. Lopes
 Texto correspondente ao original nº 12.



INSTITUTO DE MATEMÁTICA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

BRASÃO DE ARMAS

Escudo: Esquartelado; I e IV de azul, fendido de prata em corte de dois ramos de três folhas de oliveira, entre cambados; II e III de preto, três sinais de infinito, de prata e arrumados em pala.

Lema: *SCIENDI FUNDAMEN.*

Comentários:

Os quartéis I e IV são representativos da Universidade Federal da Bahia por ostentarem o campo do seu escudo. Nos demais quartéis, sobre o esmalte próprio do saber estão firmados os sinais de infinito, alusivos aos valores máximos e mínimos do universo matemático, na busca da exatidão e dos fundamentos da ciência, como conceitua seu lema “*Sciendi fundamen*”.

Salvador, 11 de Janeiro de 1992

Por: Victor Hugo C. Lopes

Texto correspondente ao original nº 09.



INSTITUTO DE QUIMICA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

BRASÃO DE ARMAS

Escudo: Esquartelado; I e IV de azul, fendido de prata em corte de dois ramos de três folhas de oliveira, entre cambados; II e III de azul, duas retortas, justapostas, cruzadas, de prata, sobrepostas a um hexágono vazio, do mesmo metal.

Lema: *ARCANA INEO NATURAE.*

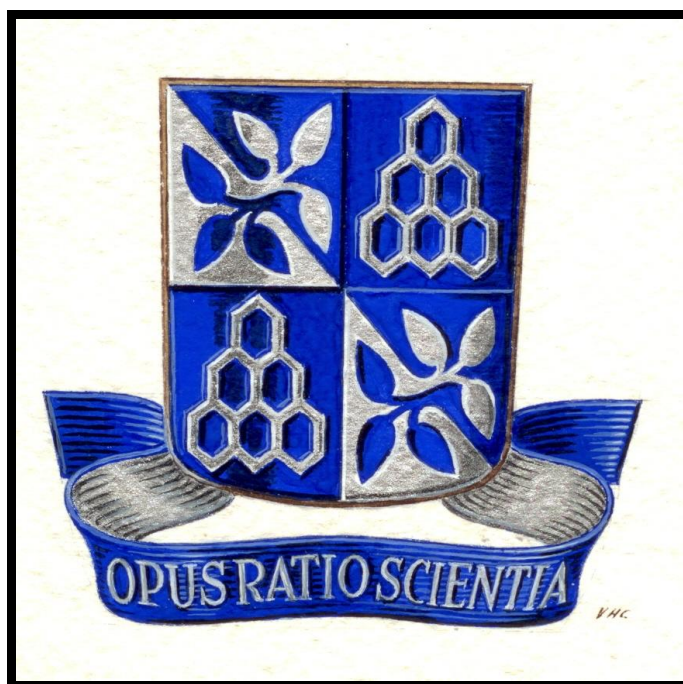
Comentário:

O primeiro e o quarto campo do esquartelado exhibe os elementos heráldicos do escudo da Universidade Federal da Bahia, da qual faz parte o Instituto de Química. Este é aludido nos quartéis II e III pelo hexágono e pelas retortas, figuras próprias desta ciência, que se realiza penetrando nos segredos da natureza dos elementos, conforme conceitos de sua divisa “*Arcana ineo naturae*”.

Salvador, 14 de janeiro de 1992

Por: Victor Hugo C. Lopes

Texto correspondente ao original nº 11.



ESCOLA POLITÉCNICA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

BRASÃO DE ARMAS

Escudo: Esquartelado; I e IV de azul, fendido de prata em cortes de dois ramos de oliveira, com três folhas, entre - cambados; II e III de azul, carregado com seis alvéolos de colméia, de prata, dispostos em pirâmide.

Lema: *OPUS RATIO SCIENTIA*.

Comentário:

Os quartéis fendidos ostentam o escudo da Universidade Federal da Bahia, da qual faz parte a Escola Politécnica. Os campos restantes aludem à Engenharia, em suas cores e alegorias, falantes do trabalho científico e arrazoado, como bem enuncia o seu lema “*Opus ratio scientia*”.

Salvador, 06 de Agosto de 1991

Por: Victor Hugo C. Lopes
 Texto correspondente ao original nº 03

AREA II



ESCOLA DE AGRONOMIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

BRASÃO DE ARMAS

Escudo: Esquartelado; I e IV de azul, fendido de prata em corte de dois ramos de três folhas de oliveira, entre cambados; II e III de verde, uma árvore estilizada, de ouro, com três galhos de cinco folhas, e três raízes.

Lema: *JUVENT ARVA GENTES*.

Comentário:

Os quartéis fendidos apresentam o escudo da Universidade Federal da Bahia, da qual é integrante a Escola em referencia. Esta é representada nos outros quartéis pela árvore dourada, símbolo heráldico e essência da Agronomia tradicional e moderna, cuja pesquisa permanente, no conceito de sua divisa “*Juvent arva gentes*”, faz com que os campos favoreçam a humanidade.

Salvador, 12 de Janeiro de 1992

Por: Victor Hugo C. Lopes.

Texto correspondente ao original nº 03.



INSTITUTO DE BIOLOGIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

BRASÃO DE ARMAS

Escudo: Esquartelado; I e IV de azul, fendido de prata em corte de dois ramos de três folhas de oliveira, entre cambados; II e III de verde, dois círculos entrelaçados, arrumados em banda, projetando o primeiro, da direita, uma seta para o chefe, e o oposto uma cruz para o contra – chefe, projeções estas dispostas em barra, sendo o conjunto de ouro.

Lema: *FOVENDA USQUE VITA.*

Comentário:

Os campos fendidos reproduzem o escudo da Universidade federal da Bahia, da qual é orgânico o Instituto intitulado. Os quartéis restantes ostentam consagrado emblema da Biologia, representativo da continuação da vida, perpetuação das espécies, favorecidas pelos estudos e pesquisas biológicas, como bem ressalta o enunciado do seu lema “*Fovenda usque vita*”.

Salvador, 14 de Janeiro de 1992

Por: Victor Hugo C. Lopes

Texto correspondente ao original nº 14.



ESCOLA DE ENFERMAGEM DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

BRASÃO DE ARMAS

Escudo: Esquartelado; I e IV de azul fendido de prata em corte de dois ramos de três folhas de oliveira, entre cambados; II e III de azul carregando com três Lâmpadas, de prata, acessas de vermelho.

Lema: *FAC TU SIMILITER.*

Comentário:

Os campos fendidos mostram o escudo da Universidade Federal da Bahia, da qual faz parte a Escola de Enfermagem. Esta é simbolizada nos quartéis II e III, pelas lâmpadas acessas de vigilância. Fundamenta o enunciado do lema “*Fac tu Similiter*” - faze tu igualmente, o acolhimento do conselho do Divino Mestre na parábola do Bom Samaritano, pela enfermeira que tem no seu semelhante, enfermo, aquele que mais necessita do seu zelo e de sua competência.

Salvador, 06 de Agosto de 1991

Por: Victor Hugo Carneiro Lopes

Texto correspondente ao original nº 10.



ESCOLA DE FARMÁCIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

BRASÃO DE ARMAS

Escudo: Esquartelado I e IV de azul, fendido de prata em corte de dois ramos de três folhas de oliveira, entre cambados, II e III de verde, uma ânfora contendo dois ramos de oliveira voltados para a direita, enroscada por uma serpente que procura seu conteúdo pelo flanco oposto, sendo tudo de ouro.

Lema: *RATIO SIT SALUTI.*

Comentário:

Os quartéis I e IV constituem o escudo da Universidade Federal da Bahia, da qual faz parte a Escola supracitada. Os campos restantes exibem o símbolo universal da Farmácia, alusivo aos atributos desta ciência que desenvolve o cálculo etimológico em proveito da saúde como bem conceitua o seu mote “*Ratio sit saluti*”.

Salvador, 15 de Janeiro de 1992

Por: Victor Hugo C. Lopes
Texto correspondente ao original nº 05.



INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

BRASÃO DE ARMAS

Escudo: Esquartelado I e IV de azul, fendido de prata em corte de dois ramos de três folhas de oliveira, entre cambados; II e III de verde, um pilar enroscado por uma serpente, sendo o conjunto sainte e de ouro.

Lema: *SANI AD IMA*.

Comentários:

Os campos I e IV do esquartelado refletem a composição do escudo da Universidade Federal da Bahia, da qual é orgânico o Instituto em epígrafe. Este está simbolizado nos quartéis II e III por uma cobra envolvendo um pilar, conjunto que, serpentífero alude, simultaneamente, á sanidade e à ciência; e, colunar e sainte indica desideratos da unidade ministradora dos princípios basilares da saúde, consoante bem registra sua divisa “*Sani ad ima*”.

Salvador, 15 de Janeiro de 1992

Por: Victor Hugo C. Lopes

Texto correspondente ao original nº 15



FACULDADE DE MEDICINA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

BRASÃO DE ARMAS

Escudo: Esquartelado; I e IV de azul, fendido de prata em corte de dois ramos de três folhas de oliveira, entre cambados; II e III de verde, um bastão de Esculápio envolvido por uma serpente, sendo tudo de ouro.

Lema: *SANARE ATQUE SERVARE* (Curar e conservar).

Ornamento Exterior: Insígnia formada com algarismos indicativos do ano de fundação da Faculdade mais antiga da Bahia.

Comentário:

Os quartéis fendidos representam o escudo da Universidade Federal da Bahia, da qual é hoje integrante a vetusta Faculdade. A ciência médica está representada nos II e III campos, em suas cores e alegorias, de simbolismo universalmente consagrado.

Salvador, 02 de Agosto de 1991

Por: Victor Hugo C. Lopes

Texto correspondente ao original nº 01.



ESCOLA DE NUTRIÇÃO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

BRASÃO DE ARMAS

Escudo: Esquartelado; I e IV de azul fendido de prata em corte de dois ramos de três folhas de oliveira, entre cambados; II e III de verde, uma espiga de trigo atravessada por uma balança e em brocante sobre tudo, uma serpente envolvendo as duas figuras, sendo tudo, de ouro.

Lema: *VITALIS VICTUS.*

Comentário:

A Universidade Federal da Bahia, à qual esta incorporada esta Escola está representada por seu escudo nos quartéis I e IV.

“O alimento que dá a vida” é tradução de frases de Cícero, que a Escola de Nutrição ostenta como seu lema, interpretando a existência resultante de equilibrada alimentação dependente da prescrição medicinal, consoante figuração exposta nos campos restantes.

Salvador, 01 de Agosto de 1991

Por: Victor Hugo C. Lopes

Texto correspondente ao original nº 12.



FACULDADE DE ODONTOLOGIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

BRASÃO DE ARMAS

Escudo: Esquartelado; I e IV de azul, fendido de prata em corte de dois ramos de três folhas de oliveira, entre cambados; II e III de vermelho, uma broca envolvida por uma serpente, sendo tudo de prata.

Lema: *LACERANDO TAMEN CONSTRUO.*

Comentário:

Os quartéis fendidos apresentam o escudo da Universidade Federal da Bahia, da qual é integrante a Faculdade titulada. A odontologia está simbolizada pela broca e pela serpente, representativas, respectivamente, do instrumento específico e da arte médica, sendo a ferramenta o motivo do lema que a define dilaceradora visando a restauração protética.

Salvador, 02 de Agosto de 1991

Por: Victor Hugo C. Lopes

Texto correspondente ao original nº 06.



INSTITUTO DE SAÚDE COLETIVA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

BRASÃO DE ARMAS DESCRIÇÃO HERÁLDICA

Escudo: Esquartelado; I e IV fendido de prata, disposto em corte de dois ramos com três folhas de oliveira, entre cambados; II e III de verde uma estrela de cinco pontas, resplendorada de dez raios e envolvida por uma serpente, sendo tudo de ouro.

Lema: *CUNCTIS AEQUA SALUS* – (Saúde para todos) em letra de prata sobre listel azul .

Comentário:

Os quartéis fendidos são alusivos à Universidade Federal da Bahia à qual pertence o Instituto nominado.

Os cantões restantes, próprios desta unidade estão amparados nas considerações que se seguem.

Aqui conceituada no seu sentido mais amplo, a saúde esta retratada pelo campo verde e por uma serpente indicativa de sua singularidade. Esta simbologia fica complementada pelo metal dourado.

De larga representatividade, a estrela simboliza, nesta composição, o homem no seu aspecto genérico, o cunho governamental na administração existencial ideal e, portanto, seu caráter social pleno. O resplendor do pentagrama, especificamente seus raios, alude á abrangência tradutora do alcance coletivo.

Com efeito, o conjunto heráldico define, em sua linguagem alegórica, as atenções e desideratos do Instituto, consoante bem expressa o enunciado do sue lema “*Cunctis aequa salus*”.

Salvador, 13 de Novembro de 1995

Por: Victor Hugo C. Lopes

Fontes: - Civic and Corporate Heraldry

- Geoffrey Briggs, 1971.

- Glossário dos Símbolos Universais

- Luis Pellegrinni, 1983.

- Sistema Heráldico da UFB

- Ir. Paulo Lachenmeyer, 1955.



ESCOLA DE MEDICINA VETERINÁRIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

BRASÃO DE ARMAS

Escudo: Esquartelado; I e IV de azul, fendido de prata em corte de dois ramos de três folhas de oliveira, entre cambados; II e III de verde, uma tocha acesa enroscada por uma serpente disposta em Contra-asna, com cabeça voltada para a chama, sendo tudo de ouro.

Lema: *BENE PECUDI FACIO.*

Comentário:

A Universidade Federal da Bahia, entidade “ma ter” desta Escola, está retratada pelo seu escudo nos quartéis I e IV. Os campos restantes apresentam atributos consagrados e caracterizados à Medicina Veterinária, alusivos à ciência e à saúde. Este segmento da medicina se sagra e se impõe em proveito do gênero humano, beneficiando o animal, consoante a paráfrase contida no seu lema “*Bene pecudi facio*”.

Salvador, 11 de Janeiro de 1992

Por: Victor Hugo C. Lopes
Texto correspondente ao original nº 04.

AREA III



ESCOLA DE ADMINISTRAÇÃO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

BRASÃO DE ARMAS

Escudo: Esquartelado; I e IV de azul, fendido de prata em corte de dois ramos de três folhas de oliveira, entrecambados; II e III de preto, um organograma formado por três bilhetes, de prata.

Lema: *ACTIO ET RATIO.*

Comentário:

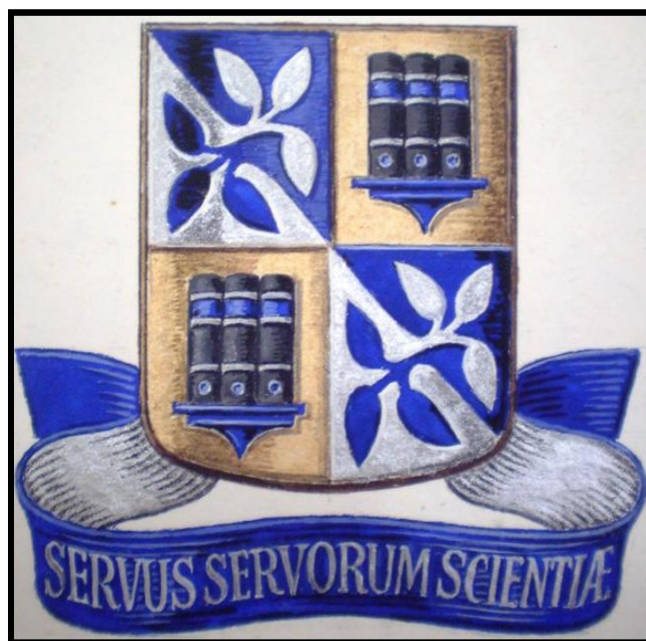
Nos quartéis fendidos figuram o escudo da Universidade Federal da Bahia, da qual faz parte a Escola epigrafada. Nas partições restantes estão figurados os organogramas, esquema de organização administrativa, emblema próprio desta ciência.

O lema – ação e razão exprimem o objetivo da escola, que é trazer para a atividade administrativa a luz da inteligência, fonte de eficiência e nexos com o bem comum.

Salvador, 04 de Agosto de 1991

Por: Victor Hugo C. Lopes

Texto correspondente ao original nº 08



ESCOLA DE BIBLIOTECONOMIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

BRASÃO DE ARMAS

Escudo: Esquartelado; I e IV de azul, fendido de prata em corte de dois ramos de três folhas de oliveira, entre cambados; II e III de ouro, três livros dispostos em pala e dorso, de preto com rótulo azuis, postos sobre prateleiras do mesmo esmalte (azul).

Lema: *SERVUS SERVORUM SCIENTIAE.*

Comentário:

Os quartéis fendidos constituem o escudo da Universidade Federal da Bahia, à qual está incorporada a Escola de Biblioteconomia. Esta é simbolizada dos campos restantes, cujas alegorias indicam o ramo de conhecimentos específicos. O lema define a elevada finalidade dos livros, como servo dos servos da ciência.

Salvador, 04 de Agosto de 1991

Por: Victor Hugo C. Lopes

Texto correspondente ao original nº 11



FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

BRASÃO DE ARMAS

Escudo: Esquartelado; I e IV de azul, fendido de prata em corte de dois ramos de três folhas de oliveira, entre cambados; II e III, de azul uma folha de acanto, de ouro.

Lema: *CUNCTIS PROSINT BONA.*

Comentário:

Os quartéis fendidos são da Universidade Federal da Bahia à qual está agregada a Faculdade de Ciências Econômicas. As folhas de acanto figuradas nos campos restantes simbolizam universalmente as ciências econômicas que, consoante o enunciado do lema “*Cunctis prosint bona*”, devem coroar seus esforços no propósito de servir ao bem comum.

Salvador, 06 de Agosto de 1991

Por: Victor Hugo C. Lopes

Texto correspondente ao original nº 07.



FACULDADE DE COMUNICAÇÃO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

BRASÃO DE ARMAS

Escudo: Esquartelado; I e IV de azul, fendido de prata em corte de dois ramos de três folhas de oliveira, entre cambados; II e III de vermelho, uma pena sobrepostas a duas trombetas cruzados e laçadas, brocante sobre tudo, um compasso aberto, sendo o conjunto de prata.

Lema: *TIBI DUX VERUM.*

Comentários:

Os quartéis I e IV refletem o escudo da Universidade Federal da Bahia, à qual pertence a unidade referida. Os campos restantes ostentam a pena, as trombetas e o compasso alusivo ao equilíbrio funcional, alegorias consagradas respectivamente, à imprensa, publicidade e relações públicas cursos desta Faculdade que, na expressão do seu lema “*Tibi dux verum*”, toma por guia a verdade.

Salvador, 14 de Janeiro de 1992

Por: Victor Hugo C. Lopes

Texto correspondente ao original nº 02.



FACULDADE DE DIREITO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

BRASÃO DE ARMAS

Escudo: Esquartelado; I e IV de azul, fendido de prata em corte de dois ramos de três folhas de oliveira, entre cambados; II e III de vermelho, um sabre ajustado a uma balança, sendo tudo de prata.

Lema: *CUIQUE SUUM.*

Comentário:

Os quartéis fendidos apresentam o escudo da Universidade Federal da Bahia, entidade à qual está filiada a Faculdade de Direito, fundamentados no lema que constitui consagrado aforismo jurídico: o seu a seu dono.

Salvador, 05 de Agosto de 1991

Por: Victor Hugo C. Lopes

Texto correspondente ao original nº 02.



FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

BRASÃO DE ARMAS

Escudo: Esquartelado; I e IV de azul, fendido de prata em corte de dois ramos de três folhas de oliveira, entre cambados; II e III de vermelho, três estrelas de prata.

Lema: *EUNTES DOCET.*

Comentário:

Os quartéis fendidos carregam o escudo da Universidade Federal da Bahia, da qual faz parte esta Faculdade. As estrelas contidas nos outros quartéis representam a educação em sua finalidade mais abrangente, de ensinar e orientar para a vida os que lhe sucederão nesta distinta missão de moral e razão conforme o enunciado do seu lema “*Euntes docet*”.

Salvador, 12 de Janeiro de 1992

Por: Victor Hugo C. Lopes

Texto correspondente ao original nº 01



FACULDADE DE FILOSOFIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

BRASÃO DE ARMAS

Escudo: Esquartelado: I e IV de azul, fendido de prata em corte de dois ramos de três folhas de oliveira, entre cambados; II e III de púrpura, um mocho de prata, espalmado, agarrando um rolo de papel, sendo tudo do mesmo metal.

Lema: *BRASILIDUM SOBOLEM TRADITIONE PARO.*

Comentários:

Os quartéis fendidos ostentam o escudo da Universidade Federal da Bahia, à qual está subordinada a Faculdade nominada. Os estudos filosóficos estão aludidos nos II e III quartéis, por suas figuras e matrizes, universalmente consagrados.

Na essência do lema, fica expresso o propósito da Faculdade, em preparar as futuras gerações brasileiras.

Salvador, 02 de Agosto de 1992

Por: Victor Hugo C. Lopes

Texto correspondente ao original nº 04

AREA IV



INSTITUTO DE LETRAS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

BRASÃO DE ARMAS

Escudo: Esquartelado; I e IV de azul, fendido de prata corte de dois ramos de três folhas de oliveira, entre cambados; II e III de vermelho, três trifólios de prata.

Lema: *OMNIBUS COLLOQUOR.*

Comentário:

Os quartéis I e IV identificam a Universidade Federal da Bahia pelo campo do seu escudo, definindo-a entidade “ma ter” deste Instituto. Os quartéis II e III aludem aos estudos específicos desta unidade que assume o trifólio como símbolo heráldico de eficácia nas letras – veículo de compreensão e entendimento humano, de integração a todos os quadrantes, conforme seu lema “*Omnibus colloquor*”.

Salvador, 14 de Janeiro de 1992

Por: Victor Hugo C, Lopes

Texto correspondente ao original nº 13.

AREA V



ESCOLA DE BELAS ARTES DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

BRASÃO DE ARMAS

Escudo: Esquartelado; I e IV de azul, fendido de prata em corte de dois ramos de três folhas de oliveira, entre cambados; II e III de vermelho, carregado com três escudetes de prata.

Lema: antigo: *ABEST PULCRUM NISI RE IPSA PERENE.*

Lema atual: *PULCRUM PERENE TANTUM* (só há beleza, se eterno).

Comentário:

Os quartéis fendidos retratam o escudo da Universidade Federal da Bahia, da qual faz parte a Escola de Belas Artes. Os quartéis carregados com os escudetes de prata caracterizam os estudos artísticos na forma dos seus símbolos heráldicos internacionalmente reconhecidos.

Salvador, 03 de Agosto de 1991

Por Victor Hugo C. Lopes

Texto correspondente ao original n 09.



ESCOLA DE DANÇA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

BRASÃO DE ARMAS

Escudo: Esquartelado, I e IV de azul, fendido de prata em corte de dois ramos de três folhas de oliveira, entre cambados; II e III de vermelho, uma faixa dançada, de ouro, acompanhada em chefe, de um pentagrama do mesmo metal.

Lema: *BLANDA ARTE DUCO*.

Comentário:

Esta arte milenar está representada nos quartéis II e III por alegorias universalmente aceitas, constituídas de uma faixa dançada (*fess dancetty*) e de um pentagrama. A peça é falante da dança e o pentágono estrelado aqui simboliza, não só os cinco sentidos, como também o homem ideal unificado que se transforma num centro irradiante de vida, conduzindo com arte a alegria, consoante bem enunciada o seu lema “*Blanda arte duco*”.

Os quartéis restantes carregam o escudo da Universidade Federal da Bahia, à qual pertence a Escola de Dança.

Salvador, 12 de Janeiro de 1992

Por: Victor Hugo C. Lopes

Texto correspondente ao original nº 08.



ESCOLA DE MUSICA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

BRASÃO DE ARMA

Escudo: Esquartelado; I e IV de azul, fendido de prata em corte de dois ramos de três folhas de oliveira, entre cambados; II e III de azul, uma lira de prata.

Lema: ANIMIS ESCA.

Comentário:

Os campos I e IV do esquartelado reproduzam o escudo da Universidade Federal da Bahia, à qual está incorporada esta Escola. Os quartéis II e III mostram a lira, símbolo de representatividade universal, falante da Música que na expressão do seu mote “Animis esca”, se consagra como alimento dos espíritos.

Salvador, 12 de Janeiro de 1992

Por: Victor Hugo C. Lopes

Texto correspondente ao original nº 06.



ESCOLA DE TEATRO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE BAHIA

BRASÃO DE ARMAS

Escudo: Esquartelado; I e IV de azul, fendido de prata em corte de dois ramos de três folhas de oliveira, entre cambados; II e III de púrpura, duas máscaras justapostas, unidas em cima, disposta em asna e laçadas em chefe, expressando a da direita o riso e a oposta o pranto, sendo tudo de prata.

Lema: *CULTUM FOVERE.*

Comentário:

No primeiro e no quarto campo estão expostos atributos da universidade Federal da Bahia, à qual está filiada a Escola nominada. Os demais campos assinalam alegorias do drama e da comédia, emblema incontestado do teatro, soma de todas as artes e instrumento de cultura, cujo lema “*Cultum fovere*” bem exprime sua essência.

Salvador, 12 de Janeiro de 1992

Por: Victor Hugo C. Lopes

Texto correspondente ao original nº 07.

ORGÃOS SUPLEMENTARES



HOSPITAL UNIVERSITÁRIO PROFESSOR EDGAR SANTOS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

BRASÃO DE ARMAS

Escudo: Esquartelado; I e IV de azul, fendido de prata em corte de dois ramos de folhas de oliveira, entrecambados, II e III de verde, uma cruz vermelha perfilada de prata, sobreposta a dois bastões de esculápio, de ouro e cruzados.

Lema: *MODEOR AC DOCEO.*

Comentários:

Os quartéis fendidos aludem à universidade Federal da Bahia, à qual pertence o Hospital em referencia. Os quartéis restantes ostentam, na cor do seu campo e na alegoria formada pela cruz e pelos dois bastões de esculápio, os símbolos hospitalares de medicina humana.

O lema “*Medeor ac doceo*” define o nosocômio universitário que visa ao ensino da cura.

Salvador, 11 de fevereiro de 1991

Por: Victor Hugo C. Lopes

Texto correspondente ao origina nº 16.



MUSEU DE ARTE SACRA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

BRASÃO DE ARMAS

Escudo: Esquartelado; I e IV de azul, fendido de prata em corte de dois ramos de três folhas de oliveira, entre - cambados; II e III de preto carregado com mantel arqueado e rematado de uma cruzeta pátea, de prata, entre duas estrelas de seis raios do primeiro e uma estrela no contra – chefe do segundo, e, bordadura fendida de azul e prata.

Lema: *DECOR CARMELI.*

Comentário:

Os quartéis fendidos representam o escudo da Universidade Federal da Bahia – fundadora do museu titulado. Nos campos restantes figuram atributos heráldicos dos Carmelitas Descalços – Teresios, alusivos ao convento que abriga o estabelecimento homenagem bem expressa no lema “*Decor Carmeli*”, devoção de Nossa Senhora do Carmo. Por diferença, reiterada a gratidão à Universidade, bordadura de azul e prata.

Salvador, 02 de Agosto de 1991

Por: Victor Hugo C. Lopes

Texto correspondente ao original nº 13.

b. Modelo da Ficha Interpretativa dos Brasões

Ficha Interpretativa do Brasão	
Identificação	Figura n°:
Localização	
Tipologia	
Época de Construção	
Contextualização da Imagem	
Análise Formal	
Estado de Conservação	

ANEXOS

- a) RESOLUÇÃO Nº 01/08: Do Conselho Universitário da Universidade Federal da Bahia – UFBA, que introduz a legenda 1808 no Brasão da Universidade Federal da Bahia e dá outras providências.
- b) Cópia da descrição do Brasão de Armas da UFBA e sua simbologia, texto de autoria do heraldista Irmão Paulo Lachenmayer.
- c) Cópia da imagem do brasão de armas



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL MINISTÉRIO DA
EDUCAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
CONSELHO UNIVERSITÁRIO**

RESOLUÇÃO Nº 01/08

Introduz a legenda 1808 no brasão da Universidade Federal da Bahia e dá outras providências.

O Conselho Universitário da Universidade Federal da Bahia, participe dos eventos e celebrações comemorativas do bicentenário da Faculdade de Medicina da Bahia e dos 200 anos da instituição da Educação Superior do Brasil, por ato do Príncipe Regente D. João VI, em 18 de fevereiro de 1808, considerando:

I - que a antiga Escola de Cirurgia do Terreiro de Jesus constitui matriz não só da atual Faculdade de Medicina da Universidade Federal da Bahia, mas também do ensino médico superior do Brasil;

II - que a vetusta Faculdade de Medicina da Bahia já cultivava o *status* ôntico de Universidade, pois congregava em seu seio múltiplos cursos e programas de formação Cirurgia, Medicina, Farmácia, Odontologia e Obstetrícia - desenvolvendo atividades de ensino, pesquisa e extensão, disseminando-as por todo o território nacional;

III - que a *sede mater* da Medicina do Brasil acolhia em seu interior práticas e conteúdos das mais diversas áreas do conhecimento da época, como Filosofia, Antropologia, Etnologia, Etnografia, Línguas e Letras e, ainda;

IV - considerando ser tradição das mais antigas instituições de ensino superior européias e norte-americanas definirem a data de sua fundação a partir de suas origens e não de posteriores designações,

Art. 1º Determinar, no exercício de sua autonomia acadêmica e institucional, a introdução da legenda 1808, data de criação da antiga Escola de Cirurgia, atual Faculdade de Medicina da UFBA, no brasão da Universidade Federal da Bahia, em todos os seus documentos oficiais, timbres, medalhas e títulos honoríficos.

Art. 2º Esta resolução entra em vigor na data de sua aprovação.

Sala da Congregação da Escola Politécnica da UFBA, 25 de fevereiro de 2008.

Naomar Monteiro de Almeida Filho Reitor

Presidente do Conselho Universitário

cópia

BRASÃO DE ARMAS
DA UNIVERSIDADE DA BAHIA

Escudo: de azul fendido de prata em corte de dois ramos de oliveira.

Insígnias: três tochas de ouro acesas ao natural.

Lema: "Virtute spiritus" (pela força do espírito).

Comentário:

A oliveira era entre os antigos dedicada a Deusa Minerva (chamada Atêna pelos gregos), divindade da sabedoria. Os gregos e romanos atribuíram-lhe a descoberta do plantio da oliveira, assim como o invento da produção do azeite, que usavam para tornar o corpo forte e ágil na luta. Por isso os gladiadores e atletas usaram o azeite para untar os seus corpos.

Entre os cristãos, o azeite de oliveira, em grego crisma, é considerado símbolo da força espiritual e da sabedoria, que emana da fonte de todas as forças, da sede de toda sabedoria, que é o próprio Deus.

Simboliza ainda o ramo de oliveira a paz verdadeira, que somente é possível onde reina a sabedoria haurida na sabedoria divina, fonte e norma de todas as ciências divinas e humanas.

O ramo de oliveira é um símbolo genuinamente bahiano, - pois encontramos-lo na figura honorífica do escudo da Cidade do Salvador.

projetado aos 17 de setembro de 1951 por irm. Paulo OGB

